



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ARTES

JOSENAIDE HOLANDA BEZERRA

**“RESPEITE A MINHA ARTE”: DESENHO E (AUTO)BIOGRAFISMO COM
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

FORTALEZA

2024

JOSENAIDE HOLANDA BEZERRA

“RESPEITE A MINHA ARTE”: DESENHO E (AUTO)BIOGRAFISMO COM
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B469" Bezerra, Josenaide Holanda.
"Respeite a minha arte" : desenho e (auto)biografismo com crianças na educação infantil
/ Josenaide Holanda Bezerra. – 2024.
210 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte,
Programa de Mestrado Profissional em Artes, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Luciane Germano Goldberg.
1. Desenho infantil. 2. Autobiografismo. 3. Educação infantil. 4. Escola pública. 5.
Narrativas de vida. I. Título.

CDD 700

JOSENAIDE HOLANDA BEZERRA

“RESPEITE A MINHA ARTE”: DESENHO E (AUTO)BIOGRAFISMO COM
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

Aprovada em: 27/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros
Instituto Federal do Ceará (IFCE/PROFARTES)

Prof. Dr. Alexandre Santiago da Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe.

A todas as crianças que tive a oportunidade de conviver, ensinar e aprender com elas, compartilhando os saberes e as desimportâncias da vida cotidiana na escola.

AGRADECIMENTOS

À minha família, meus pais Antônia e Assis, meu alicerce, meu irmão Joseberg, companheiro nas tardes de desenho da minha infância, minhas irmãs Jocastra e Castiele, mulheres admiráveis que me inspiram, obrigada por me apoiarem, torcerem por mim sempre e comemorarem comigo cada conquista em toda minha trajetória pessoal e profissional até aqui. Vocês são minha fortaleza.

À minha querida mãe, em especial, minha grande incentivadora do desenho na minha infância, a mulher mais admirável que conheço, exemplo de fortaleza, paciência, sabedoria e fonte inesgotável de amor.

À Luciane Goldberg, minha orientadora inspiradora, que me ampliou o olhar com relação aos horizontes do desenho infantil e sua potência reveladora dos olhares e percepções das crianças - muito mais que uma orientadora nesse percurso, foi uma amiga sensível e afetuosa que me conduziu com carinho e profissionalismo nessa travessia: minha imensa gratidão.

À Sara Nina, cuja mentoria foi fundamental para que eu voltasse a acreditar que era possível realizar meu sonho de me tornar mestra em educação, após 20 anos da minha graduação; que segurou minha mão e disse que era possível, e me mostrou como percorrer esse caminho: minha mais sincera gratidão.

À banca, Alexandre, Wendel, pela leitura criteriosa, considerações e sugestões para esta pesquisa. Gratidão!

À Amy Rose, Cascão, Sonic, Daniele, Lady Bug e Suzete, crianças participantes desta pesquisa, que me presentearam com suas narrativas. Gratidão por confiarem e compartilharem comigo um pouco dos seus mundos e experiências.

À minha psicóloga Fernanda Cruz, por me acompanhar durante todo esse processo, por ser luz nos momentos mais difíceis.

Aos amigos e amigas que me apoiaram e celebraram junto comigo.

Ao Vicente Neto, meu revisor, amigo e companheiro em todos os momentos desta pesquisa. Gratidão por seu aconchego, seu apoio e sua doce companhia.

À Arides Costa, por suas palavras de conforto, por ter sido uma anja que me estendeu a mão no momento mais tenso dessa caminhada. Gratidão, minha anja.

À Ana Cristina, coordenadora do CEI Professor Martins de Aguiar pelo apoio, compreensão e incentivo.

“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul - Que nem uma criança que você olha de ave.” (Barros, 2016, p. 18).

RESUMO

Esta pesquisa parte das inquietações e observações de uma professora de escola pública e tem como objetivo geral compreender como a linguagem do desenho (Lowenfeld e Brittain, 1997; Meredieu, 2000; Derdyk, 2020, entre outras/os) pode contribuir para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil, a fim de identificar como elas contam suas histórias de vida por meio do desenho. Caracteriza-se como uma pesquisa com crianças, valorizando-as como protagonistas de suas histórias, tendo como participantes quatro crianças do Infantil IV, em um Centro de Educação Infantil (CEI) da Rede Municipal de Fortaleza (CE). Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2002), cujo caminho metodológico escolhido foi a abordagem (auto)biográfica (Delory Mombberger, 2008; Goldberg, 2016; Passeggi, 2014, 2021, entre outros/as). Compõe o *corpus* da pesquisa o conjunto dos registros fotográficos e das observações no diário de itinerância (Barbier, 2002); os desenhos elaborados e as narrativas orais das crianças. A produção de dados aconteceu em um “ateliê de artes”, criado dentro da própria escola, onde foram promovidos 8 encontros voltados para a produção das narrativas (auto)biográficas, oferecendo materiais de desenho e escuta-sensível (Barbier, 2002). A partir dessas narrativas, foi possível perceber aspectos importantes das histórias de vida das crianças, como a marcante presença dos conteúdos digitais na formação das mesmas, e que nós, educadores e cuidadores (famílias), devemos estar atentos sobre que conteúdos elas estão consumindo. Também foi possível constatar que esse espaço de escuta é importante para que as crianças possam se expressar, pois nos encontros elas falaram de si, de suas famílias, dos seus amigos, do seu cotidiano, seus sonhos, desejos, conflitos e até sobre seus silêncios. Dessa maneira, o desenho se mostra como importante via de acesso a suas narrativas de vida, desenvolvendo seu “(auto)biografismo” (Goldberg, 2019), suas narrativas autobiográficas desenhadas.

Palavras-chave: desenho infantil; autobiografismo; educação infantil; escola pública; narrativas de vida.

RESUMEN

Esta investigación se basa en las inquietudes y observaciones de una docente de escuela pública, y tiene como objetivo general comprender cómo el lenguaje del dibujo (Lowenfeld y Brittain, 1997; Meredieu, 2000; Derdyk, 2020, entre otros), puede contribuir al proceso (auto)biográfico de niños y niñas de la Educación Infantil, con el fin de identificar cómo cuentan sus historias de vida a través del dibujo. Se caracteriza por ser una investigación con niños, valorándolos como protagonistas de sus historias, con cuatro niños del nivel Infantil IV, como participantes, en un Centro de Educación Infantil (CEI) Red Municipal de Fortaleza (CE). Se trata de una investigación cualitativa (Minayo, 2002), cuyo camino metodológico elegido fue el enfoque (auto)biográfico (Delory Momberger, 2008; Goldberg, 2016; Passeggi, 2014, 2021, entre otros). El *corpus* de la investigación comprende el conjunto de registros fotográficos y observaciones del diario de itinerancia (Barbier, 2002); los dibujos realizados y las narrativas orales de los niños. La producción de datos se llevó a cabo en un “estudio de artes” creado dentro de la propia escuela, donde se realizaron 8 encuentros encaminados a producir narrativas (auto)biográficas, ofreciendo materiales de dibujo y escucha sensible (Barbier, 2002). A partir de estas narrativas fue posible percibir aspectos importantes de las historias de vida de los niños, como la marcada presencia de contenidos digitales en su formación, y que nosotros, educadores y cuidadores (familias), debemos ser conscientes de qué contenidos están consumiendo. También se pudo comprobar que este espacio de escucha es importante para que los niños se expresen, pues durante los encuentros hablaron de ellos mismos, de sus familias, de sus amigos, de su cotidianidad, de sus sueños, anhelos, conflictos y también de sus silencios. Por lo tanto, el dibujo es una forma importante de acceder a sus narrativas de vida, desarrollando su “(auto)biografía” (Goldberg, 2019), sus narrativas autobiográficas dibujadas.

Palabras-clave: dibujo infantil; autobiografía; educación infantil; escuela pública; narrativas de vida.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Momento de exposição de obras de arte e diálogo com as crianças sobre museus.....	23
Figura 2 –	Momento de apreciação das obras dos artistas.....	23
Figura 3 –	Momento de apreciação das obras dos artistas.....	23
Figura 4 –	Momento de pintura. As crianças são os artistas.....	24
Figura 5 –	Criança-artista desenhando seu autorretrato.....	25
Figura 6 –	Criança-artista desenhando seu autorretrato.....	25
Figura 7 –	Escola: CEI Professor Martins de Aguiar.....	62
Figura 8 –	Espaço onde seria montado o ateliê.....	62
Figura 9 –	Parque de areia onde as crianças brincam no recreio.....	63
Figura 10 –	Parque de areia onde as crianças brincam no recreio.....	63
Figura 11 –	Espaço onde aconteceu o ateliê.	64
Figura 12 –	Estrutura das salas de aula no CEI Professor Martins de Aguiar.....	64
Figura 13 –	Estrutura das salas de aula no CEI Professor Martins de Aguiar.....	65
Figura 14 –	Ateliê montado.....	66
Figura 15 –	Amy Rose (4 anos).....	68
Figura 16 –	Daniele (4 anos).....	69
Figura 17 –	Cascão (4 anos).....	70
Figura 18 –	Sonic (4 anos).	72
Figura 19 –	Kit de desenho.....	75
Figura 20 –	Kit personalizado.....	76
Figura 21 –	Caderno da Amy Rose.....	76
Figura 22 –	Caderno do Sonic.....	76
Figura 23 –	Caderno do Cascão.....	77
Figura 24 –	Caderno da Daniele.....	77
Figura 25 –	Capa do livro (1º, 2º e 3º encontro).....	79
Figura 26 –	Contando a história do livro (1º encontro).....	80
Figura 27 –	Crianças na mesa elaborando seus desenhos (1º encontro).....	81
Figura 28 –	Crianças na mesa elaborando seus desenhos (1º encontro).....	81

Figura 29 –	Crianças desenhando (1º encontro).....	82
Figura 30 –	Prática de yoga com as crianças (2º encontro).....	84
Figura 31 –	Momento da história e produção dos desenhos (2º encontro).....	85
Figura 32 –	Produção das crianças (3º encontro).....	88
Figura 33 –	Exercício respiratório, despertando os sentidos (8º encontro).....	89
Figura 34 –	Crianças no momento de desenho do autorretrato (8º encontro).....	90
Figura 35 –	Momento de desenho (4º encontro).....	94
Figura 36 –	5º Encontro do ateliê de desenho (Prática de yoga com as crianças).....	97
Figura 37 –	5º Encontro do ateliê de desenho (crianças desenhando).....	97
Figura 38 –	6º Encontro do ateliê.....	100
Figura 39 –	Momento de desenho (6º encontro).....	102
Figura 40 –	Lanche com as crianças no encerramento.....	104
Figura 41 –	Lanche com as crianças no encerramento.....	105
Figura 42 –	Espaço organizado para o encontro de encerramento.....	105
Figura 43 –	Momento de conversa com as crianças.....	106
Figura 44 –	Entrega do material de desenho.....	106
Figura 45 –	Crianças pintando no encontro de encerramento.....	107
Figura 46 –	Cascão desenhando.....	110
Figura 47 –	As peles (Cascão, 4 anos).....	111
Figura 48 –	Autorretrato (Cascão, 4 anos)	111
Figura 49 –	Desenho não nomeado (Cascão, 4 anos)	112
Figura 50 –	Autorretrato (Cascão, 4 anos)	113
Figura 51 –	Personagens do Roblox (Cascão, 4 anos)	113
Figura 52 –	Peppa Pig (Cascão, 4 anos)	114
Figura 53 –	Personagem Peppa Pig.....	114
Figura 54 –	Personagens da Roblox.....	115
Figura 55 –	Sequência de bandeiras (Cascão, 4 anos).....	116
Figura 56 –	Personagens (Vampiro, Azul babão e Fantasma)(Cascão, 4 anos).....	117
Figura 57 –	A Tia (professora), os alunos e o parquinho (Cascão, 4 anos).....	117
Figura 58 –	O cara pegando a bola (Cascão, 4 anos)	118

Figura 59 –	Minha família (Cascão, 4 anos)	119
Figura 60 –	Amy Rose desenhando.....	120
Figura 61 –	O remo do meu pai, o pau de parar a jangada, a jangada, o motor, a vela e meu pai (Amy Rose, 4 anos).....	122
Figura 62 –	Azul Babão (Amy Rose, 4 anos)	123
Figura 63 –	Figura original do personagem Azul Babão.....	123
Figura 64 –	Eu com meu amigo Sonic. Estou pensando que estou brava (Amy Rose 4 anos)	125
Figura 65 –	Capa do livro.....	126
Figura 66 –	Livro aberto.....	126
Figura 67 –	Amigo Sonic (Amy Rose, 4 anos).....	127
Figura 68 –	Azul Babão (Amy Rose, 4 anos).....	128
Figura 69 –	Camaro que custa “mil reais de dólares” (Amy Rose, 4 anos).....	129
Figura 70 –	Ursos de pelúcia (Amy Rose, 4 anos).....	130
Figura 71 –	“Urso de cachorro” (Amy Rose, 4 anos).....	130
Figura 72 –	Sonic musculoso e eu, Amy Rose, de tênis (Amy Rose, 4 anos).....	131
Figura 73 –	Motorhome (Amy Rose, 4 anos)	132
Figura 74 –	Sonic desenhando.....	133
Figura 75 –	Goku (Sonic, 4 anos).....	134
Figura 76 –	Goku, figura original.....	134
Figura 77 –	Figura original do Sonic.....	135
Figura 78 –	Metade de um corpo, escova e bambolê (Sonic, 4 anos).....	136
Figura 79 –	Azul Babão (Sonic, 4 anos).....	137
Figura 80 –	Autorretrato (Sonic, 4 anos).....	139
Figura 81 –	Goku (Sonic, 4 anos).....	140
Figura 82 –	Robô com lobo (Sonic, 4 anos).....	140
Figura 83 –	Wandinha (Sonic, 4 anos).....	141
Figura 84 –	Carro do Mr. Beast (Sonic, 4 anos).....	142
Figura 85 –	Bandeira do Brasil (Sonic, 4 anos)	143
Figura 86 –	Na sequência: Grinch, Orange, abóbora sorrindo e Azul Babão (Sonic, 4 anos).....	143
Figura 87 –	Boneco mangá (Sonic, 4 anos).....	144

Figura 88 – Tubarão mutante (Sonic, 4 anos).....	145
Figura 89 – Daniele desenhando.....	146
Figura 90 – Minha mãe e eu (Daniele, 4 anos).....	147
Figura 91 – Minha tia (Daniele, 4 anos).....	148
Figura 92 – Autorretrato (Daniele, 4 anos).....	148
Figura 93 – A tia com seu dinheiro pagando a terra (Daniele, 4 anos).....	149
Figura 94 – Bandeira do Fortaleza (Daniele, 4 anos).....	150
Figura 95 – Bandeira do Brasil Daniele, 4 anos).....	150
Figura 96 – Tia (Daniele, 4 anos).....	151
Figura 97 – Daniele e o irmão (Daniele, 4 anos).....	151
Figura 98 – Autorretrato (Daniele, 4 anos).....	152
Figura 99 – Meu pai sozinho (Cascão, 4 anos).....	154
Figura 100 – Minha família vestida de fruta (Cascão, 4 anos).....	154
Figura 101 – Minha família (Amy Rose, 4 anos).....	156
Figura 102 – Menino que morreu e virou Huggy Wuggy (Amy Rose, 4 anos)....	157
Figura 103 – Figura original do Huggy Wuggy.....	157
Figura 104 – Pitbull (Amy Rose, 4 anos).....	158
Figura 105 – Tentativas de desenho da família (Sonic, 4 anos).....	159
Figura 106 – Desenho da família (Sonic, 4 anos).....	160
Figura 107 – Minha família (Daniele, 4 anos).....	161
Figura 108 – Desenho sem identificação (Daniele, 4 anos).....	161
Figura 109 – Desenho sem identificação (Daniele, 4 anos).....	162
Figura 110 – Bandeira do Brasil (Cascão, 4 anos).....	163
Figura 111 – Bandeira do Brasil (Cascão, 4 anos).....	164
Figura 112 – Planeta Terra (Cascão, 4 anos).....	164
Figura 113 – Planeta Terra (Cascão, 4 anos).....	165
Figura 114 – Bandeira do Brasil (Cascão, 4 anos).....	166
Figura 115 – Bandeira do Brasil (Cascão, 4 anos).....	166
Figura 116 – Cascão desenhando.....	167
Figura 117 – Brincadeira de esconde-esconde (Amy Rose, 4 anos).....	168
Figura 118 – Bandeira do Brasil (Amy Rose, 4 anos).....	169
Figura 119 – Cachorro fantasiado de flor (Amy Rose, 4 anos).....	169
Figura 120 – Cachorro de pelúcia (Amy Rose, 4 anos).....	170

Figura 121 – Cachorro bravo (Amy Rose, 4 anos).....	170
Figura 122 – Cachorro de pelúcia (Amy Rose, 4 anos).....	171
Figura 123 – Cachorro de verdade (Amy Rose, 4 anos).....	172
Figura 124 – Homem aranha e um vampiro (Amy Rose, 4 anos).....	172
Figura 125 – Azul Babão (Amy Rose, 4 anos).....	173
Figura 126 – Cama-carro em forma de rato (Amy Rose, 4 anos).....	173
Figura 127 – Carro (Sonic, 4 anos).....	175
Figura 128 – Azul Babão (Sonic, 4 anos).....	175
Figura 129 – Bandeira da Argentina (Sonic, 4 anos).....	176
Figura 130 – O Quintal (Daniele, 4 anos).....	177
Figura 131 – Bandeira do Brasil (Daniele, 4 anos).....	178
Figura 132 – Boneca no corredor de chuva (Daniele, 4 anos).....	179
Figura 133 – Bandeira do Brasil (Daniele, 4 anos).....	179
Figura 134 – Parque de areia (Josy).....	181
Figura 135 – Professora na aula com os alunos (Cascão, 4 anos).....	182
Figura 136 – Circo (Cascão, 4 anos).....	185
Figura 137 – Parque de areia da creche (Cascão, 4 anos).....	183
Figura 138 – Festa de Halloween (Daniele, 4 anos).....	184
Figura 139 – Minha mãe e a festa de Halloween (Daniele, 4 anos).....	185
Figura 140 – Pinturas das crianças. Na sequência: Cascão, Amy Rose e Daniele.....	186
Figura 141 – Amy Rose pintando no encontro de encerramento.....	187
Figura 142 – Daniele pintando no encontro de encerramento.....	187
Figura 143 – Cascão pintando no encontro de encerramento.....	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Encontros/temáticas.....	78
Quadro 2 – Quantitativo de desenhos produzidos.....	109

SUMÁRIO

1	“O ABANDONO DO LUGAR ME ABRAÇOU DE COM FORÇA, E ATINGIU MEU OLHAR PRA TODA A VIDA” – DE ONDE VEIO ESSA HISTÓRIA DE FALAR DE DESENHO (INTRODUÇÃO).....	17
1.1	Meu desenho vem lá do sertão.....	17
1.2	O caminho que conecta a menina desenhista à professora que pesquisa sobre o desenho e (auto)biografismo.....	21
2	“IMAGENS SÃO PALAVRAS QUE NOS FALTARAM.” - O DESENHO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	31
2.1	“A vida não se justifica pela utilidade. Ela se justifica pelo prazer e pela alegria.” - Arte, desenho e experiência na Educação Infantil.....	35
2.2	“Bernardo consegue esticar o horizonte usando três fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.” - Estudo do desenho infantil – desenvolvimento gráfico.....	43
2.3	“É preciso escutar as crianças para que a sua inteligência desabroche.” - Autobiografismo: desenho infantil e autobiografia.....	51
3	“QUEM NÃO TEM FERRAMENTA DE PENSAR INVENTA” – A METODOLOGIA, O ATELIÊ, OS ENCONTROS, AS TEMÁTICAS – COMO TUDO ACONTECEU.....	57
3.1	Sobre a metodologia.....	57
3.2	Apresentação da pesquisa de campo.....	61
3.2.1	<i>O ateliê de desenho: como e onde foi instalado.....</i>	61
3.2.2	<i>As crianças-artistas desta pesquisa.....</i>	67
3.2.2.1	<i>Rose - A menina do mar e sua jangada.....</i>	68
3.2.2.2	<i>Daniele - A menina bailarina.....</i>	69
3.2.2.3	<i>Cascão - O menino que ama futebol.....</i>	70
3.2.2.4	<i>Sonic - O aventureiro digital.....</i>	72
3.2.3	<i>Dos encontros e das temáticas.....</i>	73
3.2.3.1	<i>Temática 1: Quem sou eu? (1º, 2º, 3º e 8º encontro).....</i>	78
3.2.3.2	<i>Temática 2: Minha família (4º encontro).....</i>	92

3.2.3.3	<i>Temática 3: Brinquedos e brincadeiras preferidos (5º e 6º encontro).</i>	95
3.2.3.4	<i>Temática 4: Minha escola (7º encontro).....</i>	102
3.2.3.5	<i>Encerramento das atividades do ateliê de desenho.....</i>	103
4	“AS COISAS QUE NÃO TÊM NOME SÃO MAIS PRONUNCIADAS POR CRIANÇAS” - QUE REVELAÇÕES EMERGIRAM DAS NARRATIVAS GRÁFICAS E ORAIS SOBRE AS HISTÓRIAS DE VIDA DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	108
4.1	Temática 1: Quem sou eu? (Encontros: 1º, 2º, 3º e 8º).....	110
4.1.1	<i>Cascão.....</i>	110
4.1.2	<i>Amy Rose.....</i>	120
4.1.3	<i>Sonic.....</i>	133
4.1.4	<i>Daniele.....</i>	146
4.2	Temática 2: Minha família (4º encontro)	153
4.2.1	<i>Cascão.....</i>	153
4.2.2	<i>Amy Rose.....</i>	155
4.2.3	<i>Sonic.....</i>	158
4.2.4	<i>Daniele.....</i>	160
4.3	Temática 3: Brinquedos e brincadeiras preferidos (5º e 6º encontro)	163
4.3.1	<i>Cascão.....</i>	163
4.3.2	<i>Amy Rose.....</i>	168
4.3.3	<i>Sonic.....</i>	174
4.3.4	<i>Daniele.....</i>	177
4.4	Temática 4: Minha escola (7º encontro)	180
4.4.1	<i>Cascão.....</i>	181
4.4.2	<i>Daniele.....</i>	183
4.5	Encerramento.....	186
5	“PODE UMA MULHER ENRIQUECER A NATUREZA COM A SUA INCOMPLETUDE?” - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
	REFERÊNCIAS.....	198
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	204

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS.....	206
ANEXO A – DECLARAÇÃO DA ESCOLA AUTORIZANDO A PESQUISA.....	207
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICA.....	208

1 “O ABANDONO DO LUGAR ME ABRAÇOU DE COM FORÇA, E ATINGIU MEU OLHAR PRA TODA A VIDA”¹ – DE ONDE VEIO ESSA HISTÓRIA DE FALAR DE DESENHO (INTRODUÇÃO)

As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática (Saint-Exupéry, 2020, p. 10-11).

Todos nós temos uma história a contar. Convido vocês a ouvirem a minha narrativa sobre uma menina que desde muito jovem aprendeu que para realizar seus sonhos teria que abrir mão de alguns tesouros. Assim como o Manoel de Barros, eu “tenho em mim um atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior do que o mundo” (Barros, 2015, p. 149). O poeta fala de forma profunda e sensível sobre a infância na cidade do interior, daí a minha forte ligação com sua poesia. Meu quintal e meu desenhar foram dois tesouros que ficaram pelo meio do caminho.

Nesta longa estrada que venho percorrendo, pude perceber que os desenhos contam muitas histórias. Algumas bem explícitas, outras invisíveis; vai depender do que o desenhista quer revelar, e da escuta atenta de quem as recebe. Peço licença para descrever o meu enredo, pois a partir dele vamos poder entender melhor sobre minhas inquietações enquanto professora de crianças pequenas; sobre o lugar que o desenho ocupa dentro da escola e como se tornou meu objeto de estudo desta pesquisa.

1.1 Meu desenho vem lá do sertão

Eu nasci em 1980 numa pequena localidade no interior do Ceará, que hoje é conhecida como Município de Potiretama. Tive uma infância privilegiada, pois desde bem pequena tinha constante contato com a natureza: havia um quintal bem grande na minha casa, onde brincava boa parte das manhãs. Em sua imensidão, eu

¹ A frase que dá nome a introdução foi retirada do livro “Poesia completa” do Manoel de Barros. (Barros, 2010, p. 463).

explorava os pequenos milagres da natureza e fazia minhas experimentações com folhas, gravetos, areia e comidas para minhas bonecas. Pois meu quintal era, sim, bem maior que o mundo.

Uma das brincadeiras que mais gostava era desenhar ao lado do meu irmão. Isso era uma grande diversão para nós. Durante as tardes, meu irmão e eu, passávamos muito tempo ocupados, deitados no chão de cimento frio, rabiscando e pintando. Era um momento de total entrega, quando não víamos o tempo passar. Nossa querida mãe não nos deixava faltar lápis, papel e lápis de cor para criarmos. Nessa época, eu estava na primeira série, iniciando o processo de alfabetização na escola.

O contato desde muito cedo com a arte e suas formas distintas de expressão proporciona uma aprendizagem mais prazerosa e significativa para a criança. Segundo Luciane Goldberg, “O desenho precede a palavra, na história e no desenvolvimento humano e ele diz, ele conta, ele informa, ele aponta, ele sugere” (Goldberg, 2019, p. 144). Portanto, muito mais que fazer rabiscos em uma superfície, a criança, quando desenha, nos conta uma história. Assim, meu irmão e eu, ao desenhar elaborávamos sobre aquilo que nos interessava, nos instigava; construíamos nossas histórias a partir de nossas experiências.

Ao contrário dessas experiências com o desenho em casa, não trago muitas memórias de vivências artísticas do meu tempo na escola. Lembro-me de ter que ficar sentada o tempo todo numa cadeira dura, tendo que escrever muitas letras sem sentido para mim, decorar o alfabeto, os numerais, a tabuada e outros assuntos que não faziam parte da minha realidade. Como afirma nosso mestre Paulo Freire, “ensinar exige respeito ao saberes dos educandos” (Freire, 1996, p. 15). A escola deveria fazer uma ponte entre a realidade do seu público e os conteúdos curriculares fundamentais; quiçá assim tudo faria mais sentido. Em geral, nas datas comemorativas aconteciam algumas experiências, como peças teatrais, apresentações de danças típicas e pintávamos nossas capinhas de prova na disciplina de Educação Artística².

O tempo em sala de aula não era um tempo prazeroso. Nós ansiávamos pelo recreio. Esse intervalo era tempo de brincar, o que toda criança mais ama fazer.

² O termo “Educação Artística” revela tendência do Ensino de Artes no Brasil na década de 1980. (Barbosa, 2001).

Na minha infância eu vivi mais a experiência artística em casa, com meu irmão, desenhando ou apreciando as animações infantis dos canais de TV aberta, como os que eram exibidos todas as manhãs no programa Xou da Xuxa³.

Quando adolescente, no ano de 1997 mudei-me para Fortaleza para estudar, pois na minha cidade não havia ainda Ensino Médio. Segui com minha sede de continuar aprendendo e aqui vivo até hoje nesta cidade que muito estimo. E no decorrer da minha vida escolar as experiências artísticas foram desaparecendo gradativamente. Entrei para faculdade no ano de 2001, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), curso de pedagogia; e também não recorro de haver disciplina que contemplasse as linguagens artísticas. Então, o desenho pra mim acabou se tornando uma doce lembrança dos tempos de criança.

Minha primeira experiência como professora foi no Instituto Educacional Mickey, em 2001, onde trabalhava com crianças de 4 e 5 anos. Não me senti à vontade com a dinâmica do ensino na escola particular, onde ainda se privilegia uma educação tecnicista⁴, em que o/a educador/a tem pouca autonomia em sala de aula. Percebi-me reproduzindo a educação pela qual eu fui formada e que não me deixou boas recordações.

Decidi então me enveredar pela educação pública: foi quando prestei concurso para professora substituta, no ano de 2007, na Rede Municipal de Ensino de Fortaleza. Durante os dois anos e meio em que estive como temporária, tive a oportunidade de trabalhar do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Esse tempo foi importante para que eu percebesse que a educação pública proporcionava mais espaço para o/a educador/a exercer sua autonomia em sala e, conseqüentemente, ensinar ao/à educando/a a desenvolver sua autonomia.

Como aponta Freire (1996, p. 24), “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”, portanto quem educa não pode ser autoritário/a com quem está aprendendo e impedir que essa pessoa desenvolva sua capacidade crítica autônoma, isso seria uma séria transgressão à ética. Acredito que um dos objetivos da educação

³ Programa infantil produzido e exibido na TV GLOBO de 1986 à 1992, apresentado por Xuxa Meneghel.

⁴ Concepção pedagógica que se baseia na neutralidade científica e se inspira nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade; o processo educativo é organizado de forma que se torna objetivo e operacional (Saviani, 2013, p. 381). No Brasil sua influência foi significativa durante a ditadura militar (1964 a 1985).

é formar pessoas autônomas e críticas, para que possam decidir sobre suas vidas e sobre o coletivo do qual são parte.

Em 2010, eu prestei novo concurso. Dessa vez, para o cargo de professora efetiva na Rede Municipal de Fortaleza, no qual fui aprovada e empossada como professora de creche, no Centro de Educação Infantil (CEI) Tertuliano Cambraia, onde lecionei durante 8 anos. Nesse tempo, atuei nas três séries iniciais: Infantil I, II e III. Também nessa época, voltei a ter um contato mais íntimo com o desenho, através das atividades dos meus alunos e dos meus próprios desenhos. Atualmente trabalho com o Infantil IV.

Durante as aulas de desenhos com as crianças, eu senti o desejo de desenhar junto com elas e aquela experiência me fez entrar em contato com a criança que fui; então pude recordar que essa menina que fui um dia adorava desenhar. E que agora estava tendo uma nova oportunidade de voltar a entrar em contato com essa dimensão de mim mesma que havia ficado parada na estrada, a menina que desenhava agora revisitava seus esboços a partir de um novo olhar, de uma nova perspectiva.

Curioso destacar que meu irmão segue de mãos dadas com o desenho até hoje. Ele se formou em biologia, porém não atua na área. Trabalha como comerciante, pintor e desenhista. Na nossa cidade a comunidade recorre a seus trabalhos artísticos quando deseja fazer seus painéis decorativos em fachadas de lanchonetes, comércio, escolas etc. Eu também tenho duas irmãs mais novas, que minha mãe igualmente estimulou quando crianças a se expressar com o lápis de cor e o papel. Quando eu já estava partindo para Fortaleza elas estavam começando seus primeiros desenhos.

Aprendi nas aulas do mestrado ProfArtes, com a professora que também é minha orientadora, Dra. Luciane Goldberg, que o desenho precisa ser praticado e ter o seu devido espaço e atenção na escola; pois todos nós somos desenhistas desde criança, desenhar faz parte de um processo que precisa continuar sendo estimulado por toda a vida. Dando seguimento à minha história, a partir do próximo subitem vou contar como nasceu esta pesquisa e como ela por fim se concretizou.

1.2 O caminho que conecta a menina desenhista à professora que pesquisa sobre o desenho e (auto)biografismo

Enquanto professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Fortaleza há 14 anos, considero as linguagens artísticas muito importantes para o ensino em todas as suas etapas; pois, por meio da arte, poderemos construir uma educação mais sensível para com o mundo que nos cerca (Duarte Júnior., 2020). A arte tem a potência de fazer com que possamos entender e lidar melhor com nossas próprias emoções. Através das suas linguagens, podemos nos expressar e elaborar sobre nós mesmos. Assim, ganha relevância, o desenho infantil, pois é uma forma de expressão própria da criança (Mèredieu, 2000).

O ato de desenhar é uma forma primordial de fazer arte do ser humano, como podemos verificar nas pinturas rupestres, por meio das quais nossos ancestrais encontraram uma forma de contar sobre seus costumes cotidianos. Nós sempre sentimos a necessidade de nos expressar, nossa capacidade de sentir nos faz ir além do pensamento racional e objetivo, nos tornando seres capazes de criar e inventar coisas novas. Duarte Júnior (2020, p. 37) fala que “um fenômeno comum a todas as culturas – desde as mais 'primitivas' às mais 'civilizadas', desde as mais antigas às mais atuais – é a arte”.

O desenho surge muito cedo, na primeira infância, e por meio dele, a criança tem a oportunidade de criar algo puramente seu, quando trabalhamos a partir de uma abordagem onde o incentivo é de que ela seja protagonista e não uma reprodutora de uma cópia. Conforme Derdyk (2020, p. 26) afirma:

A criança, enquanto desenha, canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.

O ato de desenhar é como uma brincadeira para a criança, em que ela usa o corpo inteiro para se expressar. Por isso, em muitos momentos ela precisa gesticular, falar, levantar e fazer movimentos mais amplos, para depois voltar ao desenho. E cabe a nós educadores proporcionarmos essa liberdade para nossos educandos.

Para justificar a escolha por esse tema, trago na bagagem a experiência de desenhar da minha infância, recordada como um momento de prazer e alegria.

Porém, essa vivência acontecia com frequência na minha residência, proporcionada pela minha mãe, e muito pouco na escola. Além disso, tenho na minha prática docente, como professora dos primeiros anos da Educação Básica, alguns anos de observações e aprendizado com os/as alunos/as. Com isso fui formulando alguns questionamentos sobre a importância que a escola dá à arte, e em especial, ao desenho para a formação das crianças da Educação Infantil.

Durante esses 14 anos que venho trabalhando com a primeira infância, sempre me incomodou uma certa cobrança por parte da Rede de Ensino e da comunidade escolar em geral, professoras e familiares, para que a criança seja rapidamente inserida no mundo das letras, que aprenda a ler e a escrever cada vez mais precocemente. Há uma supervalorização da linguagem escrita em detrimento das outras, principalmente as linguagens ligadas à arte, que acabam ficando em segundo plano. Eu penso que a linguagem escrita é tão importante quanto a artística, e todas elas precisam ser igualmente estimuladas e desenvolvidas.

No ano de 2018 comecei a trabalhar no CEI Martins de Aguiar, onde atuo como pedagoga até a presente data. Lá, as práticas ligadas às linguagens artísticas despertaram cada vez mais meu interesse. A equipe de trabalho é bastante engajada e mergulha fundo nos projetos. Dentre muitas ações desenvolvidas nesse sentido, trabalhamos artes visuais com as crianças, partindo do pressuposto de que não vale só deixá-las criarem livremente seus produtos artísticos sem antes proporcionarmos a oportunidade de criarem repertórios. A ideia é que haja uma interligação entre o fazer, a apreciação e a contextualização artística, como propõe Ana Mae Barbosa em sua Proposta Triangular para o Ensino da Arte (1998).

Na Educação Infantil desenvolvemos diversos projetos e práticas docentes ligadas às distintas formas de expressões artísticas. Como estamos falando de crianças que ainda não dominam o sistema de leitura e escrita, temos o desenho como primeira escrita, onde a criança pode deixar sua marca no papel e estruturar seu pensamento e entendimento de mundo a partir dessa prática. Partindo desse entendimento, venho estimulando cada vez mais meus alunos a se expressarem pela linguagem do desenho e da pintura. A ideia é que eles sintam prazer ao desenhar assim como eu sentia quando criança.

No decurso do ano de 2022, desenvolvi um projeto no qual, inicialmente, falava sobre alimentação saudável. Como nenhuma temática está dissociada de outras, resolvi pesquisar algumas pinturas e desenhos de artistas consagrados,

brasileiros, que trouxessem o tema frutas. Assim, fizemos uma ligação entre alimentação e arte. Estudamos um pouco sobre as histórias de vida desses artistas, fizemos uma exposição das suas obras, em que imprimi em cartolina quadros de artistas: Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Romero Britto. Colamos as pinturas nas mesas dos alunos, que na ocasião estavam viradas de maneira que tudo ficou organizado em forma de uma exposição, a ideia era transformar a sala de aula em um museu (figuras 1, 2 e 3). Convidei as crianças para o evento e foi um sucesso, elas apreciaram bastante.

Figura 1 – Momento de exposição de obras de arte e diálogo com as crianças sobre museus



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Figura 2 e 3 – Momento de apreciação das obras dos artistas



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Dando seguimento a esse projeto, na semana seguinte, transformei a sala em um ateliê. Com as mesas viradas em forma de cavalete para pintura, coleí uma cartolina branca em cada mesa, ao lado disponibilizei pincéis e uma paleta de cores

feita de caixa de ovos, com tinta guache (ver figura 4). Na escola pública, infelizmente, temos muitas carências de materiais didáticos e artísticos, por isso precisamos reciclar e improvisar muitas vezes. Fiz o convite à criançada dizendo que agora elas seriam as artistas, e podiam desenhar e pintar o que quisessem.

Figura 4 – Momento de pintura. As crianças são os artistas



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

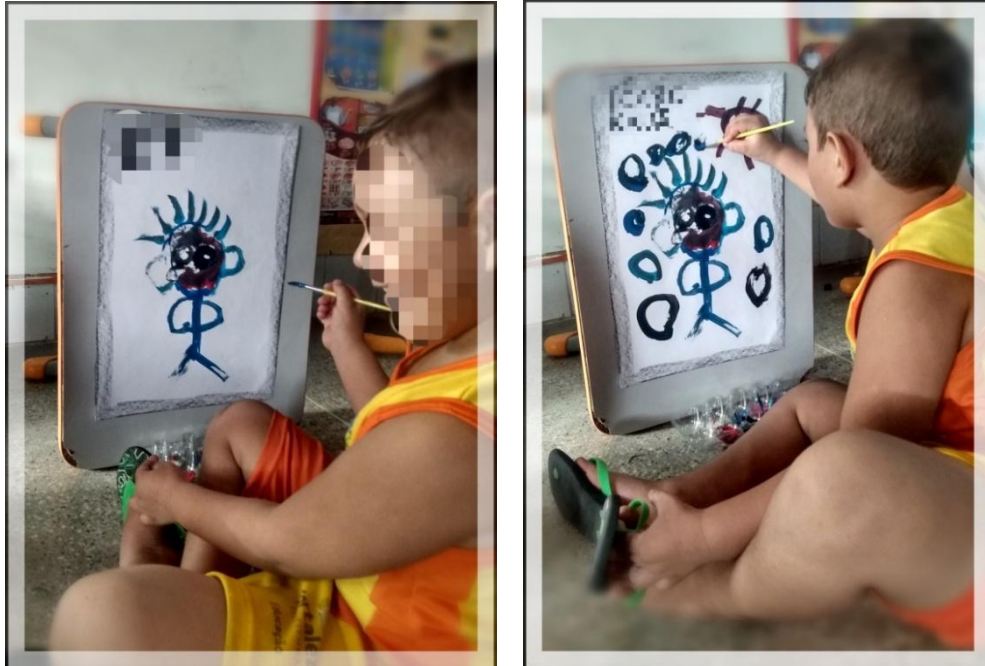
Nesse dia, um aluno me chamou muito a atenção, pois sua alegria era tanta que não parava quieto, ora pintava, ora dançava. Terminada sua pintura ele me apresentou orgulhoso dizendo que tinha feito seu autorretrato. As outras crianças estavam muito engajadas e concentradas em suas obras, e cada uma fez, à sua maneira, com seu toque especial, o seu quadro. Ficaram tão envolvidas que chegou o momento das famílias as levarem para casa, mas elas não queriam ir, pediam mais um tempinho para terminar.

E eu, contagiada com a felicidade do menino do autorretrato (figuras 5 e 6), logo chamei sua avó, que era funcionária da creche na ocasião, nossa cozinheira, e mostrei a obra de arte de seu neto. Ela, leiga na linguagem do desenho infantil, como muitos adultos, soltou um riso inocente, como quem acha aquilo engraçado ao invés de artístico. Seu neto, imediatamente, percebeu a ironia e levantou sua voz infantil cheia de força e propriedade e respondeu: “Vó, respeite a minha arte!” E da sua fala nasceu o título desta pesquisa. Em tão tenra idade esse garoto fez um posicionamento político, pedindo respeito por sua produção. Essa é uma das grandes

potencialidades da arte, fazer com que o ser humano se veja como ser capaz de criar algo seu e de valorizar sua própria criação. Como ressalta Ostetto (2011, p. 5):

Para mobilizar os sentidos, é essencial o enriquecimento de experiências, promovendo encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação para que meninos e meninas possam aventurar-se a ir além do habitual, à procura da própria voz, da sua poesia.

Figura 5 e 6 – Criança-artista desenhando seu autorretrato



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

A atitude desse menino, com seus 4 anos e meio de vida, me fez refletir o quanto essa forma de expressão é potente. Mas também me fez um chamado para esse lugar de cuidado e valorização das obras e narrativas das crianças, pois como diz Staccioli (2014, p. 104) sobre as mensagens que não vemos nos desenhos infantis, “[...] diante das imagens infantis é preciso cautela, disponibilidade para a escuta, além de uma presença adulta que não interprete e não julgue”.

Partindo da minha experiência como professora na Educação Infantil, venho constatando o quanto trabalhar as linguagens artísticas é importante para o desenvolvimento integral da criança, ou seja, que abranja toda sua pluralidade que compreende os aspectos físicos, afetivos, psíquicos, sociointeracionais e cognitivos. Uma educação que tem esse foco estará contribuindo para formar pessoas capazes de atuar de forma ativa na sociedade, tendo a capacidade de compreender a si mesmas e o mundo no qual estão inseridas. Como pontua Albano (2021, p. 27):

A razão pela qual a arte pode ser a base para repensarmos uma pedagogia da infância está justamente na inteireza, no modo como constrói conhecimentos. Porque não compartimenta o sujeito, nem a forma de conhecer. Porque possibilita conectarmo-nos com uma tradição, com o passado e, ao mesmo tempo, abrimo-nos para o desconhecido.

Voltando um pouco no tempo, preciso citar outro momento definidor no meu propósito em pesquisar o desenho infantil. Durante o ano de 2021 tive a oportunidade de cursar, como aluna ouvinte, a disciplina de Arte e Educação com a professora Luciane Goldberg, na turma da graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), e foi lá que cada vez mais meu olhar se voltou para o quanto o desenho infantil é importante para o desenvolvimento da criança.

Compreendi que o aprofundamento nesse estudo iria me proporcionar uma compreensão mais sensível e atenta aos desenhos dos/as alunos/as. Foi lá também que tive contato com a pesquisa (auto)biográfica, a qual me despertou bastante atenção e vi que se alinhava com os meus interesses de estudo e que poderia ser uma forma muito potente de contribuição para a compreensão dos desenhos das crianças. Além de trabalhar aspectos extremamente valiosos da formação humana. Segundo Passeggi (2021, p. 110) a pesquisa (auto)biográfica “[...] dá conta da vitalidade do sujeito e do poder auto(trans)formador das narrativas de si, com grandes potencialidades para os estudos da memória, dos processos de aprendizagem, de construção identitária, enfim, da formação humana”.

Quando promovo vivências de desenho em sala de aula com as crianças, observo-as muito engajadas e entregues à atividade. Aprofundando-me um pouco mais em minhas reflexões, passei a fazer as seguintes indagações: como a linguagem do desenho pode contribuir para as narrativas que as crianças da Educação Infantil fazem si? Como se desenvolve a linguagem do desenho nas crianças da Educação Infantil? Quais elementos autobiográficos podem emergir no desenho e revelar sobre as histórias de vida das crianças da Educação infantil?

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como a linguagem do desenho pode contribuir para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil, a fim de identificar como elas contam suas histórias de vida.

Já com relação aos objetivos específicos, são eles:

- Conhecer e compreender como se desenvolve a linguagem do desenho das crianças na Educação Infantil e suas contribuições para a constituição de si;
- Desenvolver estratégias e/ou situações que oportunizem as narrativas de si das crianças através do desenho conjugadas com a oralidade;
- Identificar os elementos (auto)biográficos que emergem das linguagens orais e gráficas, a partir do ato de desenhar, e que podem revelar as histórias de vida das crianças da Educação Infantil

Assim, com vistas aos objetivos apresentados, meu propósito foi desenvolver uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2002), pois entendo que estou pesquisando um fenômeno que parte das relações e experiências das crianças com o desenho e sua forma particular de ver o mundo, se autoconhecer e de constituir existência. Através dessa forma de expressão as crianças encontram uma maneira de interpretar a realidade à sua volta, expressando seus desejos, medos, inquietações, aprendizagens.

Adotei a abordagem (auto)biográfica (Delory-Momberger, 2008; Passeggi, 2014, 2021) nesta dissertação, por entender que estou lidando com as narrativas de vida das crianças da Educação Infantil, contadas pelas mesmas através de seus desenhos e de suas narrativas orais. Essa abordagem se mostra como uma ferramenta poderosa na formação pessoal desses sujeitos em desenvolvimento. Assim afirma Delory-Momberger (2011, p. 341) “[...] pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos”.

Para responder aos objetivos propostos, inicialmente procurei conhecer e compreender como se desenvolve a linguagem do desenho das crianças na educação infantil e suas contribuições para a constituição de si. Para isso fiz uma pesquisa bibliográfica e estudei autores que falam sobre o desenvolvimento gráfico infantil, tais como: Lowenfeld e Brittain (1997); Derdyk (2020); Meredieu (2000); Goldberg (2016, 2017 e 2019), Lavelberg (2013) entre outros.

Planejei estratégias ou situações que oportunizaram as narrativas de si das crianças por meio do desenho, conjugadas com a oralidade. Para elaborar um planejamento de atividades que envolviam questões (auto)biográficas das crianças, parti da pesquisa de literatura, imagens, temas geradores como: quem sou eu, minha

família, minha brincadeira preferida, meu brinquedo preferido, minha escola e culminamos com o autorretrato.

Conduzindo-me para a pesquisa de campo, o intuito foi identificar os elementos (auto)biográficos que emergiram das linguagens orais e gráficas, a partir do ato de desenhar, e que puderam revelar e desvelar as histórias de vida das crianças da Educação Infantil. O material para essa análise foi a gravação das narrativas orais; os desenhos produzidos; registros fotográficos; e registros derivados da observação participante e diário de itinerância (Barbier, 2002).

Para o trabalho de campo foi organizado um espaço como um ateliê de artes na escola, onde promovi diversos momentos voltados para a produção das narrativas autobiográficas oferecendo materiais de desenho e a escuta-sensível (Barbier, 2002). Esse espaço foi conversado junto com a coordenadora da creche, a qual me deu inteiro apoio em disponibilizar uma sala para este fim; porém, por alguns contratempos, tive que improvisar um outro lugar. Usei uma parte do tempo que disponho para fazer meus planejamentos das aulas para dedicar a esse momento com um pequeno grupo, a fim de proporcionar-lhe esse olhar e essa escuta mais atenta e cuidadosa às suas narrativas enquanto desenhavam.

Convidei um grupo restrito de 6 crianças, para participarem das atividades propostas, com a livre aquiescência delas. Como critério de escolha dos participantes desses momentos de ateliê, parti do interesse e disponibilidades delas, em primeiro lugar; da assiduidade das mesmas; assim como da autorização dos pais ou responsáveis. Vale ressaltar que, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2023, procurei oportunizar atividades que envolvessem o desenho com toda a turma e observei quais crianças mais gostavam e tinham interesse de contar as histórias que seus desenhos traziam.

O intuito da pesquisa foi conhecer as crianças através de suas próprias narrativas (desenhadas e orais), observar a produção dos seus desenhos juntamente com as suas narrativas orais, já que um dos principais motivos dessa pesquisa foi valorizar a narrativa (auto)biográfica da criança, seu desenho e sua fala, e a forma como ela vê e processa a realidade que a cerca e como conta sua história. Considero importante frisar que a criança é um ser potente capaz de narrar sobre si e defender suas próprias criações. Teresa Sarmiento (2018, p. 123) nos coloca que:

As narrativas biográficas são um contributo muito significativo para dar visibilidade às crianças enquanto atores sociais, estando isso

interdependente do reconhecimento do todo social a cada um, enquanto elemento pertencente à mesma sociedade, com efetividade de direitos de participação.

Para análise do que foi realizado, usei os desenhos produzidos e as narrativas orais gravadas, com o consentimento prévio das crianças, durante a pesquisa de campo nos momentos de ateliê e o diário de itinerância produzido por mim, onde busquei, na medida do possível, apontar minhas percepções da escuta-sensível realizada junto a elas. Mas antes conversei com as famílias de cada uma, explicando sobre a pesquisa e pedi o seu consentimento o qual foi formalizado com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Tinha a intenção de elaborar um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) voltado para pesquisa com crianças, para que elas também dessem sua assinatura formal de adesão na participação da pesquisa; porém por questões que explicarei mais adiante não foi possível a concretização dele. De toda forma, as crianças participaram mediante seu desejo e sabiam que poderiam deixar de participar, a qualquer momento, se assim quisessem.

Como sujeitos da pesquisa, participaram 6 crianças do Infantil IV, porém para análise das narrativas (orais e gráficas), considerei o material de apenas 4 crianças para análise final, pelo volume de material e pelo tempo restrito devido a realização da pesquisa sem dispensa do trabalho, mantendo a carga horária de 40h semanais na escola.

Entendo que esta é uma investigação com a participação das crianças (Passeggi, 2014) e que pode contribuir para seu processo de desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e de autoconhecimento, bem como para a escola valorizar suas produções gráficas juntamente com suas narrativas orais, e com isso poder conhecer melhor a realidade dos alunos/as que fazem parte da nossa comunidade escolar.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro, este que você acabou de percorrer, é o capítulo introdutório, onde narro um pouco sobre minha autobiografia e caminhos que me trouxeram a esta pesquisa, seus objetivos e orientações metodológicas.

No segundo capítulo, intitulado de “O desenho da criança na Educação Infantil”, apresento a fundamentação teórica, derivada da pesquisa bibliográfica, a qual serviu de suporte para a elaboração da pesquisa. Esse segundo capítulo está

dividido em três subitens; o primeiro, “Arte, desenho e experiência na Educação Infantil”, onde dialogo sobre a importância da arte para a educação (Duarte Júnior, 2012) trazendo o conceito de experiência e educação estética (Dewey, 2010; Larrosa, 2002). No segundo, “Estudo do desenho infantil”, trago importantes autores do desenvolvimento gráfico infantil como Lowenfeld e Brittain (1977), Mèredieu (2000); Derdyk (2020); assim como discussões relevantes sobre a participação e o protagonismo das crianças na Educação Infantil, como pontuam Sarmiento (2011) e Rosa Iavelberg (2013). No terceiro e último subitem deste capítulo, “Autobiografismo: desenho infantil e autobiografia”, irei tratar sobre a abordagem (auto)biográfica com mais profundidade, conversando com autoras como Goldberg (2016), Passeggi (2014, 2021) e Delory-Momberger (2008).

No terceiro capítulo, detalho com mais profundidade sobre a metodologia aplicada. Ele foi subdividido em dois subitens: no primeiro discorro sobre a metodologia e abordagem adotada; no segundo, apresento o *corpus* desta dissertação composto por registros no diário de Itinerância (Barbier, 2002), registros fotográficos, desenhos, narrativas orais das crianças. Início fazendo uma descrição do *locus*: da escola na qual a pesquisa foi realizada, o espaço do ateliê e as dificuldades enfrentadas para a sua estruturação. Em seguida apresento as crianças, sujeitos participantes, e por último, relato como foram feitas as atividades, os temas trabalhados, enfim, como aconteceu cada encontro.

O quarto capítulo trata dos resultados e das análises. Vamos conversar e refletir sobre os desenhos e narrativas orais das crianças, conhecer um pouco sobre suas histórias de vida, baseando-me nos estudos dos autores do desenvolvimento gráfico, já apontados anteriormente, bem como no suporte das autoras da abordagem (auto)biográfica, que me ampararam nesse diálogo.

Por fim, irei expor as minhas considerações finais e aprendizados que foram colhidos, sentidos e assimilados no decorrer desta caminhada. Espero que essa pesquisa possa trazer a outras/os educadoras/es a oportunidade de desenvolver um olhar mais atento e cuidadoso para com as produções artísticas infantis e junto com as crianças construir aprendizagens significativas pautadas na formação de uma maior sensibilidade diante da vida.

2 “IMAGENS SÃO PALAVRAS QUE NOS FALTARAM.”⁵ - O DESENHO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Numa folha qualquer
 Eu desenho um sol amarelo
 E com cinco ou seis retas
 É fácil fazer um castelo
 Com o lápis em torno da mão
 E me dou uma luva
 E se faço chover
 Com dois riscos tenho um guarda-chuva
 Se um pinguinho de tinta
 Cai num pedacinho azul do papel
 Num instante imagino
 Uma linda gaivota a voar no céu

 (Aquarela - Toquinho)

Quando passei no concurso para professora efetiva na Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) eu não tinha interesse em trabalhar com a primeira infância. Apesar de gostar de crianças, eu não tinha noção de como ensinar esse público tão jovem, no começo da vida. Porém, no dia da minha lotação para o cargo que ocupo até hoje só havia vagas disponíveis para se trabalhar em creche. Então, assumi uma turminha de Infantil III na minha primeira experiência enquanto professora efetiva na rede de ensino de Fortaleza.

O desafio aceito não foi fácil, porém foi também encantador. E hoje, depois de 14 anos convivendo e aprendendo diariamente com meus pequenos alunos e alunas venho ampliando muito meu olhar perante a educação e a própria vida. As crianças têm muito a nos contar, elas querem ter voz, e têm. E nós, adultos, educadores e educadoras, precisamos aprender a ouvir a voz das crianças (Sarmiento, 2010). Precisamos abrir ouvidos, olhos e todos os nossos sentidos para poder compreender suas múltiplas linguagens. Ou melhor, carecemos reaprender a sentir, assim como as crianças, o mundo.

A criança pequena apreende as coisas através de todos os seus sentidos. Ela ainda não aprendeu a ver somente com os olhos, ouvir somente com os ouvidos ou sentir os sabores com o paladar: todos os seus sentidos estão integrados. Por isso,

⁵ A frase que dá nome a esse capítulo foi retirada do livro “Poesia completa”, do Manoel de Barros. (Barros, 2010, p. 263).

quando uma criança olha pra você e pede pra ver algo que está em suas mãos ela estende a mão esperando que lhe deem o objeto para ela olhar com as mãos, olfato, paladar, etc; para que ela experimente através das suas múltiplas formas de ver e sentir cada coisa. Alves (2011) comenta em seu livro “Educação dos sentidos e mais...” que a nossa cultura dividiu os nossos sentidos e agora cada um tem sua função, porém as crianças se recusam a essa cisão. Por isso ela tem necessidade de ver com a mão, de experimentar. Ainda segundo Alves (2011), a educação deveria se preocupar em educar os nossos sentidos, pois é através deles que aprendemos sobre o mundo, cada sentido contém um saber.

Uma das linguagens infantis que me chama atenção e me encanta é o desenho. Sarmiento (2011, p. 2) diz que “o desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólicas da criança”. Eu lembro que na minha infância eu amava desenhar, porém, infelizmente, esse processo foi interrompido na minha vida muito cedo. A educação escolar me castrou uma das possibilidades de expressão. Pensando nisso eu venho procurando promover momentos para que meus alunos tenham oportunidades para criarem seus desenhos.

Mas preciso confessar uma coisa: bem no início da minha carreira como pedagoga eu fui aquela professora que levava um desenho pronto, xerocado, para que todos pintassem aquela figura igual para todos os alunos. Aquilo me inquietava um pouco e eu comecei a me questionar sobre o sentido daquela atividade tão comum nessa etapa da nossa vida escolar. E fui percebendo que as crianças ficavam felizes quando criavam sua arte por elas mesmas, quando deixavam sua marca no papel usando seu próprio movimento corporal como uma dança. Aqueles “rabiscos” que partiam delas faziam muito mais sentido para elas.

Então, fui trilhando um longo caminho de observações das práticas escolares nas escolas por onde passei, e da minha própria prática também, fiz leituras e investigações até chegar a este mestrado. Através dessa pesquisa pretendo investigar sobre o desenho das crianças na educação infantil, porque acredito que por meio dele poderemos compreender melhor como elas constroem suas percepções sobre o mundo e como fazem suas reflexões sobre o vivido e transcrevem para a superfície do papel num processo de reflexão sobre suas experiências. Corroboro com Sarmiento quando ele fala que:

Pelo desenho se exploram os limites da linguagem simbólica, sendo para as crianças, frequentemente, não apenas um modo de inscrição do mundo na superfície do papel, mas o momento da sua inteligibilidade. Os desenhos são, de algum modo, formas de exploração do real e processos constitutivos da sua compreensão. (Sarmiento, 2011, p. 10).

Tecer um olhar mais sensível e atencioso para com os desenhos das crianças da Educação Infantil e criar situações onde elas possam se expressar por meio da arte é respeitar o direito de voz e se permitir ouvir o que elas desejam nos contar. É respeitar uma forma de expressão que é natural.

Apresentarei no primeiro subitem desse capítulo um estudo sobre a importância de se trabalhar a arte na Educação Infantil. Tendo como base o pensamento de autores como Dewey (2010), que nos mostra que a experiência estética nos transforma, desenvolve nossa sensibilidade e engrandece nossa compreensão de mundo; Larrosa (2002), que nos ensina sobre a importância da experiência ao invés da simples transmissão de conhecimento; Duarte Júnior (2020), que nos traz uma discussão sobre a importância da arte na educação e Alves (2011), que nos chama atenção para uma educação através dos sentidos, para educar nossa sensibilidade.

No segundo subitem desse capítulo, mostrarei um pouco do que dizem alguns dos principais autores sobre o desenvolvimento gráfico infantil, como Lowenfeld e Brittain (1977), que desenvolveram uma teoria sobre os estágios de desenvolvimento do desenho; Mèredieu (2000), com um estudo sobre a história do desenho, abordando também sobre autores que estudaram os estágios do desenvolvimento gráfico. Também são autores pertinentes a esse tema Rosa Lavelberg (2013) e Sarmiento (2011), que contribuem para o debate sobre a importância do protagonismo da criança na construção da sua expressão artística; e Derdyk (2020) que nos mostra que o desenho está presente em tudo que podemos imaginar.

Veremos que as crianças de todo o mundo repetem um certo padrão de desenvolvimento ao desenhar, começando por rabiscos e garatujas, até sair uma forma mais parecida com círculo, que mais tarde se transformará em uma representação mais parecida com uma forma humana, para só depois passarem a representar a si e aos membros de sua família, colegas etc. Como pontua Derdyk (2020, p. 39) “o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar”.

Nos tempos que vivemos hoje, onde as pessoas cada vez mais se isolam em suas casas e apartamentos, e no mundo virtual, sem contato com a natureza ou uns com os outros, tendo que dedicar a maior parte do seu tempo ao trabalho, precisamos cada vez mais trabalhar esses conteúdos ligados à arte nas escolas, para que possamos formar uma sociedade mais humana e mais sensível. Lowenfeld e Brittain (1997) apontam que:

A arte pode desempenhar papel decisivo, ao proporcionar o meio em que evoluem os vários padrões de desenvolvimento. Ela constitui a parte predominante em nosso sistema educacional, sobretudo na área da evolução perceptual, ou seja, o desenvolvimento da conscientização das coisas que nos cercam, através dos sentidos; mediante o progresso criador, logra-se o desenvolvimento das características de flexibilidade, de pensamento imaginativo, originalidade e fluência mental; e é também através do desenvolvimento emocional que se adquire a capacidade de enfrentar novas situações, de expressar tanto os sentimentos agradáveis como os penosos. Em menor grau, a arte também proporciona, nesta idade, o ensejo de evoluir nas áreas intelectual, social e estética (Lowenfeld e Brittain, 1977, p. 178).

Podemos considerar que uma educação através da arte contribui para o desenvolvimento do ser humano de forma inteira e integrada, em diversos aspectos. E que sem ela o que nos resta é uma educação limitada e castradora das nossas potencialidades.

No terceiro subitem abordarei sobre a pesquisa (auto)biográfica com crianças, baseada em autoras como Goldberg (2016), que nos conta a respeito do desenho como um processo formativo e formador para a constituição de si; Passeggi (2014, 2021), para quem narrar e refletir sobre nossa vida contribui para darmos sentido às nossas experiências; e Delory-Momberger (2008), que enfatiza sobre a importância da narrativa de vida na construção identitária do sujeito.

A criança quando desenha traz junto sua narrativa de vida através de diferentes linguagens. O intuito de usar essa abordagem é justamente dar voz e atenção para essas histórias, que normalmente são carregadas de fatos sobre sua própria vida e seu cotidiano. O desenho, nesse sentido, é um meio que contribui para a reflexão de suas experiências de vida e, portanto para a construção de si.

2.1 “A vida não se justifica pela utilidade. Ela se justifica pelo prazer e pela alegria.”⁶ - Arte, desenho e experiência na Educação Infantil

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano

A Educação Infantil é um terreno bastante fértil e propício para se vivenciar experiências estéticas, para apreciar, criar e viver as linguagens artísticas de forma engajada e ativa, pois as crianças pequenas ainda não foram tomadas pela lógica do pensamento adulto. O lúdico e o pensamento imaginativo são muito presentes em todas as suas ações. Elas estão abertas a sentir o mundo de corpo inteiro, através dos sentidos, do momento presente. A nós, professores/as, cabe proporcionarmos um ambiente cheio de possibilidades criativas para que, juntos/as, possamos inventar uma escola diferente, que atenda as necessidades de aprendizagens das crianças.

Tarei nesse subitem um diálogo sobre arte e educação (Duarte Júnior, 2012), a experiência estética (Dewey, 2010; Larrosa, 2002) e algumas reflexões sobre as práticas artísticas na educação infantil (Ostetto, 2011; Albano, 2021). Dentre essas práticas, destaco o desenho infantil, que é meu objeto de pesquisa. Como venho trabalhando esse processo com meus alunos e o que espero alcançar com uma educação através da arte e da educação estética.

Constato que a arte é importante não só para a educação formal como para a própria vida do ser humano, pois por meio de suas linguagens a pessoa tem a possibilidade de significar e refletir sobre suas experiências, de dar sentido a sua existência, sentir emoções ou imaginar situações desconhecidas, que não as viveu e muitas vezes não as viverá. Dessa forma ela amplia sua percepção sobre o mundo sem necessariamente passar por tais experiências. Como pontua Albano (2021, p. 26) “[...] pois a função permanente da arte é recriar para a experiência de cada

⁶ A frase que dá nome a esse subitem 2.1 foi retirada do livro “Educação dos sentidos e mais...”, do Rubem Alves (Alves, 2011, p. 11).

indivíduo a plenitude daquilo que ele não é, isto é, a experiência de toda a humanidade”.

Mas afinal o que é arte? E por que ela ajuda na construção de nossa humanidade? Que função ela desempenha na sociedade e na vida das pessoas? A arte tem a potência de traduzir e materializar o indizível, o que é da ordem do sentimento, das emoções, o que nem sempre se pode expressar com explicações racionais, técnicas e mecânicas. Como diz Duarte Júnior “[...] a vida humana não é apenas vida (física), mas existência, ou seja, comporta um sentido” (2012, p. 20). Como nós não somos partes separadas, somos razão, sentimento, emoção e temos a capacidade de refletir sobre nós mesmos, assim temos a necessidade de dar sentido a nossa existência, e ao mundo ao qual estamos inseridos.

O autor supramencionado nos chama a atenção para a importância da arte na educação como forma de educar os sentimentos. A sociedade capitalista e liberal dá mais relevância àquilo que é da ordem racional e lógica, pois o que deseja é a padronização e a produção de mão de obra para o mercado de trabalho, deixando em segundo plano as características existenciais de cada um. A educação através da arte nos possibilita fazer o educando voltar sua atenção à sua própria forma de sentir, à sua história de vida e, com isso, desenvolver suas percepções e visões de mundo, formando um pensamento crítico.

Vejo no ensino da arte um caminho para modificarmos a velha educação bancária que Freire (2017) denunciou, para a qual o aluno é apenas um depósito de conhecimento e o educador é quem sabe, quem deposita. Infelizmente, ainda encontramos na escola de hoje muitos elementos dessa forma de ensinar. Porém, Freire (2017, p. 81), nos conta que “[...] só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”.

Nas linguagens artísticas encontramos a possibilidade de desenvolver essa capacidade inventora própria do ser humano. Vygotsky (2012) alerta sobre a importância da escola poder promover ambientes onde os alunos possam desenvolver sua capacidade criadora, pois a criatividade é construída a partir das interações que o ser humano faz com o meio, a cultura e as pessoas com quem se relaciona. Ele aponta que:

De facto, a imaginação, como fundamento de toda a atividade criadora, manifesta-se de igual modo em todos os momentos da vida cultural,

permitindo a criação artística, científica e tecnológica. Neste sentido, definitivamente, tudo o que nos rodeia e foi concebido pela mão do homem, todo o mundo da cultura, ao contrário do mundo da natureza, tudo isto é o resultado da criatividade e imaginação humanas (Vygotsky, 2012, p. 24).

Para tentarmos compreender um pouco como se formou o conceito de arte vamos dialogar com o pensamento do Dewey (2010). Segundo ele, na opinião comum arte seria o produto originado de um processo artístico, algo materializado, feito por alguém considerado artista, artesão. Nesse entendimento comum, separa-se a experiência de criar ou de admirar o próprio processo criativo da coisa criada, do objeto. Ele comenta que, na verdade, a obra de arte seria a experiência de criação, como a pessoa se envolveu para fazer determinado objeto, ou como as pessoas interagem ao apreciarem esse mesmo artefato.

Importante ressaltar que o conceito de arte é polissêmico, ou seja, existem múltiplas visões e perspectivas sobre o mesmo; fatores variados que podem influenciar; como contextos culturais e históricos, experiência de vida, dentre outros; isso é justamente uma das coisas mais fascinantes sobre a arte e onde mora sua riqueza. Nesta dissertação, adotarei a visão do autor supramencionado.

E seguindo seu raciocínio, Dewey (2010), faz uma crítica ao fato de estabelecermos um espaço físico para se guardar e admirar os objetos considerados obras de arte, pois isso faz com que se distancie a arte da vida cotidiana das pessoas mais comuns, da comunidade. Elevando a arte a um *status* onde somente pessoas consideradas cultas, conhecedoras, é que visitam os museus. Nesse sentido poderíamos dizer que a arte passa a ser um produto de consumo por pessoas de determinada classe social, e não por todos.

Dewey (2010) destaca que nas comunidades mais antigas a arte fazia parte dos objetos mais simples da vida cotidiana das pessoas, como um tapete, os móveis domésticos, os desenhos nas cavernas, as cerimônias religiosas, etc. Segundo ele:

[...] essas coisas eram melhorias dos processos da vida cotidiana. Em vez de serem elevadas a um nicho distinto, elas faziam parte da exibição de perícia, na manifestação da pertença a grupos e clãs, do culto aos deuses, dos banquetes e do jejum, das lutas, da caça e de todas as crises rítmicas que pontuam o fluxo da vida (Dewey, 2010, p. 65).

O autor supracitado segue afirmando que, com o avanço da dominação do capitalismo e o desenvolvimento da indústria no mundo, os artesãos e artistas que faziam com que encontrássemos beleza nos utensílios mais corriqueiros do nosso dia

a dia foram perdendo suas funções, pois não se tinha mais espaço para criar artisticamente coisas das utilidades diárias. A indústria passou a produzir os objetos cotidianos, em quantidades cada vez maiores, para servirem aos objetivos do capital, que é o consumismo desenfreado. Dessa forma, a arte foi se distanciando do nosso convívio. Então, com o passar do tempo, os objetos mais trabalhados foram transportados para outros espaços, longe dos lares das pessoas comuns, para os museus. Segundo Dewey (2010, p. 67):

O crescimento do capitalismo foi uma influência poderosa no desenvolvimento do museu como o lar adequado para as obras de arte, assim como na promoção da ideia de que elas são separadas da vida comum.

O que Dewey (2010) frisa é que precisamos resgatar o sentido da arte; que a experiência estética mora na vida cotidiana de todas as pessoas; que ela pode ser encontrada e vivida não só na apreciação das obras artísticas, mas nas situações corriqueiras, numa paisagem natural, no contato genuíno com as coisas mais simples: desde que para isso estejamos atentos e com a percepção aguçada, que procuremos estar presentes, sem deixar que a ansiedade pelo futuro ou as angústias passadas nos roubem esse estado de presença. O autor ilustra que a experiência estética “[...] significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos” (2010, p. 83).

Para John Dewey (2010), uma experiência estética tem a ver com a forma como nos relacionamos com uma obra de arte, uma situação cotidiana, os objetos e a própria natureza. Ele afirma que essa interação, para se configurar uma experiência estética, deve ser de forma inteira, que nossos sentidos estejam envolvidos e engajados e ainda enfatiza que são as emoções que integram todas as partes dessa relação.

No mundo tecnológico e consumista em que vivemos, onde o prático, rápido, movido pelos excessos de toda forma, nos obriga a não perder tempo com as coisas, as pessoas, as experiências; onde a quantidade de opções para escolhermos é assustadora, bem como a quantidade de informações que somos expostos a todo instante ultrapassa a capacidade de apreensão do cérebro humano; passamos pela vida sem viver de “forma singular” (Dewey, 2010). Como afirma Dewey (2010, p. 109)

“[...] muitas vezes, porém, a experiência vivida é incipiente. As coisas são experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular”.

Uma experiência singular para esse autor seria aquela que conseguimos dar um nome, que se destaca das demais por sua qualidade ímpar, porém que perpassa a experiência inteira. Seria aquela que nos toca. Eu penso que, em uma educação voltada para o despertar da nossa sensibilidade, da atenção ao momento presente, poderíamos chamar de uma educação através dos sentidos; estaríamos esculpindo essa ideia de percepção estética diante da vida.

Dewey (2010) argumenta que a aprendizagem estética é influenciada pelas condições sociais, culturais e históricas em que a pessoa está inserida. Ela pode ser ensinada. Por isso, a importância de criarmos repertórios para que as crianças possam enriquecer suas percepções diante da vida. Através da educação estética não só modificamos nosso universo interior como nossa compreensão do mundo ao nosso redor.

Larrosa (2002) corrobora com a ideia do Dewey (2010) sobre a questão de que não é toda experiência que pode ser considerada estética. E faz uma crítica à sociedade moderna, a qual nos impõe um ritmo de vida tal, que fica quase impossível desenvolvermos momentos de apreciação estética e fruição. Segundo o autor:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (Larrosa, 2002, p. 21).

Larrosa (2002) aponta que alguns fatores contribuem para que as experiências passem por nós despercebidas, que não nos toquem. Como consequência, a gente vai passando pela vida de uma forma quase como anestesiados, sem viver reais experiências. Seriam os excessos e a pressa os grandes inimigos de uma fruição genuína diante dos acontecimentos. Para o autor, o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho, estão nos tornando sujeitos que passam pelas coisas de forma vazia e insipiente.

O sujeito moderno trabalha em demasia, pois ele é considerado mais uma peça na grande engrenagem da lógica capitalista. Seu valor é atrelado ao quanto ele é capaz de produzir. As tecnologias estão cumprindo seu papel nos bombardeando a

todo instante com informações novas, e esse mesmo sujeito é impelido a estar informado, caso contrário, sente que está fora da realidade. E quase como uma reação instantânea ele quer dar sua opinião sobre tudo. De repente todos são cientistas, críticos, jornalistas, historiadores, doutores de toda sorte etc. Onde fica a pausa nesse mundo? O tempo de parar, observar, sentir. Para Larrosa (2002, p. 24):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

O ambiente escolar não se encontra fora dessa lógica do mundo moderno, afinal a escola faz parte do aparelho cultural e ideológico da sociedade. Na Educação Infantil, temos que seguir uma rotina tomada por tempos para tantas coisas “importantes” que não nos sobra tempo pra fruição, para a pausa, para viver cada experiência devagar. Eu me pergunto: como respeitar o tempo da criança e ao mesmo tempo atender a cobrança de seguir a rotina imposta? Afinal, a criança segue outro tempo, como diz Carvalho (2015, p. 124) “o tempo das crianças não é o do relógio, mas o da potência dos momentos vivenciados”.

Além do excesso de conteúdos a serem contemplados, temos o tempo cronológico que corre veloz, que é bem diferente do tempo da criança. Como comenta Ostetto (2011, p. 7) “Ah! O tempo do tic-tac-tic-tac que passa apressado, rouba o momento do devaneio, da entrega, impede a construção do olhar sensível”. A autora referenciada ratifica Carvalho (2015) ao dizer que precisamos repensar a forma como organizamos e aproveitamos o tempo estabelecido pelas rotinas da Educação Infantil.

Para Carvalho (2015), as instituições de Educação Infantil em geral privilegiam os conteúdos a serem aplicados, muitas vezes interrompendo uma brincadeira ou vivência que a criança está inteiramente entregue para que a próxima proposta seja realizada. As instituições educacionais entendem que esse tempo de brincadeira, tempo não controlado, não é bem aproveitado, já que ele não necessariamente pode ser mensurado com um produto palpável feito pelos educandos. De acordo com ele:

Dessa forma, a maneira como é organizado o tempo interfere diretamente nas experiências vivenciadas pelas crianças na escola. Isso porque, muitas vezes, a organização do tempo institucional se sobrepõe às demais temporalidades, pois é através dele que são estabelecidos horários inflexíveis, enquanto os demais tempos são preenchidos com atividades fragmentadas e desconexas que não dialogam com os contextos das crianças (Carvalho, 2015, p. 129).

A descrição dessa lógica de organização institucional dialoga com o pensamento do Duarte Júnior (2020); o autor faz importantes questionamentos sobre nosso sistema educacional, que não mudou muito nos últimos anos. Ele assinala que a escola segue uma lógica racional onde desde cedo os estudantes são submetidos às técnicas do “esquartejamento mental” (2012, p. 32), fazendo uma cisão entre sentimentos e razão, dividindo-os em partes, com um enfoque no racional, pois a moderna sociedade industrial precisa de sujeitos que saibam operar mecanicamente, que não tenham pensamento crítico e que sirvam para a produção em massa. Para o autor:

O intelectualismo de nossa civilização - reforçado no ambiente escolar - torna relevante apenas aquilo que é concebido racionalmente, logicamente. Deve-se aprender aqueles conceitos já “prontos”, “objetivos”, que a escola veicula a todos, indistintamente, sem levar em conta as características existenciais de cada um. Nesse processo, os educandos não têm oportunidade de elaborar sua “visão de mundo”, com base em suas próprias percepções e sentimentos. Através da arte pode-se, então, despertar a atenção de cada um para sua maneira particular de sentir, sobre a qual se elaboram todos os outros processos racionais (Duarte Júnior, 2012, p. 66).

O que nos resta, a nós educadores/as, é criar mecanismos de subversão dessa lógica. Eu venho refletindo ao longo desses anos de profissão como burlar o que nos é imposto na escola. Na Educação Infantil temos uma rotina diária a seguir que não nos dá tempo de vivenciar as experiências mais devagar, pois temos um conjunto de conteúdos e projetos a cumprir durante o ano letivo. Eu tenho a rotina e os conteúdos como um norte a seguir, porém decidi não me prender a essa cartilha do fazer pedagógico, somente.

Como subverto essa cartilha? Dando mais tempo às crianças quando elas pedem. Quando estão desenhando, por exemplo, as que necessitam de um espaço maior de tempo para compor sua narrativa imagética, eu as deixo seguir em sua viagem artística; ou quando estamos no “Tempo do parque”, momento em que estão no parquinho de areia que temos na creche, nesse “tempo”, elas sempre pedem para ficar um pouco mais, pois amam brincar com os elementos da natureza.

Dessa forma vou tentando, na medida do possível, promover espaços de tempos qualitativos para que as crianças possam aprender mais devagar e saborear as propostas que levo ou que decidimos juntas experimentar. Porém, não é uma tarefa fácil. O tempo que nos é imposto pela sociedade, o cronológico, é difícil de ser enganado. Ostetto (2011) nos aponta um caminho possível que seria o de focarmos mais nos processos artísticos ao invés do produto final, ou seja, na experiência. Fugindo um pouco das expectativas dos adultos, que esperam das crianças um resultado de suas produções e que muitas vezes não atingem o modelo que lhe é imposto; sendo, portanto, desvalorizadas as suas produções, considerando-as esteticamente feias. Como propõe Ostteto (2011, p. 7):

O desafio para o educador está no exercício de um planejamento transformador do tempo que corre e nos escraviza (em busca de um produto final), em um tempo suspenso, pausado (entregue ao processo), que permite às crianças o pensar e fazer. A arte requer essa outra qualidade de tempo. E uma outra qualidade de espaço também.

O caminho para se desenvolver uma educação estética e artística desde os primeiros anos do ensino é convidar as crianças a experimentarem diferentes formas de expressão, permitir que elas entrem em contato com as linguagens artísticas, que tenham tempo para desfrutarem e testarem materiais diversificados, onde possam criar, pesquisar e construir sua própria arte, ou simplesmente só experimentar materiais, que tenham espaço para se expressarem e serem ouvidas. Para isso é imprescindível que nós, educadores/as, possamos criar repertórios. Como bem acentua Albano (2021, p. 22):

Para poderem expressar suas ideias e emoções com traços, cores, formas, sons e movimentos, as crianças necessitam ter experiências com materiais e procedimentos variados, para que adquiram habilidades no uso de diferentes meios de comunicação. Precisam de muito tempo e muitas oportunidades para desenharem, pintarem, modelarem, construírem objetos, dramatizarem histórias sonoras ou não, conquistando, assim, um domínio sempre crescente sobre os instrumentos de criação. Necessitam, também, de vivências significativas, que serão o conteúdo de suas expressões.

Portanto, precisamos trazer a arte para o cotidiano na educação infantil, e indo mais além, precisamos educar no sentido de “desenvolver uma consciência estética” (Duarte Júnior, 2012, p. 73) em nossos estudantes; através da ampliação de seus repertórios culturais, cognitivos, imaginativos e criativos. Promover uma educação que faça com que se aprenda sobre seus sentimentos e emoções, que o

educando tenha espaço e tempo para se expressar, falar de si e refletir sobre o sentido de sua existência. Uma educação através da arte como propõe Duarte Júnior (2012, p. 73):

Ela compreende justamente uma atitude mais harmoniosa e equilibrada perante o mundo, em que os sentimentos, a imaginação e a razão se integram; em que os sentidos e valores dados à vida são assumidos no agir cotidiano.

Acredito que por esse caminho podemos alargar nossas aprendizagens e compreensão diante das coisas do mundo, pois a arte e a educação estética têm a potência de nos tornar sujeitos capazes de desempenhar papéis mais participativos e críticos na sociedade, de nos tornarmos mais humanos. O desenho, em especial, na Educação Infantil, desempenha um papel fundamental, como forma de expressão da criança, através dele ela reflete e dá significado ao vivido.

2.2 “Bernardo consegue esticar o horizonte usando três fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.”⁷ - Estudo do desenho infantil – desenvolvimento gráfico

“Ao desenhar, o mundo torna-se presente em nós”.

Edith Derdyk

Quando comecei esta pesquisa sobre o desenho infantil, me surpreendi com a quantidade de estudos que existem sobre o tema. A primeira pergunta que me fiz foi: o que estou procurando sobre esse assunto? O que eu quero saber sobre o desenho das crianças? Parte da literatura a respeito se atém aos aspectos analíticos, já que a área da psicologia foi uma das primeiras a analisar essa forma de expressão na criança pequena (Mèredieu, 2000).

Com esta pesquisa pretendo focar nos aspectos ligados à experiência artística e de expressão, combinados com as narrativas que vêm junto com o ato de desenhar. Não tenho o intuito de fazer análise psicológica dos desenhos dos meus alunos. Sou defensora da ideia de promovermos momentos em que as linguagens

⁷ A frase que dá nome a esse subitem 2.2 foi retirada do livro “Poesia completa” do Manoel de Barros (Barros, 2010, p. 322).

artísticas estejam cada vez mais presentes nas escolas, e que se dê a sua devida importância a elas.

Nas minhas práticas pedagógicas, procuro trazer o desenho como um momento de fruição e prazer, para que meus alunos desfrutem com liberdade de criação, que possam ter satisfação ao desenhar. Procuro criar repertórios prévios, para que se enriqueçam de referências, para que as crianças não fiquem apenas no fazer livre. Não quero dizer com isso que elas não podem desfrutar desses momentos de liberdade. Porém, como argumenta Ostteto (2011), o papel da/o professora/or na Educação Infantil é o de mostrar caminhos, disponibilizar materiais diversos e repertórios para as crianças. Segundo a autora:

Aprende-se a gostar, a ver e ouvir, assim como a combinar materiais, a inventar formas, por isso um dos papéis do professor é abrir canais para o olhar e a escuta sensíveis, disponibilizando repertórios (imagéticos, musicais, literários, cênicos, filmicos), não apenas para a realização de uma atividade, mas, inclusive, cuidando do visual das salas e dos demais espaços da instituição (Ostetto, 2011, p. 6).

Meu público são crianças pequenas, 4 anos de idade. Como já foi dito anteriormente, o desenho é uma das mais importantes formas de expressão nessa fase. Penso que toda professora de creche deveria entender e estar atenta aos estudos desenvolvidos sobre esse tema. Pois como aponta Lowenfeld e Brittain (1977, p. 158) “a arte de uma criança é o seu próprio reflexo. Ela aprende, à medida que organiza sua experiência. O desenho é uma oportunidade de converter o pensamento em forma concreta”.

Em seu livro sobre o desenho infantil, Mèredieu (2000) faz um breve histórico de como surgiu o interesse por essa área. Segundo ela, o desenho infantil só despertou a curiosidade dos pesquisadores no final do século XIX, e a psicologia foi quem primeiro voltou seu olhar para ele; logo depois a pedagogia, a sociologia e a estética foram favorecidas com esses estudos também. Isso ocorre quando se volta o olhar para a infância, a criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura. Ela passa a ser estudada e se descobre que a psique infantil tem suas próprias organizações.

A princípio se olhava para a arte da criança como se fosse um ensaio para um futuro artista. Só quando adulta, ela alcançaria a “perfeição” estética. Hoje não se pensa mais dessa forma: a criança é vista como alguém capaz de produzir sua própria arte, de ser original. Porém, como ela está também imitando o mundo adulto, pois é

dessa forma que apreende a realidade, ela não está isenta de imitar o adulto em sua forma de se expressar. Apesar disso, a arte da criança é diferente da arte do adulto.

Mèredieu (2000) também nos conta que foi graças à evolução das técnicas gráficas e plásticas e pela difusão do papel e do lápis que a criança teve a oportunidade de desenvolver seu desenho. E que as transformações no universo da arte, onde artistas contemporâneos passaram a se voltar para formas artísticas consideradas à margem da arte tradicional, foram importantes para esse novo olhar para o desenho infantil.

Muitos teóricos se preocuparam em sistematizar o desenvolvimento gráfico infantil em fases, como Lowenfeld e Brittain (1977), que se voltaram para o desenvolvimento do desenho infantil. Em seu livro “Desenvolvimento da capacidade criadora” (1977), eles relatam que crianças de todo o mundo passam por determinados esquemas ou fases, em seu desenvolvimento gráfico. Segundo os autores:

Embora se exprima vocalmente muito cedo, seu primeiro registro permanente assume, com frequência, a forma de garatuja, por volta dos dezoito meses de idade. Esse primeiro rabisco é um importante passo no seu desenvolvimento, pois é o início da expressão que a conduzirá não só ao desenho e à pintura, mas também à palavra escrita” (Lowenfeld e Brittain, 1977, p. 116-117).

É importante ressaltar que a obra acima citada foi escrita em 1947, e que apesar de ser considerada um clássico no assunto sobre as expressões artísticas infantis, muitas outras pesquisas foram feitas depois; partindo da prática com crianças e dos estudos mais atuais, constato que as idades que eles colocam já estão defasadas. As crianças de hoje iniciam esse processo de garatuja muitos antes dos 18 meses.

Considerando a importância dessa obra, quero falar um pouco sobre como os autores supramencionados organizaram essas fases. Para esses autores a criança vive arte antes do seu primeiro rabisco em um suporte. Através dos sentidos, ela se comunica e sente o mundo exterior, afinal a arte é uma forma de sentir o mundo. Viver em um ambiente onde estímulos de formas variadas acontecem é muito importante para que possam criar repertórios e conseqüentemente desenvolver sua capacidade de criar.

Segundo Lowenfeld e Brittain (1977), o primeiro estágio seria o das garatuja: nele não há uma preocupação com a forma, com um resultado final da obra,

há apenas um prazer sensorial do movimento, que acaba sendo grafado no papel através do desenho. Segundo eles, essa fase se divide em três: garatujas desordenadas; garatujas ordenadas ou controladas; e garatujas com atribuição de nomes, garatuja nomeada.

As garatujas desordenadas (até 2 anos de idade) se caracterizam por traços realizados de forma eventual; a criança segura o lápis de formas variadas; há prevalência de movimentos amplos; os círculos ainda não aparecem. A intenção não é de desenhar algo representativo. Ela sente prazer no gesto de rabiscar. E como a criança tem a mente muito aberta, ainda não foi aprisionada aos conceitos de que todo objeto tem uma função específica e só. Ela vê como suporte qualquer superfície onde ela possa deixar sua marca. Pode ser uma folha de papel, parede, portas de armários, geladeira, chão, móveis, seu próprio corpo etc.

É importante dizer que estudos mais recentes sobre o desenho infantil foram realizados. Portanto trago também as contribuições da Castell (2012), para fazer um paralelo com os autores acima tratados. A autora dividiu as fases do desenvolvimento gráfico em eixos e etapas. Segundo ela, temos o eixo pensamento cinestésico, etapa da garatuja desordenada, que corresponde ao estágio das garatujas desordenadas de Lowenfeld e Brittain (1977). Cinestesia refere-se a “*kinesis*”, que quer dizer “movimento” – a garatuja guarda em si o prazer do movimento.

Continuando com Lowenfeld e Brittain (1977), nas garatujas controladas ou ordenadas acontece a descoberta de que é seu movimento que deixa a marca no papel, o controle visual se liga aos traços, preenche todo o espaço do suporte. É importante que o professor ou a professora incentive a criança a garatujar. Quanto mais a criança brinca com seus movimentos de garatujar, mais ela vai se aprimorando no seu desenho. Essa fase, para Castell (2012), também é representada pelo eixo pensamento cinestésico – etapa da garatuja ordenada ou longitudinal, na qual os movimentos da criança são ordenados (vai e vem); o impulso sai a partir da articulação do cotovelo; os movimentos tornam-se cada vez mais intencionais, ritmados e intensos, circulares ou longitudinais.

Na última fase das garatujas, para Lowenfeld e Brittain (1977), é a fase em que as crianças dão nomes aos desenhos. Ocorre importante mudança no pensamento delas. Seu desenho agora tem uma intenção. As narrativas espontâneas sobre o desenho passam a surgir nessa etapa, pois o surgimento do círculo ativa a imaginação. A partir do círculo é que muitas figuras vão surgir futuramente. As

garatuja são mais diversificadas. A criança passa um tempo maior nessa atividade. Castell (2012) nomeia essa fase de eixo pensamento cinestésico - etapa da garatuja nomeada.

As fases seguintes seriam de acordo com Lowenfeld e Brittain (1977): pré-esquemática, por volta dos 4 a 7 anos, onde acontecem as primeiras representações mais realistas - aqui surgem os círculos, triângulos e quadrados, como também as primeiras tentativas de forma humana; esquemática, de 7 a 9 anos, quando seus esquemas mentais já amadureceram para começar a desenhar objetos e pessoas, seus desenhos se tornam mais representativos e realistas; a seguir vem o estágio do realismo, de 9 a 12 anos – nele, os desenhos de objetos e pessoas surgem com mais fidelidade à realidade; e, por fim, o pseudonaturalismo, de 12 a 14 anos - nesta fase a arte deixa de ser espontânea, é o período do raciocínio, os jovens ficam bastante críticos com seus desenhos.

Já para Castell (2012), o eixo seguinte seria o do pensamento imaginativo. Segundo ela, aqui acontece o momento do fechamento da forma, transição do pensamento cinestésico para o imaginativo, que é de fundamental importância para a criança. Nas palavras da autora “[...] em nível perceptual, a criança está celebrando a descoberta da consciência do Eu. Seria como pensar: este desenho sou eu. Trata-se da primeira tentativa de representar algo do mundo real” (Castell, 2012, p. 61). Essa etapa se chama pensamento imaginativo – etapa do pré-esquematismo. Para Castell (2012), autores dizem que nessa fase a criança desenha de forma egocêntrica, para ela o centro do universo é ela mesma, por isso geralmente os temas são: o meu animal de estimação, a minha mãe, o meu pai, etc.

Algumas características marcantes dessa fase são: o “espaço do astronauta”, caracterizado por desenhos soltos no espaço do papel, dando a sensação visual de que flutuam, de não haver força da gravidade no desenho. Outra característica é a cor emocional: o desenho é pintado com a cor preferida ou cores relacionadas a sentimentos e sensações, ao invés da cor real da figura representada.

Seguindo os eixos e etapas dos estudos da Castell (2012), temos agora o eixo pensamento simbólico. Na etapa das garatuja, não havia uma correspondência visual entre o desenho e a realidade; na etapa do pré-esquematismo. inicia-se essa correspondência; agora, com o pensamento simbólico, segundo a autora “a terceira mudança importante, em nosso entendimento, refere-se à passagem do pensamento

imaginativo para o pensamento simbólico. Esse momento coincide com o período da alfabetização” (Castell, 2012, p. 77).

Continuando no eixo pensamento simbólico, a autora supracitada segue com a etapa do esquematismo, onde surgem nos desenhos a linha do céu e a linha de base como características marcantes. Na etapa do realismo, os desenhos dos meninos e das meninas adquirem características distintas, pois nessa fase passam a ficar mais em grupos, divididos pelo sexo, uma maior consciência visual, desenho de observação etc. Por último, vem a etapa do pseudonaturalismo, e algumas de suas características são: uma preferência pelo desenho da figura humana de uma forma bem mais detalhista; representação do espaço com realismo visual; o texto costuma vir junto do desenho como legenda etc.

Não pretendo seguir descrevendo e detalhando esses eixos e etapas do pensamento simbólico por não tratar do interesse desta pesquisa, já que o público escolhido para este estudo foram crianças que estão na Educação Infantil, com idades entre 4 e 5 anos.

Assim, considero importante um/a professor/a da Educação Infantil conhecer o estudo desses(as) autores(as), pois ampliam nosso olhar para com o desenho das crianças, bem como nos capacitam a melhor entender a linguagem gráfica infantil. Trago na minha bagagem de experiências 14 anos atuando no ensino com crianças de 1, 2, 3 e 4 anos. Atualmente estou no Infantil 4. Para mim, meu diálogo com meus/minhas alunos/as se fortalece quanto mais estudo e tento fazer esse diálogo entre teoria e prática. Partindo de observações práticas, percebo que as fases, eixos e etapas não são estanques. Variam de criança para criança. Como também acontecem regressões, dependendo da história individual de cada criança.

Nos três primeiros anos de escolarização, as linguagens artísticas são mais presentes, porém chegando ao infantil 4 começa um processo de supervalorização da linguagem escrita. Há também certa incoerência por parte da rede de educação do município de Fortaleza, pois todos os professores da educação infantil têm formação continuada todo mês, ocasiões em que somos orientados a trabalhar os conteúdos de forma lúdica e trazer com o mesmo grau de importância as linguagens artísticas. Porém, na prática, há uma cobrança para que a criança desenvolva logo a escrita. Com isso o tempo que temos, que é curto é utilizado de forma desproporcional.

Retomando o nosso tema central, que é o desenho, observo que o processo de desenhar é interrompido quando a criança começa a se alfabetizar. O

tempo de desenhar vai ficando cada vez mais escasso. Para que isso não aconteça, é necessário que a criança possa seguir construindo a sua arte, sua expressão através do desenho, como destaca Lavelberg (2013, p. 18):

Assim, o desenho que a criança faz com ela seguirá e se expandirá se ela quiser; para isso, é necessário que aqueles que são responsáveis por sua educação saibam qual é o significado, e quais são os desafios e os benefícios, do desenho infantil.

Lavelberg (2013) defende uma abordagem pautada no respeito a cada criança e a seu processo individual, e na observação e valorização de suas produções. Diz que o papel do educador é proporcionar um ambiente adequado para que as crianças possam se expressar por meio de seus desenhos. Em seu estudo, nos mostra um outro olhar sobre o desenvolvimento do desenho infantil, desconstruindo a ideia da divisão do desenho em fases, e que o desenho é espontâneo e universal. Afirma que “[...] a criança desenha regida pelo que concebe sobre o desenho e, para isso, depende de interação com um meio onde o desenho é validado como ação infantil” (Lavelberg, 2013, p. 20).

Lavelberg (2013) faz ainda um apontamento sobre alguns “equivocos didáticos”, como ela diz, que acontecem nas escolas de educação infantil: uma prática que já é ultrapassada, que é o desenho pronto para colorir. Ela considera que essa atividade está fora do universo da arte infantil e que estaria separando a criança do seu potencial criativo. Infelizmente ainda vejo algumas colegas realizando esse tipo de atividade. E como já mencionei anteriormente, eu já fui essa professora, mas isso foi no início, quando comecei a trabalhar com criança.

O desenho para a criança é jogo, brincadeira, que ela leva muito a sério. Geralmente vem acompanhado de fala, narração e uma série de conexões que deve fazer no momento de desenhar para solucionar problemas que vão surgindo. No ato de criar ela “reflete, intui, age com materiais em suportes e vive uma relação simbólica com seu trabalho” (Lavelberg, 2013, p. 47). Ou seja, o ato de desenhar desenvolve muitas aprendizagens importantes que a criança irá precisar para muitas outras situações em sua vida.

Tudo começa com um gesto, pois a criança é puro movimento. Por isso procuro trabalhar bastante essa questão com meus alunos, levo atividades onde possam aprender com seu corpo se movendo. Para isso é importante variar a forma, o suporte, os materiais e as propostas de atividades. Mèredieu (2000, p. 6) diz que

“[...] na criança, o desenho é antes de mais nada motor; a observação de uma criança pequena desenhando mostra bem que o corpo inteiro funciona e que a criança sente prazer nesta gesticulação”.

O desenho também é fala, é posicionamento e, como afirma Sarmiento (2011), precisamos ouvir a voz das crianças. Porém é preciso atenção e sensibilidade, pois as crianças têm múltiplas linguagens, múltiplas formas de se expressarem. O desenho é apenas uma delas, um meio em que relevam a forma como apreendem o mundo. A escola desempenha um importante papel nesse sentido, por oferecer um ambiente onde é ofertada a oportunidade do aluno manifestar sua fala e expressão, segundo o autor supracitado:

Os desenhos são decorrentes de processos culturais de aprendizagem, de regras de comunicação, com os seus conteúdos e as suas formas, e dependem fortemente das oportunidades e das condições de comunicação que são propiciadas às crianças. Sem prejuízo do carácter autoral que toda a expressão possui, por se realizar a partir da capacidade criativa do sujeito, os desenhos das crianças são artefactos sociais, isto é, testemunhos singulares de uma cultura que se exprime na materialidade dos produtos em que se comunica (Sarmiento, 2011, p. 7).

Corroborando com o pensamento de Lavelberg (2013), Derdyk (2020) aponta que é pouco provável que todas as crianças do mundo sigam os mesmos processos, nas mesmas idades, no mundo todo, pois vivem em culturas muito diversas; e que por sermos seres sociais, não estamos isolados, estamos imersos no meio de um contexto, e tudo isso vai influenciar no desenvolvimento da aprendizagem. Não seria diferente, portanto, com a aquisição da linguagem do desenho, ela afirma em seu estudo:

Em nosso trabalho, registraremos uma visão processual e orgânica do desenvolvimento gráfico da criança. Este é cheio de idas e vindas, não ocorrendo de forma linear e ascendentemente, em especial por se tratar de um processo (Derdyk, 2020, p. 38).

Derdyk (2020) nos chama a atenção para a grande importância do desenho em nosso mundo. Diz que ele está presente em tudo que possamos imaginar, desde as formas mais simples da natureza, como as inervações de uma folha, até as constelações estelares: em tudo podemos ver desenho manifestando-se. E na nossa sociedade também ocorre o mesmo, assim ela afirma:

Essas observações nos fazem pensar que tudo o que vemos e vivemos em nossa paisagem cultural, totalmente construída e inventada pelo ser humano,

algum dia foi projetado e desenhado por alguém: a roupa que vestimos, a cadeira em que nos sentamos, a rua pela qual passamos, o edifício, a praça. O desenho participa do projeto social, representa os interesses da comunidade, inventando formas de produção e de consumo (Derdyk, 2020, p. 33).

Pensando assim, eu me questiono por que a escola não olha para o desenho infantil com a seriedade que ele requer? Por que o processo de desenvolvimento dessa linguagem é interrompido com a alfabetização, se em tudo ele está presente e se comunica conosco o tempo todo. A própria sala de aula é um ambiente repleto de imagens. E tudo que colocamos nas paredes da escola tem uma mensagem a nos contar ou a nos moldar. Atrás de uma imagem existe uma história, uma ideologia, um conjunto de valores culturais que nos mostram como devemos ser e agir no mundo.

2.3 “É preciso escutar as crianças para que a sua inteligência desabroche.”⁸ - Autobiografismo: desenho infantil e autobiografia

A narrativa trata da procura da mente por significados, é o nosso dom narrativo que nos dá o poder de produzir sentidos acerca das coisas do mundo.

Luciane de Conti

Antes de começar nosso diálogo sobre o que é uma pesquisa autobiográfica e o porquê de sua importância na Educação Infantil, quero contar um pouco sobre o caminho que me levou a essa abordagem. Tudo começou a partir das minhas observações cotidianas em sala de aula. Na Educação Infantil é muito evidente a necessidade que as crianças têm de falar de si. Elas estão o tempo todo nos mostrando coisas sobre suas vivências, tanto da escola quanto com seus grupos familiares ou sobre locais que frequentam. Para Conti (2012, p. 150) “a habilidade em narrar experiências pessoais é uma das primeiras modalidades narrativas a se desenvolver na criança”.

⁸ A frase que dá nome a esse subitem 2.3 foi retirada do livro “Educação dos sentidos e mais...” do Rubem Alves (Alves, 2011, p. 21).

Seja numa brincadeira de faz de conta, na famosa roda de conversa que toda creche tem em sua rotina, durante a produção de seus desenhos ou em uma contação de história, as crianças falam de muitas maneiras distintas falam de si mesmas. Basta que tenhamos atenção e sensibilidade para saber ouvi-las, para promover espaços e tempo de escuta. E para saber ouvir o outro é preciso que a pessoa também saiba se ouvir. Para cuidar, é preciso saber cuidar de si primeiro. A escuta também é uma aprendizagem.

Com o desejo de aprender a me ouvir melhor, entender meus sentimentos e emoções, em 2016 comecei a fazer aulas de yoga. Sempre tive curiosidade e interesse por essa prática, por ser uma atividade bastante completa, que trabalha vários aspectos do nosso ser: corporal, emocional, mental e espiritual (para quem acredita que existe um lado espiritual da vida). Segundo Fernandes (1994), estudiosa e professora de yoga, o objetivo dessa filosofia é a educação integral do ser, buscando o desenvolvimento e equilíbrio corpo-mente. Na yoga se aprende muito sobre o silêncio, sobre saber se ouvir, e conseqüentemente a ouvir melhor o outro.

Depois de alguns anos praticando yoga, resolvi me ariscar a compartilhar esse conhecimento. Em 2019 tomei a iniciativa de levar essa experiência para a sala de aula. Foi então que comecei a desenvolver junto com meus/minhas alunos/as um projeto onde realizo práticas de yoga aliada ao estudo da educação emocional. A partir da consciência corporal e respiratória, aproveito para falar e ouvir sobre os sentimentos e as emoções, pois acredito que podemos ser seres humanos melhores se nos conhecermos, se pudermos entender um pouco sobre como funciona nosso sistema emocional.

Na maioria das vezes, culminamos nossa prática com um convite para desenhar sobre o sentimento que está mais presente em cada criança naquele dia, pois nem sempre a narrativa oral dá conta do que elas desejam expressar após as nossas conversas. Assim como o desenho nem sempre dá conta de expressar por si só o que a criança pretende comunicar. Mas desenho e narrativa oral se entrelaçam de uma forma que não sabemos quem começa primeiro, se é o desenho ou sua história contada oralmente.

Através desses momentos pude perceber que é importante para as crianças o entendimento dos seus sentimentos e emoções, de ter esse espaço para falarem sobre o que sentem, e que nem sempre as palavras são sua forma primeira de expressão. Em alguns casos somente a partir do desenho é que elas conseguem

falar mais de si. Como bem frisa Derdyk (2020), o desenho funciona como um suporte da sua narração verbal.

Como já foi mencionado aqui nesta dissertação, ao cursar a disciplina Arte Educação em 2021, como aluna ouvinte, com a professora que hoje é minha orientadora, Luciane Goldberg, tive o primeiro contato com os estudos sobre (auto)biografismo. E então nasceu a ideia da minha pesquisa. Já como mestranda do ProfArtes, tive o prazer de participar da disciplina “História do ensino da arte no Brasil, (Auto)biografia e experiências formativas em arte”, em 2022, ofertada pela minha orientadora, em parceria com a professora dr^a Larissa Rogério, no Instituto Federal do Ceará (IFCE). Lá pude me aprofundar um pouco sobre a abordagem (auto)biográfica para, posteriormente, compreender melhor sobre o “(auto)biografismo”.

Explanarei agora um pouco sobre essa abordagem, com o apoio dos estudos da Passeggi (2018, 2021), Delory Momberger (2008, 2011), Goldberg (2016) e Sarmiento T. (2018); para que possamos compreender sua importância e contribuição para o ambiente educacional, bem como para a formação dos sujeitos envolvidos no processo de biografização, do falar de si.

O “(auto)biografismo” é um termo nominado por Goldberg (2016) em sua tese de doutorado sobre o papel do desenho infantil para a narrativa autobiográfica da criança, pesquisa realizada em uma instituição que abriga crianças em situação de acolhimento institucional, feita com crianças que estavam sendo cuidadas por essa instituição. Através dessa abordagem, utiliza-se o desenho como suporte para que a criança possa contar sua narrativa de vida, possa falar de si. Corroboro com o pensamento de Goldberg quando nos afirma:

No contexto da Educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos (Goldberg, 2016, p. 43).

Desta forma, Goldberg (2016) nos coloca que, muito antes de escrever, a criança desenha. Porém a maioria das crianças para de desenhar aos 6 anos, em função do processo de alfabetização, visto que a linguagem escrita é mais valorizada que a linguagem do desenho, sendo este, em boa parte das vezes abandonado ainda na infância. Assim, continuando com a autora, a narrativa desenhada da criança configuraria seu “autobiografismo”, o qual “[...] constitui-se, então, dos termos: auto, referente à “escrita” de si; bio, referente à vida; e grafismo, originário do traço, do

desenho, do imaginário, da vida simbolizada em formas e figuras” (Goldberg, 2016, p. 27). Portanto, ela defende que o desenho:

[...] é meio privilegiado para tal, constituindo-se numa importante via de acesso dessas crianças às suas próprias histórias, ao seu “eu”, ajudando na figuração de si. Sendo o desenho um processo formativo e formador, meio de expressão, comunicação, organização e elaboração das vivências e experiências, nele, encontram-se elementos importantes da criança e de sua vida, expressos em uma gramática visual, singular em cada criança, uma linguagem simbólica que incorpora mais do que traços no papel, mas todo um processo ativo decorrente do ato de desenhar (Goldberg, 2016, p. 28).

Passeggi (2021), sobre a pesquisa (auto)biográfica em Educação, destaca sobre a importância da capacidade reflexiva do ser humano e diz que o ato de narrar e refletir sobre a própria vida faz com que o sujeito atribua um sentido a suas experiências vividas, contribuindo assim para construção do que chamamos do nosso “eu”, e que podemos alcançar nossa autotransformação a partir do ato de autobiografar-nos. A essa habilidade a autora designa o termo de “reflexividade narrativa” (Passeggi, 2021), ou seja, narrar e refletir sobre o que nos acontece, o que vivenciamos em nossas vidas. Para ela, a reflexividade autobiográfica:

[...] apresenta-se como um dos conceitos-chave das pesquisas que recorrem às narrativas de si em todas as suas modalidades. Ela dá conta da vitalidade do sujeito e do poder auto(trans)formados das narrativas de si, com grandes potencialidades para os estudos da memória, dos processos de aprendizagem, de construção identitária, enfim da formação humana” (Passeggi, 2021, p. 111).

Assim, acredito que o ambiente escolar, em especial a Educação Infantil, nos propicia um terreno bastante fértil e potente para trabalharmos com esse tipo de abordagem, por estarmos lidando com seres humanos que se encontram no início de seus processos de formação, que podemos chamar de consciência do eu, de sua essência, da construção de suas identidades. E falar de suas vivências é algo primordial e essencial para a criança. Delory-Momberger (2011) considera importante essa narrativa de si, de acordo com ela:

[...] O que dá forma à vivência e à experiência dos homens são as narrativas que delas se produzem. Assim, a narração não é somente o sistema simbólico pelo qual os indivíduos conseguem expressar o sentimento de sua existência: a narração é também o espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida (Delory-Momberger, 2011, p. 341).

A relevância de adotar uma abordagem (auto)biográfica traz consigo a necessidade de dar espaço e oportunidade para que a criança seja protagonista de sua própria (trans)formação, que possa assumir seu papel de ator social, pois é direito dela poder se expressar, refletir, contar-se e ser respeitada em seu ponto de vista, em sua forma particular de ver o mundo. Assim, ela sai de uma condição de agente passivo na pesquisa e passa a desempenhar um papel participativo, ativo. Por isso, essa é uma pesquisa com as crianças, e não sobre elas. Segundo Sarmiento, T. (2018, p. 124):

As crianças, mesmo que nem sempre sejam reconhecidas na sua participação, elaboram narrativas sobre as suas experiências de vida, o que se constitui como uma forma de se auto(re)significarem e de se tornarem presentes nos contextos que habitam, tendo aí um espaço de ação/transformação muito relevante.

Somos seres sociais. Nascemos imersos em uma cultura na qual somos inseridos pelas interações estabelecidas entres nós e nossos grupos de pertencimentos; e assim vamos nos construindo e nos tornando quem somos. Portanto falar de si é também falar sobre o lugar ao qual pertencemos. Ao mesmo tempo em que somos seres coletivos, também sentimos necessidade de desenvolver nossa individualidade, e essa capacidade de falar sobre nossas vivências, sobre o que nos acontece se mostra como método potente de (auto)formação. Delory-Momberger (2011) explica sobre a importância dessa atividade de narrar-se, e trago aqui o conceito de biografia, segundo a mesma autora, para entendermos sua necessidade para a formação humana:

Nesse sentido, a biografia poderia ser definida como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções socio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos. Tal atividade de biografização apresenta-se como uma hermenêutica prática, um marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma história e uma forma própria – uma identidade ou individualidade – para si mesmo (Delory-Momberger, 2011, p. 342).

Compreendendo o valor individual e social das histórias de vida, trago essa potente ferramenta para a minha prática na Educação Infantil, pois considero importante começarmos nos primeiros anos de escolaridade. De acordo com Passeggi (2018, p. 105) a criança é um “[...] ser capaz de lembrar, refletir e projetar-se em devir, [...]”. Dessa forma, ela é perfeitamente capaz de contar sua própria história, por isso essa pesquisa não poderia seguir outra abordagem, pois será

realizada com a participação ativa das crianças. Para entendermos a profundidade que alcançamos ao trabalhar essas narrativas, Passeggi (2018, p. 104) nos pontua que:

Ao narrar para si e/ou para o outro a própria experiência, atividade que Delory-Momberger (2008, 2012) denomina de biografização, o narrador realiza ações mentais, comportamentais e verbais pelas quais dá sentido a suas experiências, organizando-as na temporalidade de sua existência.

O desenho infantil se mostra como uma porta de entrada, ou uma via de acesso às narrativas das crianças, pois a partir do ato de desenhar elas nos contam suas histórias, fazem questionamentos, refletem sobre situações e expressam artisticamente o que muitas vezes ainda não conseguem dizer com palavras, sendo assim, como frisa Sarmiento (2011, p. 2) “[...] o desenho infantil comunica”; e junto com a narrativa oral se complementam como meios de suporte para atuação da criança enquanto narradora da própria história de vida. Para Sarmiento (2011, p. 19):

Poder acompanhar o acto de elaboração do desenho ou captar as opiniões expressas pelas crianças sobre as suas próprias produções plásticas pode contribuir para uma maior compreensão dos significados atribuídos e fazer convergir dois registos simbólicos, aliás nem sempre coincidentes. O desenho e a sua fala são co-constitutivos de um modo de expressão infantil cujas regras não são as mesmas da expressão adulta.

Portanto, com essa pesquisa pretendo desenvolver estratégias e/ou situações que oportunizem as narrativas de si das crianças, por meio do desenho, conjugadas com a oralidade; e identificar os elementos (auto)biográficos que emergem das linguagens orais e gráficas, a partir do ato de desenhar, e que podem desvelar as histórias de vida das crianças da educação infantil. Acredito que essa abordagem se apresenta como um meio de darmos visibilidade e espaço para que as crianças exerçam seu papel de sujeito social, construtor de sua própria história.

3 “QUEM NÃO TEM FERRAMENTA DE PENSAR INVENTA”⁹ – A METODOLOGIA, O ATELIÊ, OS ENCONTROS, AS TEMÁTICAS – COMO TUDO ACONTECEU

Depois de apresentar os fundamentos desta pesquisa, de expor os objetivos, pude partir para o estudo de campo amparada nos autores que me embasaram e na minha experiência prática como professora da Educação Infantil. Neste capítulo, venho apresentar a metodologia e abordagem escolhida, como foram os encontros, as interações, as produções e as narrativas das crianças, bem como, quais frutos foram colhidos através das minhas percepções e trocas com as crianças.

3.1 Sobre a Metodologia

Esta dissertação se configura como uma pesquisa qualitativa, pois meu propósito foi fazer uma investigação e exploração das experiências de desenho e escuta das narrativas orais das crianças da Educação Infantil, bem como compreender a relação que as mesmas estabelecem com o ato de desenhar. Minayo (2002, p. 21 e 22) define a pesquisa qualitativa como:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desta forma, no campo da pesquisa qualitativa fiz uma investigação com as crianças acerca de suas expressões e elaborações através do desenho, partindo de uma abordagem (auto)biográfica (Delory-Momberger, 2008; Passeggi, 2014, 2021). Essa abordagem pode contribuir significativamente para os processos de formação desses sujeitos em desenvolvimento, favorecendo a reflexão de si e o entendimento das relações com seus contextos. Como afirma Passeggi (2021) o ato de narrar e refletir sobre nossas vivências contribui para darmos sentido ao que foi vivido e para formação do eu. De acordo com a autora:

Narrar as próprias experiências – autobiografização – e aprender com a história das experiências de outrem – biografização e heterobiografização –

⁹ A frase que dá nome a este capítulo foi retirada do livro “Poesia completa” de Manoel de Barros (Barros, 2010, p. 473).

fazem parte de nossa humanidade, nos caracteriza como seres pensantes, capazes de sentir, inferir e expressar emoções, razões, desejos, intencionalidades. De modo que a privação da narrativa de si, e por conseguinte do 'eu', seja ela provocada por uma patologia, seja por processos ideológicos e políticos, nos destitui de nossa humanidade (Passeggi, 2021, p. 96).

Segundo Goldberg (2019, p. 153), entende-se que “a criança que desenha geralmente se conta no espaço do papel, narra visualmente suas vivências e experiências, dando forma e conteúdo ao seu existir no mundo; dessa forma, o desenho é narrativo e figurativo”. Sendo assim, esta se configura uma pesquisa (auto)biográfica, por entender que ao desenhar a criança estará realizando um processo de discorrer sobre sua história e refletir sobre si mesma. Para Passeggi (2016, p. 72 e 73) “[...] as capacidades “mais poderosas” do humano, desde a infância, são a de “refletir” para avaliar o que a cultura lhe oferece e “projetar alternativas” para (sobre)viver nessa cultura e, eventualmente, transformá-la”.

A Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF) define a pesquisa (auto)biográfica como “um procedimento que coloca, no centro, o sujeito narrador, enquanto aquele que define seu objeto de busca e desenvolve um projeto de compreensão de si para si e pela mediação do outro” (ASIHVIF, 2016, p. 177).

Valendo-me de uma “escuta-sensível”, procurei ouvir e analisar essas narrativas de vida em formação das e com as crianças através dos seus desenhos. Por escuta sensível entende-se: um “escutar-ver” (Barbier, 2002), no qual o pesquisador adota uma atitude aberta ao universo infantil, liberto de julgamentos e preconceitos. Assim o autor afirma:

A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginativo e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (ou a “existencialidade interna”, na minha linguagem) (Barbier, 2002, p. 94).

Investigando sobre como as crianças se comportam durante o ato de desenhar na minha prática diária em sala de aula, observo que ao desenhar se utilizam de muitas linguagens. Junto à sua produção gráfica, trazem narrativas orais muito ricas, falam muito de si mesmas e da realidade que as cerca. Por isso trago também como um dos princípios desta pesquisa o “(auto)biografismo”, termo designado por Goldberg (2016), que já descrevi no subitem 2.3 desta dissertação.

Uma autobiografia desenhada inicia-se muito antes da criança começar a escrever. Junto ao autobiografismo, a autora propõe a prática do “desenho-escuta” (Goldberg, Frota, Sales, 2017), pois entende que a narrativa desenhada vem, muitas vezes, acompanhada da narrativa oral, defendendo a importância de se valorizar essas duas narrativas conjuntamente, como meio que a criança tem de se narrar, e refletir sobre sua própria história (Goldberg, 2016).

Sou de acordo que essa investigação tem uma valiosa relevância, uma vez que muito além de contar histórias, os desenhos infantis são documentos importantes para pesquisar a realidade das crianças. Sobre isso nos aponta Goldberg (2019, p. 159):

Os desenhos se configuram como fontes de pesquisa reveladores dos olhares infantis sobre suas realidades que tanto contribui para variadas pesquisas quanto para tomadas de decisão política na prevenção e na garantia dos direitos das crianças.

Como falei anteriormente aqui nesta dissertação, desde o início do ano letivo de 2023 trabalhei com mais regularidade o desenvolvimento do hábito de desenhar com meus/minhas alunos/as. Não que antes, nos anos anteriores, eu já não fizesse isso, apenas procurei aumentar a frequência e regularidade desses momentos. Durante esse tempo, pude acompanhar e observar o interesse e a desenvoltura em seus desenhos crescerem a cada dia; e o quanto essa linguagem vem contribuindo para o desenvolvimento de cada um/a. Trazer o desenho como uma prática diária foi também uma estratégia para a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa.

Ainda que todas as crianças da turma demonstrassem gostar de desenhar, precisei escolher apenas seis para participar da pesquisa, para que pudesse dar atenção a cada uma. O meu desejo genuíno era de realizar esses momentos de estudo da pesquisa com toda a turma, mas seria inviável. Para que eu pudesse dar a atenção e cuidado necessário a cada aluno/a durante os momentos de ateliê, para que pudesse interagir, atender as demandas e ajudá-los/las no que necessitassem, só seria possível com um pequeno grupo. Ser educadora exige abnegação algumas vezes.

O primeiro passo para dar início à pesquisa de campo foi solicitar ao diretor da escola sua autorização para realizar a pesquisa com as crianças, a qual foi formalizada com uma declaração assinada por ele (ver anexo A). Logo em seguida

enviei o mesmo pedido para a Secretaria Municipal de Educação do município de Fortaleza - CE, a qual formalizou seu apoio e consentimento com um Termo de Autorização para Pesquisa Acadêmica (ver anexo B).

Antes de começar o trabalho de campo, me deparei com esta difícil tarefa que foi escolher as crianças que iriam participar desta pesquisa. Escolher é sempre doloroso para mim, pois implica uma renúncia. Como ser justa nesse processo? Essa foi a pergunta que me rondava o tempo todo.

Então resolvi escolher como primeiro critério a assiduidade: verifiquei na frequência aquelas crianças que menos faltavam às aulas. Observei também quais alunos mais gostavam de desenhar e falar sobre seus desenhos e que aceitassem o convite, pois o consentimento e desejo de participar da criança sempre foi o principal critério. Então, reuni um grupo de seis crianças que atendiam a esses requisitos; e lancei a proposta, expliquei sobre o grupo de pesquisa, como seriam os encontros e qual o objetivo. Todas concordaram e demonstraram empolgação pelo que estava para acontecer.

Após conversar com as crianças e obter o consentimento delas, o próximo passo foi falar com os responsáveis por cada uma, explicando sobre o mestrado e a pesquisa, no que consistia, como iria acontecer etc. As famílias concordaram e demonstraram alegria e satisfação pelo convite. Então, apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver apêndice A) e o Termo do Uso da Imagem e Depoimentos (ver apêndice B) a cada um/a dos/as responsáveis para que assinassem autorizando a participação da criança. Cada um/a ficou com uma cópia e outra ficou comigo. Essa conversa foi individual, pois houve dificuldade de encontrar um tempo que desse para reunir todos.

No planejamento inicial desta dissertação, eu tinha a intenção de construir um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as crianças, em uma linguagem acessível a elas, com o intuito de valorizar de forma concreta o consentimento das mesmas através de suas assinaturas. Infelizmente não foi possível fazê-lo; a questão do tempo foi um fator que me impediu. Como já falei antes, trabalhar em sala de aula e pesquisar academicamente é uma escolha ousada, uma corrida contra o tempo para conseguir dar conta de todas as responsabilidades assumidas.

Os encontros iniciaram com os seis integrantes, porém, ao final, vi que era necessário eleger apenas quatro dos participantes; para que não fugisse dos objetivos

desta pesquisa: identificar os elementos (auto)biográficos que surgissem a partir da linguagem do desenho conjugadas com as narrativas orais.

Algumas crianças trouxeram poucos fatos biográficos. Outro fator foi que as crianças produziram grande quantidade de desenhos e narrativas muito extensas; tornando-se inviável serem analisados e relatados em uma pesquisa de mestrado, com as condições de tempo de que eu dispunha.

3.2 Apresentação da pesquisa de campo

Neste subitem apresento os procedimentos que geraram o *corpus* desta dissertação, composto por observação participante, diário de itinerância (Barbier, 2002), registros fotográficos, narrativas orais e gráficas das crianças e descrição do campo, onde foram vivenciadas as experiências de desenho e (auto)biografismo infantil.

3.2.1 O ateliê de desenho: como e onde foi instalado

Esta pesquisa foi realizada no Centro de Educação Infantil (CEI) Professor Martins de Aguiar (figura 7), localizada na Rua Bernardo Porto, 490, no Bairro Ellery na cidade de Fortaleza - CE; pertencente à Rede Municipal de Educação. O CEI possui quatro salas de aula, atendendo à demanda de oito turmas de Educação Infantil. Atualmente recebe crianças de 3 a 5 anos de idade; acolhendo 160 alunos/as no total, nos turnos manhã e tarde. O público acolhido, em sua maioria, é formado por famílias do próprio bairro e bairros vizinhos, como Jacarecanga e Carlito Pamplona. Mais da metade das crianças são de famílias bem carentes, de baixa renda, e uma pequena parte vem de classe média.

Figura 7 – Escola: CEI Professor Martins de Aguiar



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No início do primeiro semestre de 2023 eu havia conversado com a coordenadora do CEI onde trabalho sobre o espaço onde pretendia organizar o ateliê de desenho. Ela de imediato concordou e me autorizou a usar uma sala onde não ocorria nenhuma atividade regularmente. Esse local estava sendo utilizado para guardar materiais diversos, como brinquedos velhos, livros, objetos, móveis inservíveis, e outras coisas (figura 8). Para que fosse possível transformar esse espaço em um ateliê seria necessário retirar todas essas coisas que estavam lá, pois daquela forma, extremamente poluído visualmente e desorganizado como estava, seria impossível.

Figura 8 – Espaço onde seria montado o ateliê



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Retornando das férias de julho de 2023, conversei novamente com a coordenadora da creche sobre o espaço e, para minha surpresa, ela relatou que tinha feito uma faxina no almoxarifado da coordenação e teve que colocar um pouco mais de “tralhas” na sala onde seria o ateliê, e que não havia outro espaço que pudesse ser usado como depósito para os objetos e móveis que lá se encontravam. Diante do imprevisto, tive que repensar a forma e o lugar onde organizar esse espaço artístico para que os encontros pudessem acontecer.

Por esse motivo, tomei a decisão de realizar os encontros em um dos espaços da instituição ao ar livre. Ele se localiza em um dos parques de areia da instituição, sendo que nesse parque existe uma parte cimentada. Foi nessa parte que o ateliê aconteceu (figuras 9, 10 e 11). Infelizmente não foi possível a organização de um local fixo. Então o ateliê foi montado e desmontado a cada encontro. E esse processo de organizar o espaço foi um pouco trabalhoso e cansativo, pois eu não dispunha de uma pessoa fixa para me ajudar nessa tarefa. O que tive foram pequenas ajudas das colegas de trabalho. Uma ajudava a levar uma mesa, outra em um detalhe da decoração etc. Isso em meio às tarefas diárias de cada uma. Ser professora exige disposição e energia.

Figura 9 e 10 – Parque de areia onde as crianças brincam no recreio



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

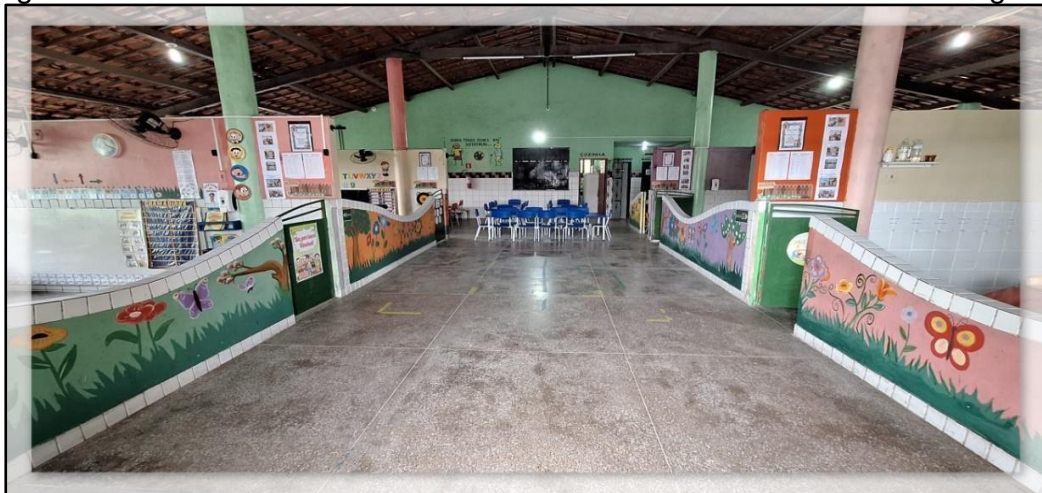
Figura 11 – Espaço onde aconteceu o ateliê



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Um dos grandes desafios enfrentados na instituição em que trabalho é sua estrutura física. As salas têm paredes bem baixas; e não há como isolar os sons e os barulhos de cada sala de aula, de forma que ouvimos os ruídos sonoros de todas as turmas, o tempo todo (figuras 12 e 13). Conquistar a concentração das crianças é quase como ganhar um prêmio na loteria. Até para nós, adultos, é complicado focar em alguma atividade que exige concentração, em um ambiente assim, quem dirá para crianças de 4 anos de idade.

Figura 12 – Estrutura das salas de aula no CEI Professor Martins de Aguiar



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Figura 13 – Estrutura das salas de aula no CEI Professor Martins de Aguiar



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Tentei procurar um local e horário onde as interferências fossem mínimas frente à nossa realidade. E esse momento ainda teria que coincidir com meu horário de planejamento, tempo em que estou fora de sala de aula; que foi o tempo de que pude dispor para dedicar aos encontros. Optei por fazer os encontros no primeiro horário da manhã, para que esse lugar não estivesse sendo ocupado por nenhuma turma no momento do ateliê. Essa área foi projetada para servir aos momentos lúdicos de banho de piscina, chuveirão e mangueira. E foi ali que nossos momentos de investigação sobre o desenho infantil e autobiografismo aconteceram.

Um ateliê é um espaço organizado e equipado para propiciar práticas de atividades artísticas e expressão criativa. Nele, todo o ambiente é pensado para que o trabalho e a expressão artística sejam facilitados e estimulados. A ideia de ateliê que menciono nesta dissertação foi inspirada na tese de doutorado¹⁰ de Luciane Goldberg. A minha intenção nesse espaço foi promover a livre expressão das crianças, porém com o suporte da professora como alguém que está ali para dar apoio, para propor temas a serem tomados como ponto de partida. Mas cada criança teve a liberdade de escolher se queria desenhar e contar sobre o assunto abordado no dia ou algo de que ela estivesse sentindo a necessidade de expressar naquele momento.

Nosso ateliê não tinha a intenção de ser um ambiente terapêutico, mas sim, formador, educativo. Ademais, com uma diferença da sala de aula: que lá as coisas

¹⁰ GOLDBERG, L. G. **Autobiografismo**: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional. Tese (Doutorado em Educação) -- Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em educação, Fortaleza, 2016.

acontecessem de forma a dar ênfase à liberdade de criação, a desenvolver a criatividade e expressão das crianças por meio do desenho, mas não como uma atividade sem um direcionamento, sem propósitos ou objetivos. Por isso, a cada encontro tivemos, como ponto de partida, temas previamente pensados ou que surgissem durante o processo.

Durante os momentos de ateliê, procurei construir outra imagem da professora Josy para com as crianças. Queria que elas me olhassem mais como uma amiga, companheira de desenho naqueles encontros. Não tive o intuito de desenvolver habilidades ou técnicas apuradas de desenho, até porque não tenho formação ou prática em artes visuais para tanto. Os desenhos não foram avaliados esteticamente e nem houve comparação entre os desenhos que fizeram no início dos encontros e no final - não havia o propósito de dizer se estavam melhores ou piores, pois a finalidade não era aprender a “desenhar melhor”.

A cada encontro foi montado e desmontado todo o cenário do ateliê. Organizava um espaço com uma manta estendida no chão, decorado com pelúcias e almofadas, a intenção era construir um cantinho aconchegante para a roda de leitura e conversa que acontecia antes do momento de desenho, no qual trazia um tema gerador. Colocava uma mesa grande com cadeiras para que as crianças pudessem desenhar com mais conforto (figura 14). Para essa produção, eu contei com a ajuda das funcionárias responsáveis pela limpeza, da assistente da turma do infantil III, que me ajudou na decoração, e da professora amiga, da mesma turma que me emprestou alguns objetos decorativos para compor o nosso cenário.

Figura 14 – Ateliê montado



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

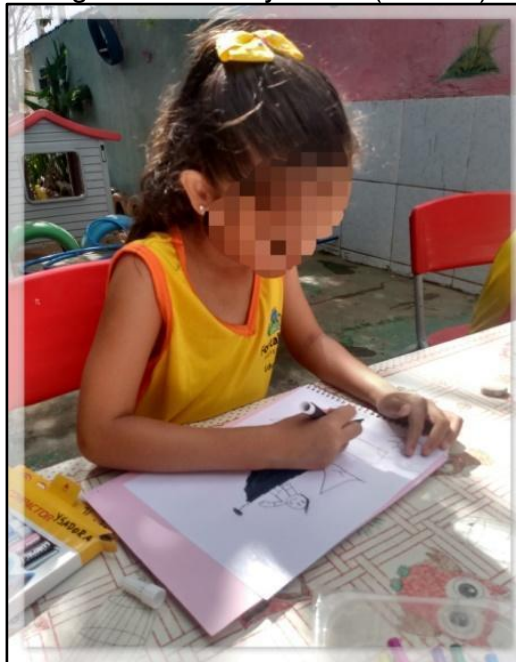
3.2.2 As crianças-artistas desta pesquisa

Agora que já contei como foi preparado o ateliê para os encontros com as crianças, relatei os desafios enfrentados e como foram contornados até chegar às vivências de fato, quero falar um pouco sobre os/as personagens principais desta história. Farei uma breve apresentação de cada criança que aceitou participar da pesquisa, e que contribuiram com suas narrativas (auto)biográficas por meio de seus desenhos e de suas falas. Sou muito grata e me sinto honrada pela confiança que tiveram em partilhar um pouco sobre suas percepções e elaborações sobre suas histórias de vida.

Pensando na preservação de suas identidades, conversei com o grupo se concordavam em criarmos um nome fictício para cada um/a, que esse seria o nome a ser apresentado aqui nesta dissertação. Cada criança escolheu seu nome. A maioria escolheu nomes de personagens dos seus desenhos animados preferidos. Após apresenta-las, irei descrever cada encontro, com a temática abordada no dia, o que foi possível anotar no diário de bordo, para depois partir para uma análise mais particular sobre os desenhos e as narrativas de cada uma, no capítulo seguinte.

3.2.2.1 Rose¹¹ - A menina do mar e sua jangada

Figura 15 – Amy Rose (4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Amy Rose (figura 15) demonstra ser uma criança muito meiga, amorosa, simpática e corajosa. Mora com sua mãe, seu pai e seus dois irmãos mais velhos. A família reside em um apartamento, no bairro Carlito Pamplona. Sua mãe é trabalhadora autônoma, faz lanches, sua especialidade é pastel. Seu pai é pescador e ela fala muito dele através de seus desenhos. A jangada do pai, o mar e a pesca são temas sempre presentes em suas produções. Ela me contou que está aprendendo a nadar e que já foi muitas vezes passear com seu pai de jangada no mar. Em nosso último encontro do grupo desta pesquisa, nas férias de janeiro de 2024, sua mãe compartilhou um vídeo em que Amy Rose aparece pescando junto com seu pai; ela estava radiante ao lado dele, e puxava sua pesca corajosamente enquanto mostrava para a mãe sua habilidade. O pai, todo orgulhoso, falava: olha como ela já sabe pescar!

Amy Rose também ama desenhar, gosta de brincar de esconde-esconde com seus melhores amigos (Cascão e Sonic) na creche; contou que brinca sozinha

¹¹ “Amy Rose (ou Sonic Rosa) é uma personagem que aparece na Série Sonic the Hedgehog. Ela é um ouriço antropomórfico, com uma grande paixão pelo Sonic the Hedgehog. Desde que conheceu o Sonic em Little Planet, Amy tornou-se a sua autoproclamada namorada e tentou conquistar o seu coração por qualquer meio em muitas das suas aventuras” (Sonic Zona Week, [2024]).

em casa, com seu brinquedo favorito - um cachorro de pelúcia - ou brinca com o pai. Demonstra ser uma criança muito amada por sua família; seus pais sempre foram muito presentes e participativos na escola.

A escolha do seu nome fictício para esta pesquisa denuncia sua forte identificação com a personagem Sonic Rosa, que é apaixonada pelo Sonic, no desenho. Já a Amy Rose de nosso ateliê tem um carinho muito forte por seu amigo Sonic (nome escolhido por outro aluno do grupo de crianças da pesquisa), tanto que quando ele faltava aos encontros, ela o desenhava e falava sobre ele em suas narrativas.

3.2.2.2 Daniele – A menina bailarina

Figura 16 – Daniele (4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Daniele (figura 16) se mostra uma criança muito meiga, tranquila e perspicaz. Mora com seu pai, sua mãe e seu irmão mais velho em uma casa com quintal, no bairro Ellery. O pai é bombeiro hidráulico, porém está sem trabalhar na sua área no momento. É ele quem fica em casa e cuida dos dois filhos, enquanto a mãe, que é assistente de contabilidade, trabalha fora.

Daniele me contou que gosta muito da escola; que ama desenhar e fazer as tarefas da creche. Suas brincadeiras favoritas são: pega-pega e esconde-esconde. E faz aula de ballet e natação. Ela conta em uma das suas narrativas que sua mãe

fez aula de natação quando criança, que por isso hoje ela sabe nadar. Parece ter uma ligação bem forte com a mãe, pois sempre a traz em seus desenhos. Sua mãe é um exemplo que ela tenta seguir.

3.2.2.3 Cascão¹² - O menino que ama futebol

Figura 17 – Cascão (4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Cascão (figura 17) parece ser uma criança tranquila, tímida e muito amorosa; é o filho mais novo de uma família predominantemente masculina. Mora com seu pai, sua mãe e seus dois irmãos, um com 10 anos e o outro com 13 anos. A família reside em uma casa no bairro Monte Castelo. A mãe é trabalhadora autônoma; o pai trabalha como Uber¹³ e também é músico: toca bateria em missas.

A brincadeira preferida do Cascão é jogar futebol com seu pai e seus irmãos; ele contou que tem dois quintais em sua casa, onde joga com a família. Além de brincar de bola, ele adora ver jogos de futebol na TV ou no estádio com o pai. Outra coisa que ele gosta bastante é vir para a creche; gosta de estudar e durante as aulas

¹² “Cascão é um dos personagens principais do universo da “Turma da Mônica”, criado por Maurício de Sousa. O personagem é bem conhecido por estar sempre sujinho, já que morre de medo de água e faz o possível e o impossível para fugir do banho.” (Fiaux, [2024]).

¹³ “A Uber é uma empresa multinacional americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano, através de um aplicativo de transporte que permite a busca por motoristas baseada na localização, em inglês *e-hailing*, oferecendo um serviço semelhante ao tradicional táxi” (Wikipédia, [2024]).

sempre fica muito atento, concentrado nas experiências e vivências na creche. O parque de areia é o espaço da creche que ele mais gosta de brincar; lá, ele se diverte com seus amigos e desfruta do contato com plantas, areia e brinquedos.

Cascão nutre uma amizade muito bonita com Sonic e Amy Rose; estudam juntos desde o ano anterior, quando estavam no infantil III. Sempre querem sentar perto, e brincam sempre juntos. Em suas produções, Cascão sempre trazia algum elemento do tema que eu sugeria para conversarmos antes de desenharem; mostrava com isso o quanto ele estava presente, prestando atenção em nossos encontros e que o tema lhe despertava interesse.

No início do ano letivo aparentava ser uma criança muito tímida. Quando precisava falar comigo, falava tão baixinho que muitas vezes eu não compreendia o que ele queria dizer. Nos momentos das rodas de conversa, onde nos sentamos no chão em círculo e dialogamos sobre o tema do dia ou outro que surge no instante em que estamos ali, Cascão mal abria a boca. Depois de participar do ateliê, percebi que ele se desinibiu bastante. E quando os encontros acabaram veio me perguntar algumas vezes quando iríamos fazer aqueles momentos novamente, que tinha gostado muito.

3.2.2.4 Sonic¹⁴ - O aventureiro digital

Figura 18 – Sonic (4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Sonic (figura 18) aparenta ser um menino muito maduro para sua idade. Possui um vocabulário bem rebuscado, é muito atencioso e focado nas aulas. Mora com seu pai, sua mãe e seu irmão de 12 anos. A família vive em um apartamento no bairro Carlito Pamplona. Seu pai trabalha como repuxador¹⁵ e sua mãe trabalha em casa, cuidando do lar e dos filhos. Mostra-se uma criança muito amorosa e fiel aos amigos. Cultiva uma amizade muito forte com Cascão e Amy Rose. Gosta de futebol, ver vídeos no Youtube¹⁶ e dos jogos Minecraft¹⁷ e Roblox¹⁸. Também gosta de ver

¹⁴ “Sonic, o ouriço, é o personagem protagonista da série de jogos Sonic the Hedgehog, bem como de desenhos animados, quadrinhos e outras mídias feitas pela empresa Sega, da Sega Sammy Holdings”. (Wikipédia, [2024a]).

¹⁵ Segundo explicação da mãe da criança, um repuxador assemelha-se a um artesão que, nesse caso, trabalha fazendo utensílios de alumínio - painéis por exemplo.

¹⁶ “Youtube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno, Califórnia” (Wikipédia, [2024b]).

¹⁷ “Minecraft é um jogo eletrônico sandbox de sobrevivência criado pelo desenvolvedor sueco Markus “Notch” Persson e posteriormente desenvolvido e publicado pela Mojang Studios, cuja propriedade intelectual foi obtida pela Microsoft em 2014” (Wikipédia, [2024c]).

¹⁸ “Roblox é uma plataforma de criação de jogos MMO e sandbox baseados normalmente em mundo aberto, multiplataforma e simulação que permite criar do zero seu próprio mundo virtual chamado de ‘experiência’ ou ‘place’ onde os milhares de jogadores da plataforma podem interagir sobre” (Wikipédia, [2024d]).

desenhos, filmes e animes¹⁹ japoneses. Seus personagens favoritos são: Sonic, Goku e Azul Babão. Ele também ama desenhar, tanto que em uma de suas narrativas conta que acabou com todo seu caderno de desenho que tinha em casa, porque fez muitos desenhos nele.

Um fato curioso sobre Sonic é que no início do ano letivo de 2023, depois de passado o susto da pandemia da covid-19, quando tudo já tinha voltado ao “normal”, Sonic continuou usando máscara durante as aulas, mesmo vendo todos na sala de aula sem ela; pois tinha medo de ficar doente.

Conversei à época com sua mãe, e ela dizia que era ele quem queria vir de máscara, que ela mesma já falava com ele em casa explicando que não precisava mais naquele momento usar máscara; e só depois de muito diálogo com ele em sala foi que passou a não usá-la. Mostrando com essa atitude uma preocupação de um adulto com a própria saúde.

3.2.3 Dos encontros e das temáticas

Neste item farei uma descrição de como aconteceram os encontros na pesquisa de campo, que temáticas foram abordadas, como conduzi o grupo, quais metodologias utilizei e contarei de forma resumida como as crianças reagiram e o que compartilharam sobre suas histórias de vida nesses momentos. Detalharei mais a fundo sobre as narrativas orais e gráficas das crianças no próximo capítulo onde farei a análise individual e aprofundada do material construído e compartilhado durante os encontros.

Os encontros estavam previstos para iniciarem em setembro de 2023, porém não foi possível devido às circunstâncias do momento. Nesse período, boa parte da turma ficou doente, inclusive metade das crianças do grupo da pesquisa. Com esse imprevisto, tive que aguardar mais um pouco, e somente na última semana daquele mês, demos início às atividades do ateliê. Inicialmente pensei em seis encontros, porém durante as vivências senti a necessidade de acrescentar mais dois dias de atividade, totalizando assim, oito encontros com as crianças.

¹⁹ Anime é uma animação desenhada à mão ou por computação gráfica oriunda do Japão. (Wikipédia, [2024e]).

Antes de entrarmos de férias do ano letivo de 2023, conversei com as famílias e as crianças sobre a possibilidade de fazermos um encontro final para comemorar e agradecer a cada criança pela contribuição delas na pesquisa. Com o consentimento das crianças e de seus responsáveis, esse momento aconteceu no mês de janeiro de 2024. Falarei um pouco mais sobre ele adiante. Primeiramente irei contar um pouco como foi cada dia no ateliê, quais temáticas foram abordadas e como foram as trocas.

Os quatro primeiros encontros aconteceram às segundas-feiras e quartas-feiras, ou seja, dois encontros por semana. Na terceira semana tive que interromper o processo, pois estávamos comemorando a semana da criança, quando acontece uma programação diferenciada e mais intensa na escola, impossibilitando a realização do nosso ateliê. Dessa forma, o tempo que dispunha para o ateliê foi dedicado a promover atividades lúdicas diversificadas, decoração etc; tudo voltado para a data comemorativa em questão. Nós que fazemos parte do CEI Martins de Aguiar acreditamos na importância dessa celebração do ser criança, por isso fazemos questão de fugir da nossa rotina diária para promover momentos divertidos e prazerosos para elas.

Após essa semana de pausa, retornamos às nossas atividades no ateliê. Os encontros seguintes não puderam ser realizados com o mesmo ritmo que os primeiros; eles aconteceram apenas uma vez por semana, pois, nesse período, por volta do final de outubro de 2023, as demandas na instituição vão consumindo mais o meu tempo como professora; temos instrumentais avaliativos para preencher, relatórios a fazer, além dos serviços burocráticos de todo dia. Por isso, vejo a necessidade do professor(a) que está em um curso de mestrado ou doutorado poder se afastar das atividades para pesquisar, mesmo que apenas um período, pois conciliar com o trabalho é muito difícil. Mas infelizmente isso não foi possível no meu caso. Ser professora pesquisadora exige determinação e resiliência.

Os temas geradores que havia idealizado para cada encontro também sofreram algumas mudanças. Antes pensei em: minha família, quem sou eu, onde eu moro, quais minhas brincadeiras prediletas, qual a minha cor, como me sinto (sobre emoções). Na prática, esses temas foram se adaptando à necessidade do grupo. Comecei com o livro “Quem sou eu?” (Bunting, 2021), que acabou sendo utilizado em três dias; os outros temas foram: minha família, minha brincadeira preferida, meu brinquedo preferido, minha escola e culminamos com o autorretrato. No último

encontro, que aconteceu em janeiro de 2024, deixei as crianças livres para pintarem o que desejassem.

Com relação ao material de desenho utilizado nos encontros, a maior parte foi custeada por mim. Comprei cadernos de desenho, cartolina, tinta guache, canetas hidrográficas, lápis de cor, estojos, pasta e borrachas; reuni o material e montei um kit de desenho para cada criança (figura 19). A coordenadora da creche me doou lápis e folhas A3. Para as pinturas, utilizei os pincéis que temos na minha sala de aula. As fotografias e áudios foram todos feitos do meu celular particular -inclusive, tive que comprar um novo, pois o meu antigo estava com seu desempenho bastante ruim para o que eu iria necessitar durante esse tempo. A sua configuração ultrapassada dificultava meu trabalho, pois era lento, não tinha memória para armazenar os arquivos de áudio e imagem, nem espaço para baixar aplicativos de gravação e edição de fotos, que precisei registrar o que aconteceu durante a pesquisa de campo.

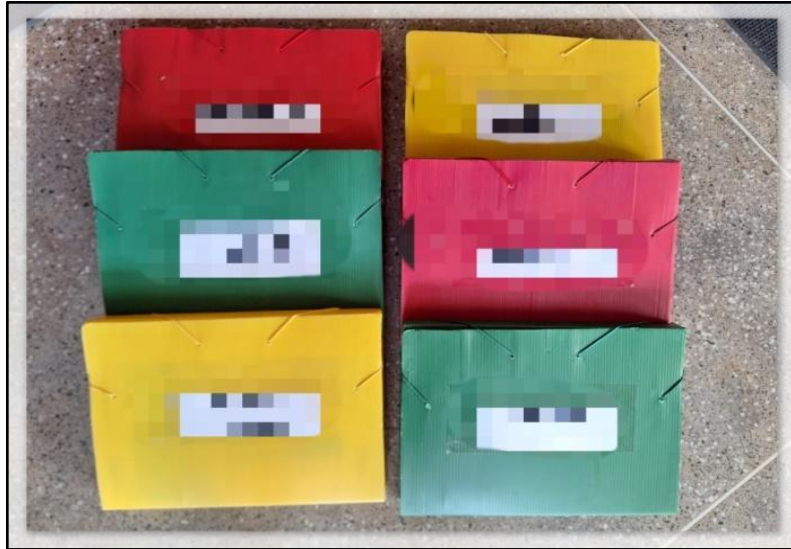
Figura 19 – Kit de desenho.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Procurei dar uma identidade pessoal ao material comprado para a produção dos desenhos das crianças. Coloquei o nome deles/as nas pastas, nos estojos, nas caixas das canetas hidrográficas (figura 20) e para os cadernos eu pedi que cada criança fizesse um desenho para ser a capa do seu caderno de desenho (figuras 21, 22, 23 e 24). Dessa forma, cada participante do grupo tinha seu próprio kit de desenho individualizado para sua produção artística.

Figura 20 – Kit personalizado.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 21 – Caderno da Amy Rose



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 22 – Caderno do Sonic



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 23 – Caderno do Cascão



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 24 – Caderno da Daniele



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Resolvi criar um grupo de WhatsApp²⁰ com os responsáveis de cada criança. Conversei com as famílias sobre minha intenção e elas acharam uma ótima ideia. Essa ferramenta se apresenta como uma maneira mais rápida e prática de podermos nos comunicar caso houvesse qualquer dúvida por parte deles, e também de mantermos uma relação mais próxima. Em todos os encontros eu compartilhava as fotos que tirava das crianças, mostrava alguns dos seus desenhos e relatava um pouco sobre o tema trabalhado naquele dia. As mães das crianças eram as que

²⁰ “WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet” (Wikipédia, [2024f]).

estavam no grupo, e elas demonstravam alegria e orgulho de ver seus/suas filhos/as durante os momentos de ateliê.

No quadro abaixo eu exponho os encontros, data do dia em que aconteceu e a temática abordada (quadro 1), para melhor visualizarmos como e quando ocorreu cada dia no ateliê de desenho. Logo em seguida descreverei como cada encontro foi preparado; e por questão de organização do texto decidi dividi-lo por temáticas. Assim, ficou mais fácil trazer minhas percepções e análises.

Quadro 1 – Encontros/Temáticas.

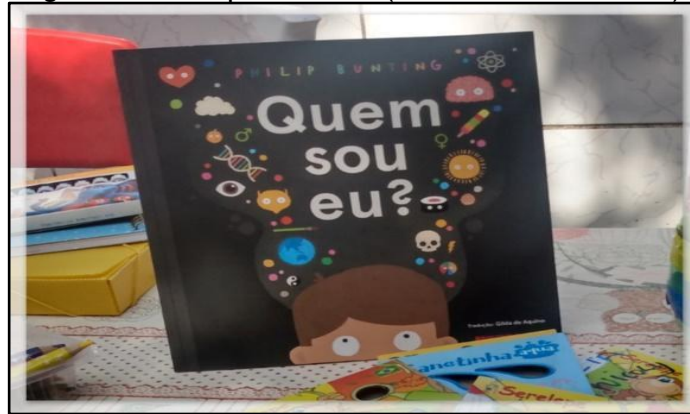
ENCONTRO	DATA	TEMÁTICA ABORDADA
1º	25/09/2023	Livro: Quem sou eu?
2º	27/09/2023	Livro: Quem sou eu?
3º	02/10/2023	Livro: Quem sou eu?
4º	04/10/2023	Minha família
5º	18/10/2023	Brincadeira preferida
6º	25/10/2023	Brinquedo preferido
7º	01/11/2023	Minha escola
8º	08/11/2023	Autorretrato
9º	19/01/2024	Encerramento e pintura livre.

Fonte: Dados da pesquisadora (2024).

3.2.3.1 *Temática 1: Quem sou eu? (1º, 2º, 3º e 8º encontro)*

Nos primeiros três encontros eu trouxe como tema gerador o livro “Quem sou eu?” (Bunting, 2021) (figura 25) e no oitavo encontro, para encerrar as atividades no ateliê de desenho eu sugeri o autorretrato. Achei importante começar e terminar por esse tema, já que o objetivo desta pesquisa foi observar os elementos (auto)biográficos que as crianças trouxeram em suas narrativas orais e gráficas. Para isso, procurei instigá-las a falar de si partindo de uma investigação mais individualista, do olhar para si mesmo; por meio de questionamentos para ver que hipóteses elas tinham sobre quem elas são; que percepções têm de si mesmas.

Figura 25 – Capa do livro (1º, 2º e 3º encontro).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Convidei o grupo para o nosso primeiro encontro no ateliê de desenho. Nos sentamos no tapete, com almofadas, para conversar. Comecei explicando novamente como seriam os encontros, sobre a pesquisa e o que iria acontecer no nosso ateliê. Perguntei se as crianças sabiam o que era um ateliê, para que servia, e expliquei para elas. As crianças estavam ansiosas e muito contentes com o momento. Após essa conversa iniciamos nossa prática de yoga; realizamos algumas posturas já conhecidas por elas, alguns alongamentos e respirações para despertar o corpo, e logo em seguida apresentei a minha primeira proposta de tema para ser abordado nesse encontro. Para isso, trouxe uma história, um livro, cujo título é: Quem sou eu? (Bunting, 2021) (figura 26).

Figura 26 – Contando a história do livro (1º encontro)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A princípio pensei em contar toda a história no primeiro encontro, porém senti que os temas tratados no livro eram tão ricos e profundos que seriam necessários mais encontros para debater com as crianças sobre essa primeira sugestão de história. Philip Bunting traz importantes questionamentos que nos acompanharão por toda a nossa vida, como por exemplo; o fato de sermos todos habitantes de um mesmo planeta chamado Terra; que somos parte de um todo, porém cada um de nós tem suas individualidades e especificidades que nos tornam seres únicos. O autor traz ensinamentos para todas as idades, da criança ao adulto.

Achei oportuno esse livro, pois nessa faixa etária em que as crianças se encontram, onde estão em um momento muito importante de construção de suas identidades, esse livro dará ferramentas para que possam compreender um pouco do que se passa com elas. A história é escrita na forma de perguntas, como o próprio título, e passeia por temas como: será que sou o meu nome, o lugar onde nasci, as coisas que possuo, meu gênero, a cor da minha pele, meus músculos, meus ossos, meus órgãos, meus sentidos, meus pensamentos ou meus sentimentos. Quem sou eu?

As crianças gostaram da história, porém percebi que estavam tão eufóricas e ansiosas para enfim começar a desenhar que parei a narrativa assim que senti que

não estavam mais prestando atenção. Elas me perguntavam: professora, a gente já pode desenhar? Foi nesse momento que percebi a necessidade do livro, também, de ser degustado mais devagar. Então as convidei para nos sentarmos à mesa onde estavam os materiais de desenho à espera delas (figuras 27 e 28). A alegria tomou conta do grupo nesse momento. Expliquei que ao final de todos os encontros elas iriam poder levar para casa todos os materiais que iriam usar durante a pesquisa. Que seriam presenteadas com esse kit de desenho.

Após a sessão de desenho, eu convidei cada uma em particular para falar sobre seus desenhos. Importante frisar que seus silêncios também foram respeitados. Era então que o grupo voltava para a sala de aula, enquanto eu ficava no ateliê para o momento de escuta individual. Na hora da conversa, eu perguntava se poderia gravar a narração da criança. A conversa e a gravação só aconteciam com o consentimento de cada uma das crianças.

Figura 27 e 28 – Crianças na mesa elaborando seus desenhos (1º encontro)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

As temáticas do livro abordadas no primeiro dia foram: Eu sou o meu nome? Eu sou o lugar onde nasci? Eu sou as minhas coisas? Eu sou a cor da minha pele? Ao final da história, eu fiz a seguinte pergunta a cada uma das crianças: quem é você? E a resposta não poderia ser mais simples e nem por isso tão completa: “eu sou eu” ou “eu sou a/o...” e diziam seu próprio nome. Percebi que nessa fase em que se encontram, o nome é um fator muito importante de percepção do eu. Uma das primeiras coisas que nos definem, que nos diferencia do outro é nosso nome.

Enquanto desenhavam, as crianças não paravam de conversar, de demonstrar satisfação ao experimentar o material novo, e o que mais gostaram foram as canetas hidrográficas; talvez por terem cores vivas, isso chama muito a atenção delas. Quase nem pintaram com os lápis de cor e mal usaram o lápis para desenhar. Desenharam diretamente com essas canetas. A Amy Rose disse que era muito gostoso o barulhinho que fazia a ponta da caneta hidrográfica ao deslizar sob o papel e as outras também concordaram (figura 29).

Figura 29 – Crianças desenhando (1º encontro).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Nos desenhos das crianças, nem todos trouxeram em suas representações gráficas algo da proposta do livro. Mas como a intenção desta pesquisa era direcionar sem impor, elas ficavam livres na hora de desenhar. Durante a experiência de desenho, eu procurava conversar naturalmente e perguntar algumas vezes algo da temática do livro; relato em seguida como cada criança se expressou a partir das temáticas propostas ou como quiseram se expressar.

Sonic desenhou um dos seus personagens favoritos dos desenhos a que assiste, o Goku e fez também outro personagem que ele adora desenhar, o Azul Babão, do jogo Roblo; Daniele fez ela mesma e sua mãe; Amy Rose desenhou a jangada do pai; o próprio pai navegando e o Azul Babão; Cascão fez seu autorretrato, um boneco de pele branca; e numa outra folha, ele desenhou três bonecos, cada um com uma cor de pele diferente: pintou um com a cor bege, outro com a cor marrom e o terceiro de cor preta. Sua inspiração foi uma das imagens do livro, em que o autor traz o questionamento: “Eu sou a cor da minha pele?”.

Partindo do ponto de vista da pesquisa (auto)biográfica, pude depreender que as crianças, mesmo não atendendo, à primeira vista, a proposta do tema gerador, elas trouxeram muitos fragmentos (auto)biográficos em suas narrativas nesse encontro. Dessa forma, pude constatar que meus objetivos estavam sendo atingidos. Com a liberdade para escolher o que desenhar sobre suas histórias, elas têm a oportunidade de elaborar sobre suas experiências de vida. Para Teresa Sarmiento (2018, p. 132-133):

Os métodos (auto)biográficos, na medida em que se afirmam como ‘auto’, de si, que se realizam com a voz do biografado, implicam a voluntariedade do próprio em narrar o que é seu, aspetos da sua experiência pessoal. Uma narrativa (auto)biográfica traduz uma exposição pública do que é íntimo, uma expressão da construção como cada um organiza as situações vivenciadas.

Tomando Sonic como exemplo, quando ele desenha seu personagem favorito, nos mostra a cultura na qual está imerso, que é o universo dos desenhos animados e games; por meio desses personagens, ele fala de si, pode estar tentando dizer que gostaria de ter a força e a habilidade para artes maciais do personagem; altruísmo e lealdade são outras duas características marcantes do protagonista do “Dragon Ball”. Sonic demonstra ser um amigo muito leal e companheiro, em sala, durante as interações com Amy Rose e Cascão; dessa forma nos demonstra qualidades, suas, que são parecidas com as de Goku (altruísmo e lealdade).

Nos encontros seguintes, procurei começar com a prática de yoga antes de entrar no assunto do livro (figura 30). A yoga nos ajuda a estarmos mais presentes; é uma maneira de preparar o corpo para o que vai acontecer logo em seguida. E assim, no segundo encontro, seguimos com o livro Quem sou eu? (Bunting, 2021). Os temas abordados nesse dia foram: Eu sou os meus músculos? Eu sou os meus ossos? Eu sou os meus órgãos (estômago, intestinos etc)? Aproveitei para abrir um debate sobre a nossa aparência física, uma vez que vivemos hoje tão expostos às telas, às imagens que ditam nossa forma de ser, parecer e estar no mundo (figura 31).

Figura 30 – Prática de Yoga com as crianças (2º encontro)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 31 – Momento da história e produção dos desenhos (2º encontro)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

As crianças são presas fáceis dessa exposição exacerbada, por não terem ainda ferramentas de discernimento sobre os conteúdos aos quais dedicam sua atenção. No grupo, observo, a partir das narrativas, orais e gráficas, que Sonic é a criança que mais se expõe às telas, que mais consome conteúdos de jogos de celulares, vídeos do Youtube e desenhos animados. Não condeno essa cultura digital, na qual estamos imersos na atualidade; pois ela também traz muitas aprendizagens, desde que se saiba filtrar.

Mas deixo um alerta, para que os pais e responsáveis estejam atentos/as ao que as crianças veem nas telas. Também corroboro com o pensamento das autoras Siqueira, Wiggers e Souza (2012, p. 314), quando afirmam que “percebendo a grande relevância da mídia na formação, informação e educação das crianças, é de responsabilidade da escola e dos professores entenderem e aperfeiçoarem seus conhecimentos na atuação educacional e formativa dos estudantes”. A escola precisa se apropriar desses saberes para que possa educar e formar cidadãos com autonomia e consciência crítica no manejo das tecnologias.

Assim como no primeiro dia, o que mais as crianças queriam nesse segundo encontro era desenhar. Elas participavam da conversa inicial, prestavam atenção, davam suas opiniões, mas a alegria tomava conta quando eu dizia: agora é hora de irmos para a mesa desenhar! Após o debate, convidei-as mais uma vez para fazerem um desenho sobre quem são elas, sobre as percepções que tiveram sobre o livro e os temas explorados. E o que me trouxeram foram os seguintes registros que falarei a seguir.

Cascão fez três desenhos: em uma página do caderno ele diz que fez “quem eu sou”, seu autorretrato. Cascão sempre fica muito atento na hora da história e procura desenhar algo relacionado ao que foi dialogado e em outra página ele fez a Peppa Pig²¹ - mas depois de algum tempo ele diz que não é a Peppa, e sim o irmão dela, o George. Na terceira página ele desenhou três bonecos: pintou dois na cor azul e disse que os dois eram o personagem Azul Babão, enquanto o terceiro era o “Azul Babão Menina Rosa” (provavelmente referindo-se à personagem Babona Rosa, do elenco de Azul Babão); Sonic desenhou seu autorretrato, e alguns personagens de jogos e desenhos animados.

Daniele produziu dois desenhos nesse dia: ela fez a tia dela e seu autorretrato. Na hora de gravar o áudio, ela fica um pouco tímida e fala pouco sobre seus desenhos; Amy Rose fez três desenhos: ela mesma, ao lado de seu amigo Sonic; numa outra folha fez o amigo Sonic de perfil; e por último o personagem Azul Babão, que é uma figura que o Sonic sempre gosta de trazer em suas representações. Acredito que Amy Rose está sendo influenciada pelo amigo quando desenha essa figura, pois ela não conhece o jogo - disse que nunca jogou.

No terceiro encontro abordamos os seguintes assuntos do livro: Sou os meus sentidos? Sou os meus pensamentos? Sou os meus sentimentos? Nessa parte do livro o autor aprofunda um pouco mais sobre a hipótese do que seria o nosso eu, nossa individualidade, nossa mente, o que faz eu ser eu mesmo. E ensina sobre a importância de cultivarmos bons pensamentos e sentimentos, pois assim como cuidamos do nosso corpo, devemos também cuidar da nossa mente.

²¹ “Peppa Pig é uma série de desenho animado britânico destinado ao público infantil em faixa etária pré-escolar, produzida pela Astley Baker Davies e Entertainment One. O desenho conta a história de Peppa, uma porquinha cor-de-rosa que vive com seu irmãozinho George e seus pais em uma cidade britânica” (Wikipédia, [2024g]).

Bunting (2021) conta que tudo o que foi dito até então, na história, não define quem somos, embora faça parte de nós. E conclui seu livro falando que somos essa “coisa” misteriosa que está lá dentro da nossa cabeça, que alguns chamam de alma, outros, de mente ou ainda de *atmã*²². Assim, ele passeia por algumas teorias sobre quem somos nós, mas não se prende a uma em específico; e finaliza com a possibilidade de podermos ser o que desejarmos, nos mostrando que a mudança, o novo, a invenção são possíveis e também fazem parte de quem somos. Nascemos com uma bagagem, porém ela por si só não nos define, pois somos dotados da capacidade de criarmos nossa própria história. Delory-Momberger (2011, p. 335) defende que:

[...] Os seres humanos não têm uma relação direta, transparente, com o vivido e o desenrolar de sua vida, essa relação é construída e mediatizada pela cultura e adota a forma de representações, esquemas, modelos, programas biográficos transmitidos pelas instituições, organizações coletivas, grupos sociais. É também o que diz a etimologia da palavra biografia, literalmente, escrita da vida: as culturas e sociedades transmitem e impõem, até certo ponto, escritas da vida, e os indivíduos escrevem – biografam – seus próprios percursos de vida no contexto dessas trajetórias modelizantes e programáticas.

Dessa forma, nossos comportamentos são ditados até certo ponto pelo local onde nascemos e vivemos, pelos grupos aos quais pertencemos; porém nós temos o livre arbítrio de mudar certos costumes, valores e crenças dos quais discordamos; somos construtores das nossas próprias biografias, ao mesmo tempo que também somos influenciados pelo que nos é posto, e pelas interações com nossos grupos de pertencimento.

Nesse encontro concluímos o livro, e apesar de trazer temas tão complexos, acredito que não devemos subestimar a capacidade de entendimento das crianças. Quando questionadas sobre quem eram, continuaram com a mesma definição que já mencionei aqui: “eu sou eu” ou “eu sou o/a ... (nome)”. Mas, afinal, e você, saberia me definir quem é você?

Muitos temas surgiram durante esse encontro, depois que as deixei à vontade desenhando. Falaram sobre um jogo de futebol da Coreia e Brasil, que tinham visto na televisão. Amy Rose comenta que está desenhando um camaro amarelo de “mil reais de dólares”; Sonic também desenha um carro, talvez por influência da Amy

²² “Em sânscrito, língua sagrada da religião hindu, essa palavra significa alma ou sopro vital” (Bizzocchi, 2022).

Rose. Ele fala que tem uma bandeira do Brasil no Atacadão²³, e começa a desenhá-la. Com isso, ele acaba influenciando as outras crianças a desenharem também bandeiras do Brasil. (figura 32)

Figura 32 – Produção das crianças (3º encontro)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Amy Rose, Sonic e Cascão, amigos inseparáveis, contaram sobre os jogos que gostavam de jogar no celular. Amy Rose perguntou se Sonic já tinha jogado Minecraft; conta cheia de alegria e orgulho que começou a fazer aulas de natação, pagas por seu pai; e que no dia anterior tinha pulado na piscina sem boia e conseguiu nadar sozinha. Pude observar que muitas informações (auto)biográficas são narradas o tempo todo pelas crianças, quando partilham suas vivências e experiências de vida. Numa sala de aula convencional de Infantil IV, se torna impossível acontecer esse tipo de troca entre crianças e adulto/a, de oferecer uma escuta atenta para receber suas histórias, pois temos 20 alunos/as e apenas uma professora para atendê-las.

Para finalizar a temática do “Quem sou”, irei avançar um pouco no tempo e falar sobre o último encontro, no qual propus o tema autorretrato. Nesse dia levei um espelho para compor o cenário. Comecei a conversa fazendo uma retomada, resumidamente, de todos os temas que tínhamos trabalhado até então, enfatizando

²³“Atacadão é uma rede brasileira de supermercados atacado-varejista, pertencente ao grupo Carrefour” (Wikipédia, [2024h]).

os primeiros encontros que haviam tido como tema gerador o livro “Quem sou eu?” (Bunting, 2021).

Para a prática de yoga, levei óleo essencial de lavanda, coloquei uma gota em um pedaço de papel e dei para cada criança, para trabalharmos a percepção sensorial e respiratória (figura 33). Expliquei para as mesmas que a lavanda era uma planta, e mostrei a imagem para elas. Esse tipo de prática contribui para acalmar e tranquilizar; tanto pelas propriedades calmantes do óleo essencial como pelo exercício respiratório. O objetivo foi convidar o grupo a estarmos presentes, aguçando a atenção e foco no aqui e agora.

Figura 33 – Exercício respiratório, despertando os sentidos (8º encontro)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Logo depois de realizar a prática de yoga, convidei cada criança a se olhar no espelho e falar sobre suas próprias características físicas, seus gostos e preferências. A intenção era saber como cada criança se percebia, que imagem

enxergavam ao observarem seu reflexo. O espelho é uma ferramenta importante que costumamos usar na Educação Infantil, pois oferece uma oportunidade da criança se ver, se perceber e desenvolver sua autoimagem, contribuindo para a construção e percepção da própria identidade. Dessa forma trabalhamos a autoestima, consciência corporal, emoções e identidade. De acordo com as autoras Zambelle e Metzner (2018, p. 233), “ver a sua própria imagem refletida no espelho, bem como a imagem de outras pessoas, é fator que contribui para o processo de formação da representação corporal das crianças”.

Convidei o grupo para desenhar seu autorretrato. Avisei que o espelho ficaria à disposição, caso sentissem a necessidade de se olharem mais uma vez, para lembrar de algum detalhe que gostariam de representar no papel (figura 34). A primeira coisa que ouvi foi: “eu não sei desenhar!”. Então expliquei que não era para fazer uma fotografia de si, e sim fazer um desenho do jeito delas, da forma como gostariam de se representar.

Figura 34 – Crianças no momento de desenho do autorretrato (8º encontro).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Nesse dia eu também resolvi desenhar meu autorretrato. Percebi que as crianças se sentem mais seguras e contentes ao ver a professora desenhando junto com elas. Com essa atitude eu consegui transmitir um sentimento de querer estar ali

numa posição de igualdade; saindo da posição de professora, pesquisadora, observadora e me unindo através do ato de desenhar às crianças que estavam ali, comigo. Foi também um (re)encontro com a criança que fui. Segundo Derdyk “Quem sabe, a partir do reconhecimento da própria capacidade de desenhar, possa surgir um novo significado no encontro entre o adulto e a criança” (Derdyk, 2020, p. 21).

Cascão fez três produções: a professora (no caso, eu), o parque de areia da creche, um boneco jogando bola e a família dele; Amy Rose a desenhou ao lado do amigo Sonic e um *motorhome*²⁴ com toda a família dentro indo viajar; Sonic não compareceu nesse dia por motivos de saúde; Daniele a desenhou ao lado do irmão e, em outra folha, se representou vestida de bailarina. Interessante observar como essas crianças se veem misturadas, coladas com suas famílias, amigos, escola, coisas que gostam. Ao serem convidadas a fazer seu autorretrato, apenas Daniele acatou a proposta de modo mais diretivo, porém todos os desenhos trazem elementos representativos de quem são as crianças, ou aquilo que consideraram importante no momento.

As crianças quando estavam desenhando conversavam bastante, muito mais que quando as convidava para gravar os áudios (quando narravam sobre suas produções gráficas). O ato de desenhar para elas é muito vivo e intenso, elas se mostram inteiramente presentes. Como afirma Goldberg (2016, p. 29) “desenhar é uma atividade viva, intensa e mobilizadora de diversos potenciais e habilidades mentais, motoras, cognitivas e afetivas, que ultrapassam as margens do papel”. E eu não poderia deixar de viver isso com elas. Para estar presente por inteira tive que abrir mão, pelo menos em parte, da minha posição de pesquisadora para estar junto e dedicar minha escuta sensível e atenta desenhando junto com elas.

Uma das coisas que tive muita dificuldade desde os primeiros encontros foi de fazer as anotações no meu diário de bordo. Mesmo com o grupo pequeno não havia tempo e espaço para fazer esses registros. As crianças me solicitaram bastante, seja para apontar um lápis, perguntar alguma coisa ou mesmo para escutar delas o que estavam desenhando naquele momento. Para isso tinha que dar-lhes a minha inteira atenção. Ao final de cada encontro, tinha que desmontar o ateliê para as turmas

²⁴ *Motorhome* é uma espécie de carro que foi transformado em um lar. Ele tem normalmente uma cabine para o motorista e um passageiro, e no outro compartimento traz todas as características de um lar; com utensílios de cozinha, quarto de dormir, etc. (Amaral, 2022).

poderem vir brincar no espaço; em seguida, assumir a turma de alunos que me esperava.

Senti muita falta de ter um local onde tudo pudesse ficar organizado de forma permanente. Com um ateliê fixo, como havia planejado, teria tido um pouco menos de trabalho e teria sobrado mais tempo para estar com o grupo ou fazer as anotações necessárias sobre os encontros. No final do expediente de trabalho é que eu parava para fazer os meus registros sobre as impressões e percepções do dia. Decidi fazer os apontamentos em forma de áudios, pois foi a maneira prática que encontrei de construir o meu diário de itinerância e não deixar de registrar devido à correria do dia a dia.

3.2.3.2 Temática 2: Minha família (4º encontro)

Considero a escolha desse tema muito importante, pois o ambiente familiar é o primeiro ambiente social no qual a criança é inserida ao nascer. Entendo o conceito de família como as pessoas responsáveis, cuidadoras da criança. No mundo pós-moderno o conceito de família sofreu mudanças significativas, tornou-se bem mais abrangente. Segundo o Referencial Curricular (Brasil, 1998, p. 76):

Constate-se que as famílias, independente da classe social a qual pertencem, se organizam das mais diversas maneiras. Além da família nuclear, que é constituída pelo pai, mãe e filhos, proliferam hoje as famílias monoparentais, nas quais apenas a mãe ou o pai está presente. Existem, ainda, as famílias que se reconstituíram por meio de novos casamentos e possuem filhos advindos dessas relações. Há, também, as famílias extensas, comuns na história brasileira, nas quais convivem na mesma casa várias gerações e/ou pessoas ligadas por parentescos diversos. É possível ainda encontrar várias famílias coabitando em uma mesma casa. Enfim, parece não haver limites para os arranjos familiares na atualidade.

O fator preponderante é se esse lugar traz segurança material e emocional, acolhimento e cuidados necessários para a criança crescer e se desenvolver em seus diversos aspectos. Complementando esse pensamento, de acordo com as autoras Silva, Nunes, Betti e Rios (2008, p. 216), citando Sigolo (2004):

Sigolo (2004) ainda descreve a família como “espaço de socialização infantil”, pois se constitui em “mediadora na relação entre a criança e a sociedade” (p. 189). Nas interações familiares “padrões de comportamentos, hábitos, atitudes e linguagens, usos, valores e costumes são transmitidos” e “as bases da subjetividade, da personalidade e da identidade são desenvolvidas” (p. 189).

No CEI onde trabalho, temos uma diversidade de arranjos familiares. Porém, os meninos e meninas participantes dessa pesquisa têm as suas famílias constituídas no modelo nuclear tradicional; todas/os moram com pai, mãe e irmãos. Quero deixar claro que esse não foi um critério para escolha do grupo, apenas coincidência. De acordo com as percepções que tive ao longo do ano letivo de 2023, no contato com esses pais e mães, pude sentir que são pessoas responsáveis, cuidadosas e amorosas com seus/suas filhos/as. E isso reflete diretamente no comportamento e personalidade das crianças, deixando evidente como a família é fundamental na vida de uma criança. Corroboro com as autoras Silva, Nunes, Betti e Rios (2008, p. 223) que afirmam que “os recursos presentes no ambiente familiar funcionam como fatores protetores do desenvolvimento escolar. Entretanto, o número elevado de adversidades e os poucos recursos podem contribuir para a vulnerabilidade das crianças, dificultando o ajustamento escolar”.

A temática “Minha família” foi explanada no quarto encontro (figura 35). Para esse dia entrei em contato previamente com os responsáveis de cada criança. Por meio do grupo que criei no WhatsApp, pedi que mandassem uma foto de suas respectivas famílias. Seguindo nosso plano, fizemos nossa prática de yoga e, após, perguntei quem tinha trazido a fotografia; falei que quem quisesse poderia apresentar sua família para o grupo. As crianças concordaram e começaram as apresentações.

Figura 35 – Momento de desenho (4º encontro).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Quem começou foi Daniele: mostrando o retrato da família, nele estavam seu pai, sua mãe, ela e o irmão. Falou o nome de cada um. A foto tinha sido tirada num passeio ao shopping. Ela fala que nesse dia tomou sorvete com o irmão; disse que eles tinham ido comprar um ventilador, pois o deles estava travando, tinha quebrado e não tinha mais conserto. Contou que o pai trabalha com jornais e a mãe trabalha com algumas coisas. Essa é a forma como ela entende o trabalho dos dois.

Amy Rose foi a seguinte. Mostrou a imagem da sua família, falou o nome de todos. O registro tinha sido feito quando estavam passeando na praia, onde aparecem ao lado de uma jangada, que não era a jangada do pai dela. Ela explica que tiraram essa foto porque a jangada em questão tinha o nome dela. Mas na verdade é outro nome que aparece na foto. Ela conta que o pai é pescador e a mãe faz pastel para vender.

Cascão também trouxe a sua foto de família e nos apresentou pelo nome cada um. Quando pergunto em que o pai trabalha, só diz que ele trabalha com um amigo e que ele toca na missa. Seu pai é músico e toca bateria na igreja. Ele diz que a mãe trabalha em casa fazendo comida.

Sonic mostra seu registro de família. A imagem os mostra passeando no shopping. Como todos os outros, ele apresenta cada membro pelo nome. Pergunto qual a profissão do pai e ele diz que o pai trabalha no trabalho mesmo, e ri. Não sabe dizer qual a profissão ou o que o pai faz. A mãe, ele conta que não faz nada, que fica em casa, mas quando questiono o que a mãe faz em casa ele conta que ela só costura. Na percepção de Sonic, a mãe não trabalha por ficar em casa. Na verdade sua mãe não sabe costurar, quem faz isso é a avó. Talvez tenha inventado uma profissão para mãe naquele momento.

Com relação aos desenhos desse encontro, todos representaram suas famílias graficamente. Daniele fez três desenhos, um deles representava a família. Nesse dia, não quis gravar áudio. Amy Rose também fez três desenhos. Em um deles representou sua família igual à fotografia que trouxe. Em outra folha esboçou um cachorro pitbull, o mesmo que tinha na vela da jangada da foto. E o outro foi o desenho de um personagem de um game de terror, o Huggy Wuggy²⁵.

Cascão também fez três desenhos. Desenhou a família, segundo ele, toda vestida de frutas. Nas outras folhas, ele trouxe o personagem que aparece muito devido a influência do seu melhor amigo, Sonic, que é o Azul Babão. Desenhou também a Peppa Pig, que disse gostar de assistir. Sonic também representou sua família.

3.2.3.3 Temática 3: Brinquedos e brincadeiras preferidos (5º e 6º encontro).

Não poderia deixar de sugerir essa temática por sua enorme relevância para o desenvolvimento e crescimento da criança em diversos aspectos. De acordo com Kishimoto (2010, p. 1) “ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens”. Com os jogos, brinquedos e brincadeiras a criança adquire habilidades motoras grossas e finas, como correr, pular, saltar, encaixar, empilhar, arremessar etc; fortalecendo seu corpo e adquirindo cada vez mais controle de seus movimentos. Na brincadeira de faz de conta, ela

²⁵ Huggy Wuggy é um personagem de um game de terror chamado Poppy Playtime. Esse game “conta a história de brinquedos abandonados e esquecidos em uma fábrica vazia, com cenário aterrorizante. O jogador precisa passar pelos corredores sem ser atacado e morto pela pelúcia azul, com uma boca enorme, cheia de dentes afiados” (Terra, 2022).

trabalha a imaginação, criatividade e resolução de problemas. Corroboro com as autoras Siqueira, Wiggers e Souza (2012, p. 315) quando dizem que:

Autores que se dedicaram a estudar o jogo ou a brincadeira e sua relação com a cultura infantil revelaram, com ênfase na concepção piagetiana, que o ato de jogar e de brincar ocorre desde os primeiros momentos de vida do indivíduo e faz parte do seu desenvolvimento global (RIZZI; HAYDT, 1998). Os jogos e as brincadeiras são mecanismos de aprendizado cognitivo e social, se caracterizando como um momento de descoberta da realidade por parte das crianças de maneira espontânea e expressiva.

Experimentando a interação com seus pares, brincando, a criança aprende a compartilhar, cooperar, negociar e resolver conflitos. Dessa forma, ela adquire conhecimento para lidar melhor com suas emoções e desenvolve habilidades sociais; é brincando que ela tem a oportunidade de experimentar diferentes papéis e situações para com isso poder elaborar seu entendimento do mundo que a cerca.

Essa temática foi dividida em dois encontros. No quinto dia de ateliê (figuras 36 e 37), conversamos sobre a brincadeira preferida. O grupo se sentiu muito à vontade para falar sobre esse assunto. Cascão, o garoto tímido, foi o primeiro a querer falar: disse que sua brincadeira favorita era brincar de futebol. A cada encontro o percebo mais desinibido e à vontade na hora de se expressar em grupo. Amy Rose contou que gostava de brincar de esconde-esconde no parque de areia da creche com os amigos. Acredito que talvez em casa brinque mais sozinha devido à diferença de idade entre ela e o irmão.

Figuras 36 – 5º encontro do ateliê de desenho (prática de yoga com as crianças).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figuras 37 – 5º encontro do ateliê de desenho (crianças desenhando).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Daniele expôs que adora brincar com suas bonecas (de mãe e pai) com o irmão. Disse que tem um quintal que não tem areia, em sua casa. E no meio da conversa Amy Rose desabafa que tudo que mais queria naquele momento era desenhar. As outras crianças pegam carona em sua fala e dizem que também queriam muito começar a desenhar. Com isso, encerrei a conversa e fomos praticar. Trabalhar com criança exige sensibilidade para saber a hora de respeitar o tempo e desejo delas. Mas nem por isso precisamos abrir mão de seguir um plano, uma rotina, desde que não sejam engessados.

Muitos assuntos surgiram enquanto desenhavam. Nesse dia, Cascão resolveu fazer a bandeira do Brasil, dizendo que tinha visto ela no supermercado onde os pais fazem compras. Amy Rose e Daniele acabaram se influenciando e desenhando também uma bandeira do Brasil. Todas as crianças desse grupo moram no mesmo bairro ou em bairros vizinhos e, provavelmente, as famílias fazem compras no mesmo supermercado. E essa bandeira do Brasil chamou a atenção delas, pois desenharam bastante.

Dentre os diálogos que emergiram no decorrer dos desenhos, Amy Rose falou que o Brasil fica no planeta Terra. Então, perguntei como achavam que era o nosso planeta, qual o formato, se fossem desenhar como ficaria. Resolvi desenhar também; fiz um desenho do planeta Terra e tentei mostrar para elas onde seria nossa localização. Mostrei onde estava o nosso país, nosso estado e nossa cidade. As crianças ficaram muito interessadas e curiosas nesse momento. Meu desenho influenciou algumas crianças do grupo. Cascão e Amy Rose tentaram fazer o planeta Terra também. Nesse dia Sonic faltou porque estava doente.

Nesse encontro Cascão fez quatro desenhos: duas bandeiras e dois planetas Terra. Amy Rose fez seis desenhos: uma bandeira, o urso de pelúcia dela, um cachorro fantasiado de flor (descrição dela), um cachorro bravo (descrição dela), o planeta Terra e a brincadeira de esconde-esconde. Daniele fez dois desenhos e disse que fez o quintal da casa dela – contou que lá tem muitas coisas, que tem brinquedos, natureza e uma bandeira do Brasil; contou que costuma brincar lá com o irmão. E desenhou a bandeira do Brasil.

No sexto encontro pedi que cada criança trouxesse seu brinquedo favorito. Iniciei o encontro convidando as crianças para fazermos uma meditação guiada. Então, fui narrando o passo a passo da meditação, que falarei aqui resumidamente. Propus que elas imaginassem que todos nós éramos árvores. Começamos como uma

semente, de cócoras abraçando as pernas, e aos poucos fomos crescendo como uma planta até romper a terra, e assim fomos simulando seu crescimento, levantando o corpo lentamente até nos transformarmos em uma frondosa árvore.

Propus que tentássemos sentir o vento balançando suas folhas. Nessa hora eu pedi que fizessem movimentos suaves com os braços e mãos, simulando a copa da árvore, sempre respirando lento e profundo, junto com cada movimento. As crianças entraram no jogo e gostaram da brincadeira. A metáfora da árvore é importante para promover a sensação de estabilidade ao compararmos nossos pés firmes no chão com suas raízes; ajuda a nos conectarmos com a natureza e desenvolvermos a consciência de que somos parte dela; promovendo equilíbrio emocional para enfrentar as adversidades da vida, pois ao nos compararmos com as plantas podemos nos perceber serenos e tranquilos, assim como elas. A meditação da árvore é uma ferramenta importante para trabalhar a paz interior e equilíbrio emocional nas crianças.

Após concluir nossa meditação guiada, nos sentamos em círculo no tapete e perguntei quem gostaria de apresentar seu brinquedo (figura 38). Cascão trouxe sua bola porque adora brincar de futebol. Disse que costuma brincar com os irmãos e o pai. Contou que tem um irmão com 10 anos e o outro com 13 anos. Amy Rose fala que seu brinquedo favorito é seu cachorro de pelúcia e que o nome dele é Beethoven. Relatou que sua vizinha tem um cachorro de verdade que também tem esse mesmo nome. Pergunto com quem ela brinca em casa e ela responde que costuma brincar sozinha; que o irmão só gosta de jogar no celular e não brinca com ela.

Figura 38 – 6º encontro do ateliê



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Sonic trouxe seu jogo da memória dos Vingadores²⁶ e do *Pokémon*²⁷. Costuma brincar com sua família (a mãe, o irmão e o pai). Diz que o irmão vai fazer 13 anos e gosta mais de ficar no tablet jogando Free Fire²⁸ que de brincar com ele. Acrescentou que não pode jogar esse jogo, porque ele ainda é pequeno e que seu celular está com problemas. Percebo pelas falas do Sonic que os dois irmãos provavelmente passam muito tempo expostos às telas.

²⁶ “Vingadores ou Os Vingadores (*The Avengers* no original em inglês) são um grupo de super-heróis de história em quadrinhos publicados nos Estados Unidos pela editora Marvel Comics” (Wikipédia, [2024i]).

²⁷ “*Pokémon* é uma franquia que chegou ao mercado em 1996, apresentando visual e narrativa impressionantes para o universo dos videogames. De lá para cá, expandiu-se, estando disponível em uma ampla gama de mídias e produtos, como desenhos animados, filmes, jogos de cartas colecionáveis, brinquedos e muito mais” (Modo brincar, 2024).

²⁸ “Free Fire é um jogo eletrônico mobile de ação-aventura. O jogo consiste em cinquenta jogadores que caem de paraquedas em uma ilha à procura de armas para eliminar os demais jogadores e equipamentos para aumentar o tempo de sobrevivência na partida” (Wikipédia, [2024j]).

As crianças e adolescentes da geração *zapping*²⁹ passam mais tempo de vida interagindo com telas do que com familiares e amigos. A escola acaba sendo uma oportunidade imprescindível para que esses meninos e meninas possam vivenciar experiências distintas e socializar-se com outras crianças. Para isso, Barbosa e Gomes (2013, p. 329) inferem que:

As crianças da era digital vivem em uma civilização onde tudo muda o tempo todo e os avanços tecnológicos acontecem rapidamente. Por isso, é preciso investigar as especificidades das crianças na Educação Infantil, de modo que consigamos conhecer suas estruturas, seus comportamentos e seus sentimentos, favorecendo a avaliarmos melhor a alma infantil observando e explorando sua realidade, tentando nos colocar no lugar da criança para enxergá-las através de suas próprias lentes.

Daniele nos apresenta seu brinquedo preferido, a boneca Barbie³⁰. Ela conta que ela tem roupinhas, um quarto e uma cozinha. Explica que brinca sozinha com suas bonecas e que ganhou de presente essa Barbie da mãe, no dia das crianças. A partir dos brinquedos que trouxeram e da exposição de suas brincadeiras favoritas pude constatar que Amy Rose, Cascão e Daniele brincam mais com brinquedos (bolas, bonecas, pelúcias), enquanto Sonic prefere os jogos eletrônicos e desenhos animados. Após as apresentações, nos dirigimos à mesa para produzir os desenhos (figura 39).

²⁹ *Zapping* são indivíduos que nasceram, cresceram e descobriram o mundo através das telas, na era digital, e por isso são acostumados desde pequenos com as rápidas transformações tecnológicas que marcam a sociedade contemporânea (Barbosa, Gomes, 2013).

³⁰ “Barbie é uma boneca e personagem fictícia fabricada pela empresa estadunidense de brinquedos Mattel, Inc. e lançada em 9 de março de 1959” (Wikipédia, [2024k]).

Figura 39 – Momento de desenho (6º encontro)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

3.2.3.4 *Temática 4: Minha escola (7º encontro).*

A escola é um dos primeiros ambientes sociais que a criança vai frequentar com regularidade depois do ambiente familiar. Seu papel formador e educativo é fundamental para o desenvolvimento infantil em diversos aspectos. Na escola, ela vai desenvolver habilidades sociais a partir das interações com seus pares, aprendendo a conviver, compartilhar, resolver conflitos, colaborar com o grupo; requisitos indispensáveis para a construção de uma sociedade mais pacífica, onde as pessoas possam conviver em harmonia e respeito uns com os outros.

Na escola, a criança vai encontrar um ambiente estruturado para proporcionar estímulos e experiências de aprendizagens; para que possam desenvolver suas habilidades cognitivas como linguagem, raciocínio, resolução de problemas e pensamento crítico. Nela, a criança tem a oportunidade de aprender sobre o respeito pela diversidade, através da interação com indivíduos de diferentes origens culturais, religiosas, étnicas e socioeconômicas. Acredito que essa é uma das grandes riquezas da escola pública: a variedade de possibilidades de conviver com o

diferente, proporcionando aos alunos/as aprender sobre tolerância e respeito com a diversidade.

O sétimo encontro do nosso grupo foi um dos mais conturbados. Tivemos alguns contratemplos, mas que, se nos surpreenderam com dificuldades inesperadas, nem por isso impediram nosso ateliê de acontecer. Já estava com todo o cenário organizado no espaço onde ocorriam os encontros, quando de repente começou a chover; então tivemos que trazer tudo para a parte da escola que é coberta, onde também se localiza o refeitório das crianças e das professoras. Sou feliz por poder contar com ajuda das colegas de trabalho, que me ajudaram a trazer mesas e cadeiras rapidamente para esse espaço.

Por conta dos imprevistos desse dia, não fizemos nossa acolhida com yoga: já partimos direto para a proposta do dia. Apresentei o tema, conversamos um pouco e logo em seguida convidei o grupo para representarem suas histórias através de seus desenhos. Foi em meio a barulhos das outras turmas, pessoas passando, professoras lanchando etc que esse encontro aconteceu. Por isso não foi possível fazer nenhum registro fotográfico nesse dia.

O desejo de desenhar, de estar junto, de se contarem através de suas representações gráficas foi mais forte; para as crianças, os imprevistos não foram obstáculos para não quererem estar ali, vivenciando aquele momento. Para elas, desenhar é uma brincadeira. Uma brincadeira importante e prazerosa. Concordo com Derdyk quando diz que “A criança desenha, entre outras tantas coisas, para se divertir” (Derdyk, 2020, p. 39).

Começamos nossos trabalhos artísticos. Também desenhei junto com elas nesse dia. Falei um pouco sobre o CEI, sobre a importância e o papel da escola na vida delas e em seguida perguntei o que elas mais gostavam da creche. Cascão disse que gostava de aprender as letras com a professora e de brincar com os amigos. Daniele falou que gosta de brincar e desenhar. Nesse dia Amy Rose e Sonic faltaram ao encontro.

3.2.3.5 Encerramento das atividades do ateliê de desenho

Devido à correria do dia a dia escolar não foi possível promover um momento de encerramento com as crianças. O ano letivo acabou e eu senti falta de proporcionar esse dia especial para agradecer a participação de cada aluno/a que se

disponibilizou a compartilhar um pouco de suas histórias de vida; agradecer pela confiança nesta professora que as conduziu essa jornada de investigação de si através da arte do desenho e da fala. Como pontua Derdyk (2020, p. 15) “O desenho – linguagem tão antiga e tão permanente – vinca o desígnio do desejo de elos (e)ternos entre crianças e adultos, entre artistas e educadores”.

Antes do término do ano letivo de 2023, lancei o convite às crianças e aos seus responsáveis: perguntei sobre a possibilidade de nos encontrarmos no mês de férias, em janeiro de 2024, para fazermos nossa despedida do ateliê. Todos concordaram e, no dia 19 de janeiro de 2024, organizei esse momento. Levei um lanche feito por mim, pois queria demonstrar em cada detalhe minha gratidão e amor que tenho por cada uma, pela participação delas nesta pesquisa. Nesse dia, estavam presentes apenas quatro crianças das seis: Amy Rose, Cascão, Daniele e Suzete³¹ (figuras 40 e 41).

Figura 40 – Lanche com as crianças no encerramento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

³¹ Suzete foi um dos participantes da pesquisa, porém seus desenhos não foram analisados pelos motivos já explicitados aqui na dissertação. Por isso ele só foi citado neste momento.

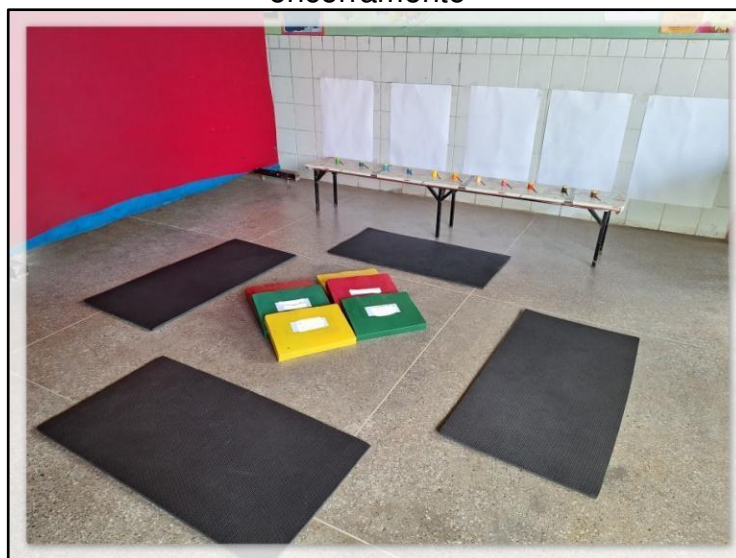
Figuras 41 – Lanche com as crianças no encerramento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Nesse dia foi tudo muito tranquilo, pois além de nós estavam apenas algumas poucas pessoas, funcionários do CEI, na instituição. Inclusive agradeço também a ajuda da cozinheira e do porteiro que estiveram presentes nesse dia e que me ajudaram a organizar o espaço. Levei cartolinas, colei-as na parede, preparei um banco onde disponibilizei tinta guache e pincéis (figura 42). Não sugeri nenhum tema nesse dia. A ideia era que as crianças ficassem totalmente livres para pintar o que quisessem.

Figura 42 – Espaço organizado para o encontro de encerramento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Iniciamos nosso momento com uma conversa, onde recordei todos os nossos encontros no ateliê. Perguntei o que tinham achado e a opinião geral foi que estavam com saudade, que foi muito divertido desenhar (figura 43). Depois entreguei todo o material que as crianças produziram, todos os desenhos, junto com a pasta e o kit de desenho que comprei para cada uma (figura 44). As crianças demonstraram alegria e entusiasmo ao rever seus desenhos e receber seus kits. Então, deixei-as produzir à vontade.

Figura 43 – Momento de conversa com as crianças



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Figura 44 – Entrega do material de desenho



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Enquanto pintavam, conversavam entre si, narrando fatos que ocorreram durante as férias (figura 45). Amy Rose falou que tinha ido pescar com o pai, e que tinha pescado um peixe, e que já sabia nadar. Daniele estava tão radiante que falou que ia fazer uma pintura incrível. Cascão contou que fez muitos passeios com a família: foram à praia, ao shopping e brincou bastante de bola com os irmãos em seu quintal. Infelizmente Sonic não pode comparecer porque o pai tinha sofrido um acidente nesse dia – mas depois ficou tudo bem.

Figura 45 – Crianças pintando no encontro de encerramento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Após a pintura, fomos todos lanchar. Esses momentos sempre são muito ricos, cheios de trocas e compartilhamentos de pedacinhos de histórias que, juntando, vamos compondo quem somos. Cada criança levou para casa sua pintura junto com a pasta contendo o kit e o caderno de desenho. A sensação que senti após esse instante foi de contentamento e gratidão por ter concluído essa etapa da pesquisa como gostaria, ou seja, ter promovido esse encontro de confraternização com as crianças, fechando assim a etapa de campo da pesquisa sobre desenho infantil e autobiografismo.

A seguir, no próximo capítulo, descreverei detalhadamente os resultados de todos os desenhos e das narrativas faladas que foram produzidos durante a pesquisa de campo.

4 “AS COISAS QUE NÃO TÊM NOME SÃO MAIS PRONUNCIADAS POR CRIANÇAS”³² - QUE REVELAÇÕES EMERGIRAM DAS NARRATIVAS GRÁFICAS E ORAIS SOBRE AS HISTÓRIAS DE VIDA DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O que fazemos quando narramos nossa história? Coletamos, ordenamos, organizamos, vinculamos as situações e os acontecimentos de nossa existência, damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos (Delory-Momberger, 2011, p. 341).

Neste capítulo, vou apresentar os resultados desta pesquisa, partindo do material que foi produzido nos encontros do ateliê: as narrativas gráficas e orais do grupo de alunos/as, de acordo com meus objetivos de compreender como a linguagem do desenho pode contribuir para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil. Trago aqui minhas observações, impressões e análises; o que foi possível ser anotado no diário de itinerância; o que minha escuta sensível foi capaz de captar; o que as crianças trouxeram nas suas narrativas orais e gráficas sobre suas histórias de vida em formação. Somando a esse material farei um diálogo com os seguintes autores: Delory-Momberger (2011), Staccioli (2011, 2014), Barbosa e Gomes (2013), Teresa Sarmiento (2018), Lowenfeld e Brittain (1977), Goldberg (2016), Vygotsky (2018), Derdyk (2020), Sarmiento (2011, 2018), Passeggi (2021), Silva, Nunes, Betti e Rios (2008), Castell (2012), Boynard (2005), entre outros.

Organizei a apresentação destes resultados por temáticas, assim como fiz para descrever como foram os encontros no ateliê. Dentro de cada temática mostrarei quais elementos (auto)biográficos emergiram, partindo das narrativas orais e desenhadas; e quais elementos foram revelados sobre as histórias de vida de cada criança participante dessa pesquisa. Para termos uma ideia da produção gráfica total das crianças, fiz o quadro abaixo, onde demonstro o quantitativo de desenhos realizados por cada criança (Quadro 2).

Quadro 2 – Quantitativo de desenhos produzidos.

CRIANÇA	TOTAL DE DESENHOS
---------	-------------------

³² A frase que dá nome a esse capítulo foi retirada do livro “Poesia completa” de Manoel de Barros. (Barros, 2010, p. 300).

Cascão	27
Amy Rose	25
Sonic	22
Daniele	19

Fonte: Dados da pesquisadora (2024).

Dos seis participantes dos encontros, decidi fazer a análise do material de apenas quatro crianças. Mais uma vez, o tempo foi um fator preponderante para que eu repensasse o número de partícipes. O grupo produziu um número muito grande de material gráfico, que não seria possível ser analisado com o tempo de que eu dispunha: esta é uma pesquisa de mestrado de uma professora que permaneceu trabalhando em sala de aula durante todo o processo, com uma carga horária de 40 horas semanais. Então resolvi escolher para minha investigação e estudo aqueles que mais trouxeram elementos (auto)biográficos, e que foram mais assíduos. O grupo permaneceu com os seis até o último encontro; porém apresentarei aqui os resultados de apenas quatro: Amy Rose, Cascão, Daniele e Sonic.

Durante os encontros, procurei deixar as crianças livres para se expressarem, respeitando o momento de fala de cada uma. Explico aos meus alunos/as que, quando uma pessoa está dizendo o que pensa, a gente precisa saber escutar; não cortamos a fala de quem está falando; após ouvir com atenção é que podemos expressar nossa opinião. Eis um dos motivos pelos quais sempre procuro sentar em forma de roda com eles/elas, pois o círculo nos dá a possibilidade de olharmos de frente para cada um/a que está presente. Digo isso para as crianças durante nossas rodas de conversa, falo sobre a importância dessa forma de nos olharmos em grupo, com respeito e igualdade.

4.1 Temática 1: Quem sou eu? (Encontros: 1º, 2º, 3º e 8º)

4.1.1 Cascão

Figura 46 – Cascão desenhando



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No início do ano letivo de 2023, Cascão se mostrava uma criança bastante tímida, não falava quase nada nos momentos de roda de conversa; e quando precisava falar comigo por algum motivo, desde pedir para ir ao banheiro ou contar alguma situação do dia a dia, ele usava um tom de voz baixo e com um pouco de gagueira. Durante os encontros no ateliê, Cascão foi largando a timidez pouco a pouco, talvez por estar em um grupo menor de alunos - e por estar ao lado dos seus melhores amigos (Amy Rose e Sonic) ele tenha se sentido mais à vontade pra conversar e expressar suas opiniões.

Uma característica marcante no desenho do Cascão é que ele adora desenhar com lápis e giz de cera, diferente do restante da turma que prefere as canetas hidrográficas. Cascão geralmente desenha os braços, pernas e tronco das formas humanas no formato quadrado, com exceção das cabeças.

No primeiro encontro ele fez três desenhos: em um deles, bonecos representando uma pessoa de cada tom de pele (figura 47) - ele estava se referindo a uma parte do livro que lemos nesse encontro (Sou a cor da minha pele?). Escreveu no desenho o nome dele e das outras duas pessoas que desenhou. Usa letras de seu próprio nome, aleatoriamente, para dizer que é o nome dos outros bonecos. Também

fez seu autorretrato (figura 48), se reconhecendo uma criança de pele branca. Nesse dia, ele foi o único que fez um desenho de si mesmo. Não quis falar sobre o terceiro desenho (figura 49).

Figura 47 – As peles (Cascão, 4 anos)



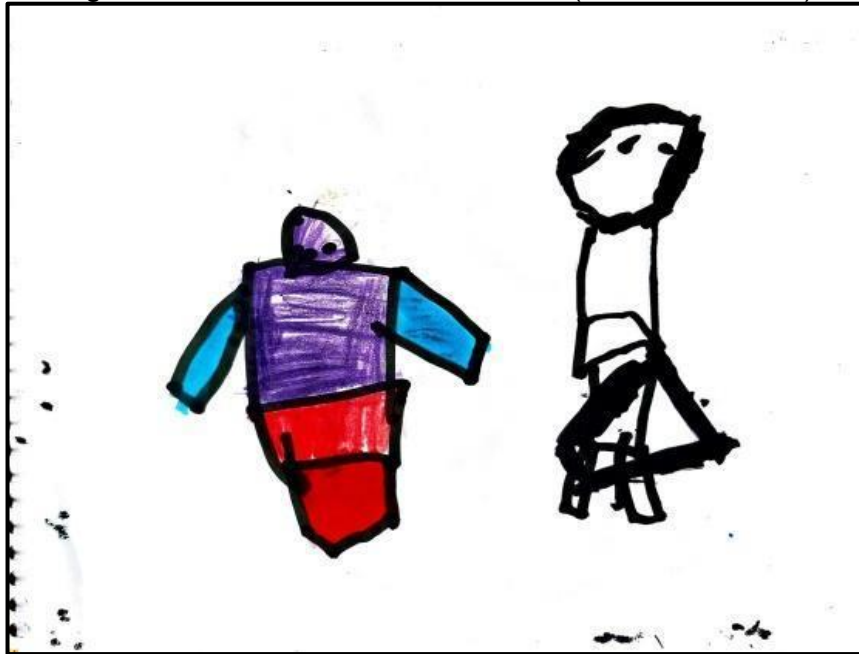
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 48 – Autorretrato (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 49 – Desenho não nomeado (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Delory-Momberger (2011) defende que, através da narrativa, nesse caso gráfica e oral, temos a oportunidade de contar sobre nossa própria vida e, com isso, construir a nossa identidade pessoal. Ao desenhar figuras de tons de pele diferentes, Cascão reconhece que existem pessoas diferentes dele; e ao se pintar com a cor bege, mostra com isso que se vê como uma criança com o tom de pele branca, ele está se reconhecendo com aquela cor, ou seja, formando um conceito de uma característica sua, que lhe pertence, que faz parte da sua identidade. Destaco a importância da mediação pedagógica e dos livros nesse processo.

No segundo encontro, Cascão desenhou em três folhas também. Fez ele mesmo (figura 50) e alguns personagens de desenho de um jogo que ele gosta (figura 51). O jogo se chama Roblox e é bastante comentado por ele e seu melhor amigo Sonic. Ele conta que fez a Peppa (figuras 52 e 53), que vemos representada pela cor rosa no desenho; o Azul Babão e fala um outro nome que não consigo compreender. Cascão geralmente faz pelo menos um desenho sobre o tema abordado no encontro. Mas também traz outros temas de seu interesse ou que surgem na hora, enquanto conversam.

Figura 50 – Autorretrato (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 51 – Personagens do Roblox (Cascão, 4 anos)



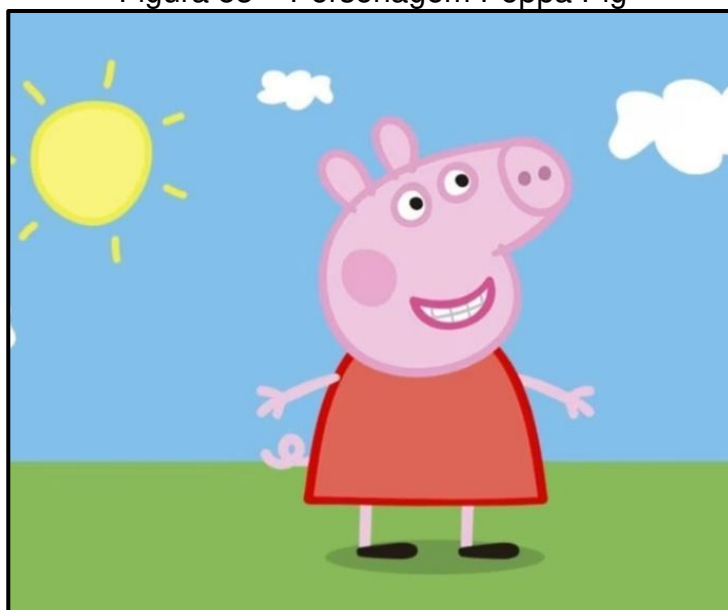
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 52 – Peppa Pig (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 53 – Personagem Peppa Pig



Fonte: Dentro da história (2021).

Pesquisando na internet descobri que Roblox é uma plataforma de criação de jogos online, nele seus usuários podem criar e compartilhar seus próprios jogos utilizando ferramentas simples de desenvolvimento (Internet Matters, 2023). Seu ano de lançamento foi em 2006, pela empresa Roblox Corporation. É um jogo que vem se popularizando muito entre crianças e adolescentes, desde o ano de sua criação. Nele, os usuários podem criar avatares e experiências de mundos virtuais. Os jogadores podem interagir, jogar junto, conversar e até criar comunidades e grupos.

Observando a estética corporal dos desenhos da Roblox, verifiquei que os personagens têm a forma do corpo quadrada (figura 54). Fazendo uma comparação com a maneira como Cascão desenha os corpos humanos em seus desenhos, penso que pode ser uma influência dessa estética; porém reconheço que devemos ter cautela ao fazer afirmações sobre os desenhos infantis, pois partindo do ponto de vista de Staccioli (2011, p. 29), os desenhos são pensamentos visuais. Portanto, segundo o autor:

Olhar um desenho de uma criança como uma “produção” é, sem dúvida, algo incerto e difícil. Mas não há outro caminho. O desenho é certamente expressão da personalidade (deixamos aos psicólogos a interpretação); é, com certeza, expressão de um tipo de conhecimento (o de nomear); é uma demonstração de gosto estético (aqui também: com quais critérios se avalia o gosto?); mas é, sobretudo, um “pensamento visual”, elaboração que requer escuta, imagem interpretativa, que requer uma outra interpretação, figura imprecisa que não requer precisão. Quando não se entende, é melhor renunciar ao julgamento. (p. 29)

Figura 54 – Personagens da Roblox



Fonte: Gogoni (2020).

Considero pertinente frisar que não podemos deixar de dar atenção a esse universo dos desenhos animados, da televisão, da internet e dos games, tão presentes hoje em dia nas culturas infantis. Durante a experiência com o ateliê de desenho, pude conhecer um pouco mais sobre esses produtos que as crianças desse grupo de pesquisa estavam consumindo. Barbosa e Gomes (2013, p. 333) nos contam sobre o papel que a TV, por exemplo, ocupa na vida das crianças. Acredito que não seria demais estender essa função para as outras mídias “a TV, aparentemente funciona como uma forma lúdica da criança interagir com o mundo, liberando sua

energia, criando fantasias e brincando com os personagens, ou seja, é um momento que ela se afasta de tudo que a incomoda e entra no seu universo brincante [...]”.

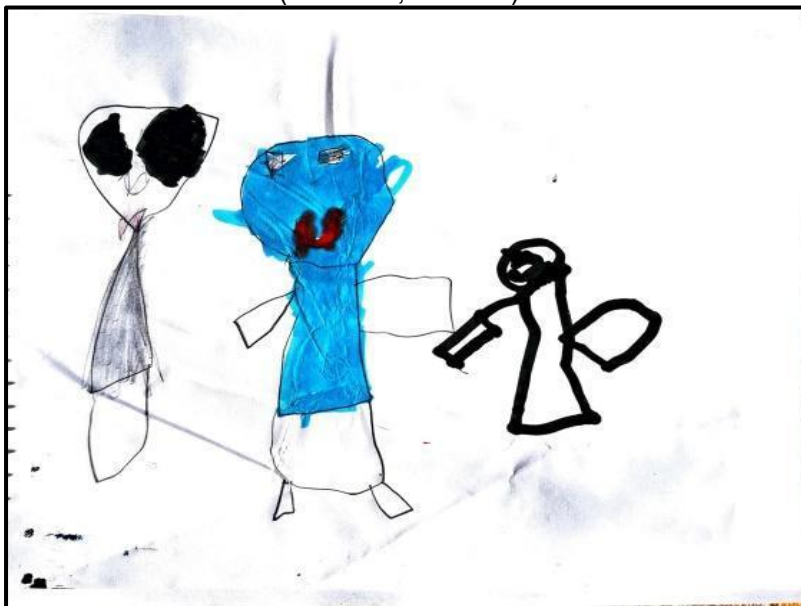
No terceiro encontro, Cascão desenhou uma sequência de bandeiras do Brasil e uma da Argentina (figura 55). Ao lado de uma das figuras da bandeira do Brasil, desenhou um boneco e disse que era o homem que mora no Brasil, que esse homem está fazendo quem nasce no Brasil. Em seguida, em outra folha, fez um vampiro; o Azul Babão; um fantasma (figura 56).

Figura 55 – Sequência de bandeiras (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 56 – Personagens Vampiro, Azul Babão e Fantasma
(Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No oitavo encontro foram três desenhos. Nesse dia não usamos o caderno de desenho. No desenho 1 ele diz que me desenhou (figura 57). Nele, há três bonecos e uma figura no centro - que ele fala que é o parque de areia onde brincam no recreio. Para me diferenciar dos outros bonecos, ele desenha sua professora com cabelo; já as outras formas humanas não têm cabelo. Interessante, que no desenho a seguir, ele não faz os detalhes dos rostos: ele pinta todas as caras de preto.

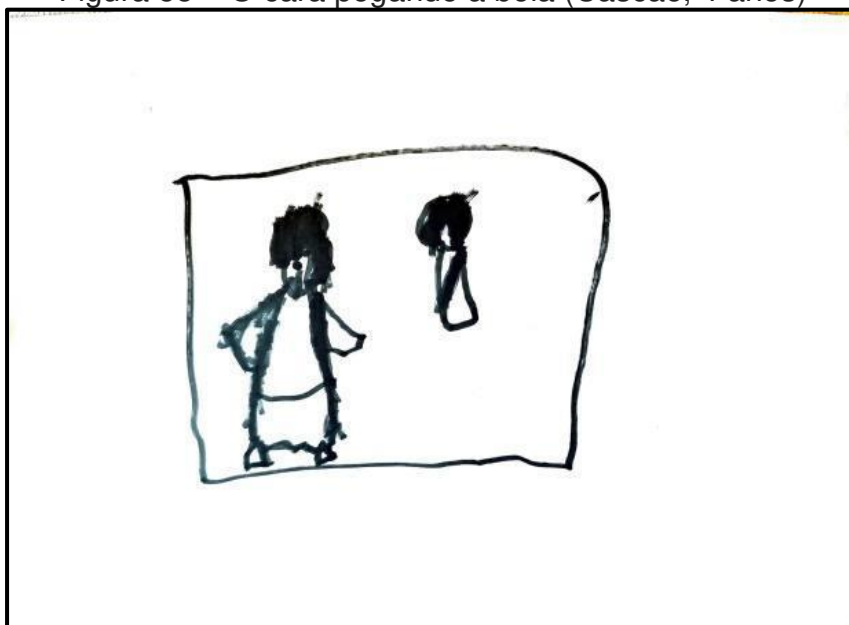
Figura 57 – A tia (professora), os alunos e o parquinho
(Cascão, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

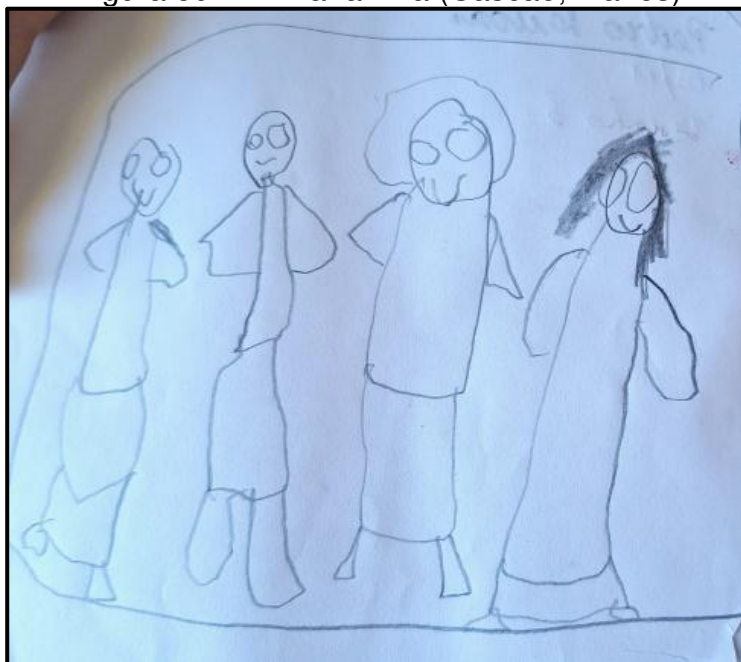
Cascão explica que já foi ao Castelão, o Estádio Governador Plácido Castelo, também conhecido como Arena Castelão (Wikipédia, 2024) com o pai. No segundo desenho, dois bonecos jogando futebol (figura 58). O terceiro desenho do encontro representa a família dele (figura 59): faz todos dentro de um quadrado bem no centro da folha, ocupando pouco espaço desta; assim fica uma área grande em branco. Depois recorta esse quadrado. Pergunto por que ele fez isso, responde que recortou por causa da família. Perguntei se ele queria representar uma fotografia, e ele responde que sim.

Figura 58 – O cara pegando a bola (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 59 - Minha família (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Quando peço para me apresentar sua família a partir do desenho, ele não só fala o nome de todos os membros como conta detalhes da vida em família. Diz que a mãe faz comida todos os dias para todos. Pergunto o que o pai faz, e ele responde que joga e faz alguma coisa para eles comerem, como sanduíches, mas que a comida da mãe é mais gostosa. Diz que tem dois irmãos. Faltou um dos irmãos no desenho e ela justifica que se esqueceu de desenhá-lo. Conta que a avó faz pão de queijo. Cascão não desenhou seu autorretrato, como propus nesse encontro. Desenhou-se junto com sua família.

A partir das narrativas orais e gráficas do Cascão, consigo ver elementos reveladores de sua história. De forma direta, ele nos diz seu nome, quem são os membros de sua família, seus personagens de desenhos animados e jogos favoritos, quais brincadeiras mais lhe agradam, o quanto gosta de estudar, de desenhar, de vir para a escola e interagir com seus amigos/as e professora. Mas também nos deixa silêncios como quando não quis falar sobre um ou outro desenho. De acordo com Staccioli (2014, p. 100):

Acompanhar as crianças a representar pensamentos “coloridos” requer uma intervenção didática direcionada e precisa, que leve em conta o contexto, a organização dos espaços e o tempo, o clima da classe, a escuta competente de adultos que sinceramente se interessam pelas elaborações infinitas que as crianças fazem, coisas do mundo externo e interno. Acolher, como adultos, as mensagens invisíveis que atravessam as imagens requer uma aproximação delicada, aberta ao possível e ao incerto. Um modo de

aproximar-se das imagens que vai além dos percursos mais comuns de leitura aos quais estamos acostumados.

Dessa maneira, compreendo que a forma como tudo foi pensado para esse momento de ateliê contribuíram para que as crianças pudessem se conectar comigo, consigo mesmas e com seu próprio desenho; assim como um olhar e escuta sensível e atento para conseguir penetrar no infinito de interpretações que há nos desenhos infantis.

Muitas vezes senti vontade de decifrar qual a mensagem que Cascão estaria querendo transmitir, como quando desenhou a sala de aula, com alunos e professoras com as caras pintadas de preto. Por que não fez os detalhes dos rostos das figuras? Estaria querendo ocultar as expressões desses personagens, ou apenas ficou com preguiça de terminar seu desenho? Nas muitas bandeiras do Brasil, ele estaria querendo demonstrar sua paixão pelo futebol ou pelas cores da própria bandeira? Temos que aprender a aceitar os silêncios e o que não conseguimos enxergar nos desenhos infantis. A paciência foi um elemento relevante, como também foi importante não querer explicação para tudo, para cada desenho.

4.1.2 Amy Rose

Figura 60 – Amy Rose desenhando



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No primeiro encontro, Amy Rose desenhou seu pai voltando do mar em sua jangada, na qual estava escrita a primeira letra do nome dela (figura 61). Uma

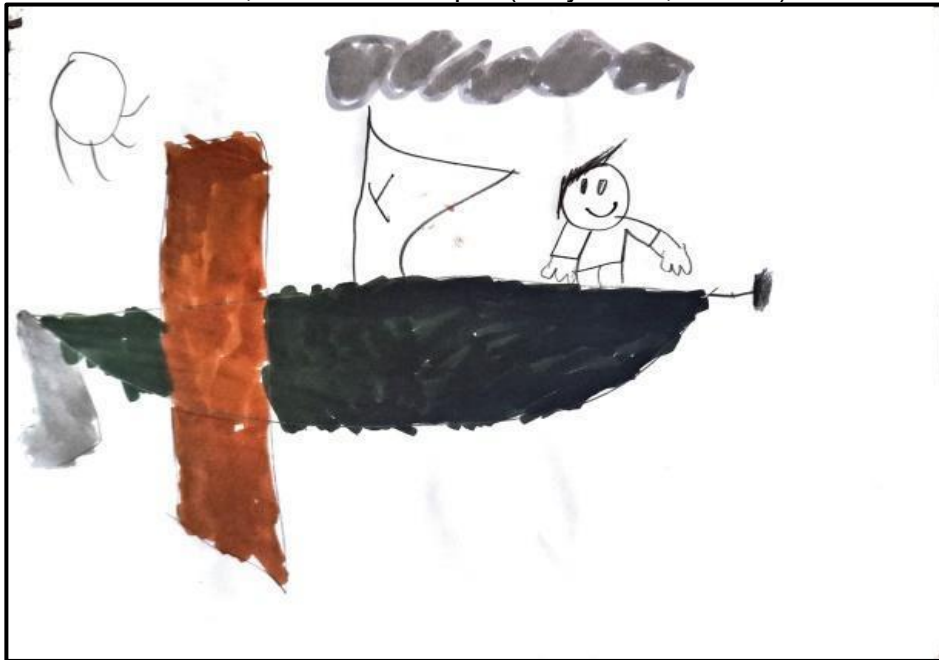
representação bastante significativa de quem ela é, a filha de um pescador. Demonstra sentir uma admiração muito forte pelo pai; tanto quanto por sua profissão. Lembro que, na primeira semana do ano letivo de 2023, na roda de conversa, eu cantei com o grupo de alunos/as a música “O anel”, de Bia Bedran³³, e em seguida sugeri que eles fizessem um desenho sobre a música. Amy Rose fez um desenho parecido. E no decorrer do ano letivo ela sempre vem trazendo esse tema, seu pai e sua jangada, sua pesca, em suas representações gráficas.

Amy Rose fala através de suas figurações sobre sua experiência vivida no mar, com a pesca, aprendida com seu pai pescador. Mais adiante, ela expressou o quanto admira a profissão do seu genitor, e relatou que também teve a oportunidade de experimentar como é estar em um barco no oceano. O pai a leva algumas vezes para a pescaria de lazer; ela sabe como é a sensação de pescar um peixe no mar. Com sua narrativa, ela se apropria de sua história e pode elaborar sobre ela. Teresa Sarmiento (2018) cita Passeggi (2016) para enfatizar o poder formativo das narrativas autobiográficas:

Ao narrar a sua experiência a criança desdobra-se como espectador e como personagem da situação narrada, assumindo-se como ator social que sente, contesta e se posiciona, dando forma à sua condição de agente social que “age no mundo de vida, não para exercer papéis preconcebidos, mas em virtude de uma ação reflectida situada no seu próprio horizonte biográfico” (Passeggi, 2016, p. 82 *apud* Sarmiento T., 2018, p. 129).

³³ Bia Bedran é uma compositora, cantora, violonista, atriz, escritora e educadora musical brasileira conhecida por seu trabalho no teatro e na televisão com o público infantil (Wikipédia, [2024m]).

Figura 61 - O remo do meu pai, o pau de parar a jangada, a jangada, o motor, a vela e meu pai (Amy Rose, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No desenho desse encontro, ela conta que o pai está voltando do mar e que dessa vez só trouxe dois peixes. Esqueceu-se de desenhar o mar; e quando peço para me falar sobre seus desenhos, na hora de gravar o áudio, ela percebe que havia se esquecido de colocar esse elemento em sua produção e ri do barco flutuando sem água para navegar.

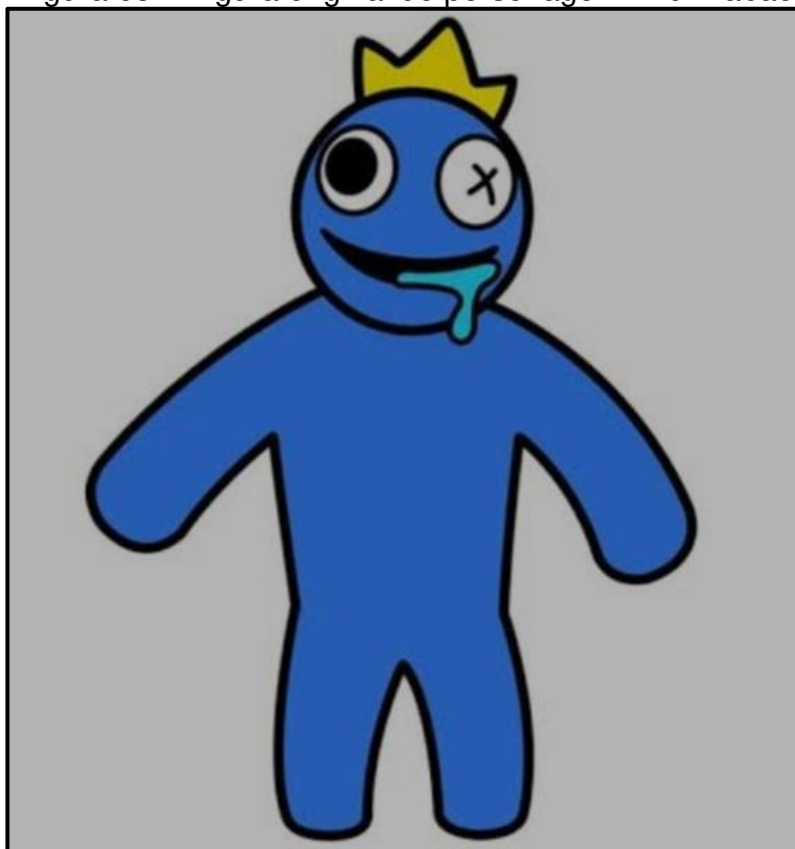
Numa outra folha, desenhou o Azul Babão (figura 62). Observo que ela sempre faz esse desenho quando o Sonic está presente, por serem muito amigos. A primeira coisa que o Sonic me pergunta quando chega na creche todos os dias é: Tia, a Amy Rose vem hoje? Nesse dia, o Sonic também desenhou esse personagem. Acredito que ela acaba desenhando por influência do amigo. Interessante observar que, ao fazer uma comparação do desenho da Amy Rose com a figura original do Azul Babão (figura 63), vejo que há uma grande aproximação. Apesar dela dizer que nunca jogou Roblox, ela demonstra conhecer suas características detalhadamente, o que revela, de certa forma, uma apropriação visual da personagem.

Figura 62 – Azul Babão (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 63 – Figura original do personagem Azul Babão



Fonte: <https://images.app.goo.gl/ezWpnJkp5UYe79Kc9>.

No momento que estou gravando o áudio com ela sobre esse desenho do Azul Babão, o Sonic acaba se metendo na conversa algumas vezes. Amy Rose diz que nunca jogou o jogo desse personagem, mas que já tinha visto ele, provavelmente

tenha visto em alguma tela (celular ou tablet). Então tento conversar sobre a história do livro que levei. Ela fala que gostou, mas não faz comentários. Esses elementos que Amy Rose desenhou fazem parte de sua história, mostram quem ela é. Falar do pai mostra que a menina do mar, tem um verdadeiro encanto pelo oceano e pelo pai.

No segundo encontro ela fez três desenhos. No primeiro, desenhou-se com seu amigo Sonic, ele com a farda da creche. Interessante que ela fez um dos braços dele bem maior que o outro, que o próprio corpo do boneco. Na mesma figura ela representa a si mesma e desenha também o próprio pensamento (figura 64). Diz que é ela pensando que está brava. Para Lowenfeld e Brittain (1977, p. 158), “a arte de uma criança é o seu próprio reflexo. Ela aprende à medida que organiza sua experiência. O desenho é uma oportunidade de converter o pensamento em forma concreta”.

Todos nós pensamos e estamos o tempo todo elaborando nossas experiências diante do mundo. Com as crianças não acontece diferente. Todos nós, inclusive as crianças, sentimos necessidade de representar de alguma forma nossas percepções e emoções, de expressá-las; e a arte se apresenta como uma forma de podermos comunicar o que nem sempre conseguimos através das palavras. Como aponta Staccioli (2014, p. 97):

Explicar o mundo não é uma operação simples, nem mesmo para os adultos. Muitas vezes nos faltam palavras para dizer o que pensamos ou queremos que os outros compreendam. Nesses casos, precisamos de desvios linguísticos, de contornos de palavras, de similitudes, de metáforas.

O autor segue seu raciocínio dizendo que muitas vezes pode parecer tão complexa essa tarefa de comunicar pensamentos, que nos admiramos quando nos deparamos com um desenho de uma criança (entre 2 e 5 anos) que tenta transcrever um pensamento ou uma emoção através de seu desenho. Mas que devemos encorajá-las a essa tarefa. Porém, ele adverte que não é fácil adotar essa postura, pois os costumes culturais, tanto dos/as professores/as quanto dos parentes, sempre estão esperando representações interpretáveis das imagens, os desenhos mais realistas, que mais se aproximam da nossa realidade visível - esses são os elogiados pelos adultos. Com as palavras do autor: “nós temos de entender... que a realidade representada é a realidade percebida, não apenas aquela que perpassa a visão; deveríamos entender que elaborar o mundo é bem diferente de fotografá-lo” (Staccioli, 2014, p. 118).

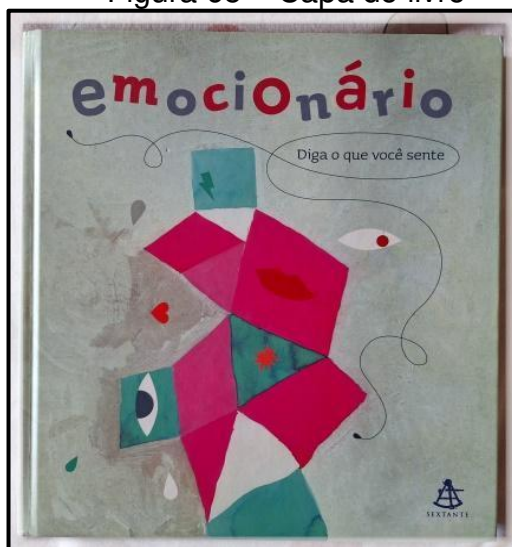
Figura 64 – Eu com meu amigo Sonic. Estou pensando que estou brava (Amy Rose 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Pensado nessa dificuldade que temos de falar sobre o que sentimos, desde o início do ano eu desenvolvo um projeto com essa turma sobre emoções e sentimentos. Todos os dias, costumo perguntar como estão se sentindo; então conversamos sobre a emoção que sorteamos no dia. Utilizo o livro *Emocionário: diga o que você sente* (Pereira; Valcárcel, 2018) para esse estudo com as crianças (figura 65 e 66). Acredito que essa representação, no desenho de Amy Rose, do pensamento e da emoção que está sentindo possa ser um reflexo do trabalho que venho desenvolvendo com a turma ou apenas sua necessidade de falar o que pensa, o que sente, de expressar seus pensamentos através de desenhos.

Figura 65 – Capa do livro



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 66 – Livro aberto



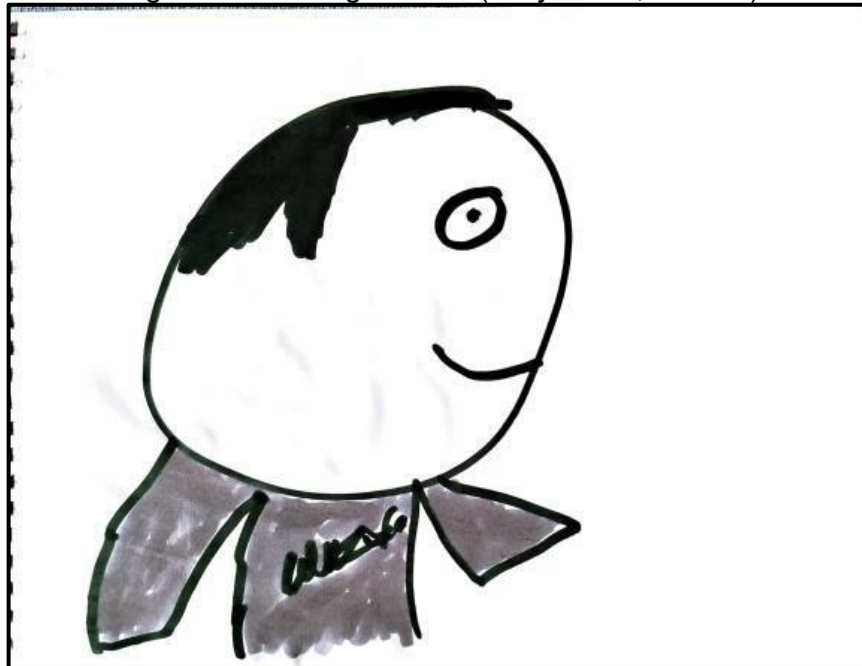
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

O segundo desenho é o Sonic, e aqui ela o faz de perfil (figura 67). O terceiro desenho representa mais uma vez o azul Babão (figura 68). Percebe-se nesses desenhos o tamanho do afeto que ela tem pelo amigo. Quando não o desenha, traz esse personagem que na verdade é uma representação dele, de algo que Sonic fala muito, que ele gosta. Por meio do registro, gráfico Amy Rose revela seus afetos. Estaria Amy Rose usando uma metáfora visual para falar do afeto por seu amigo? Staccioli (2011) ilustra sobre a possibilidade do uso desse recurso poderoso que são as metáforas visuais, como tentativa de dizer o que não se pode, ou não se consegue,

simplesmente porque a percepção e o sentir são complexos demais para se traduzir em uma imagem ou palavras. Segundo o autor:

No âmbito da imagem, é impossível representar visualmente através de formas bi/tridimensionais e estático/dinâmicas, a complexidade dos eventos e das percepções; é impossível dizer “exatamente” o que se quer dizer (quando dizer é lógico-ilógico); e, conseqüentemente, é inevitável o uso de um instrumento como a metáfora. As metáforas (linguísticas ou visuais, que sejam) são “trocas de pensamentos”, são produções abertas e ambíguas que remetem um significado a outro. As metáforas propõem formas surpreendentes, emoções, e não dão respostas. Mostram um fascínio que nos deixa muitas vezes de boca aberta e fazem vir à cabeça a seguinte pergunta: mas como é possível que alguém tenha pensado dessa forma? (Staccioli, 2011, p. 34).

Figura 67 – Amigo Sonic (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 68 – Azul Babão (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Quando ela está falando do personagem, uma das crianças do grupo interfere fazendo o seguinte questionamento: “se o nome dele é Azul Babão, ele baba, né?” Todos riem nessa hora. E Amy Rose aponta no desenho a gota de saliva saindo da boca do boneco. Observando os diálogos que surgem durante os encontros; os fatos que as crianças trazem; os diálogos e os fragmentos de suas histórias sendo revelados graficamente ou em uma fala me levam a comprovar a riqueza de aprendizagens que acontecem antes, durante e após o ato de desenhar. Essas observações me comprovam o pensamento que traz Goldberg (2016) em sua tese de doutorado, quando fala:

[...] o desenho de uma criança não acontece somente no espaço do papel, ele é um processo complexo derivado de uma série de interações sociais, cognitivas e afetivas que terminam por gerar narrativas de variadas naturezas, da oral à gráfica, mas que se interpelam no ato de desenhar (Goldberg, 2016, p. 105).

No terceiro encontro ela desenha um carro e diz que é um camaro amarelo, que é muito caro; que seu valor é “mil reais de dólares” (figura 69). Conta que tem uma pessoa dentro do carro, pilotando, mas que não sabe quem é. No desenho não dá pra ver a pessoa. Ela desenha vários cifrões representando o dinheiro, querendo com isso mostrar o valor financeiro do automóvel. Então pergunto se ela sonha em possuir um carro quando for adulta. Não me responde. Apenas comenta que só cabem

duas pessoas nesse carro. Amy Rose não contou de onde obteve as informações dessa imagem, mas com todos esses detalhes tão específicos sobre o carro, ela deve ter acessado em algum lugar, provavelmente através das mídias.

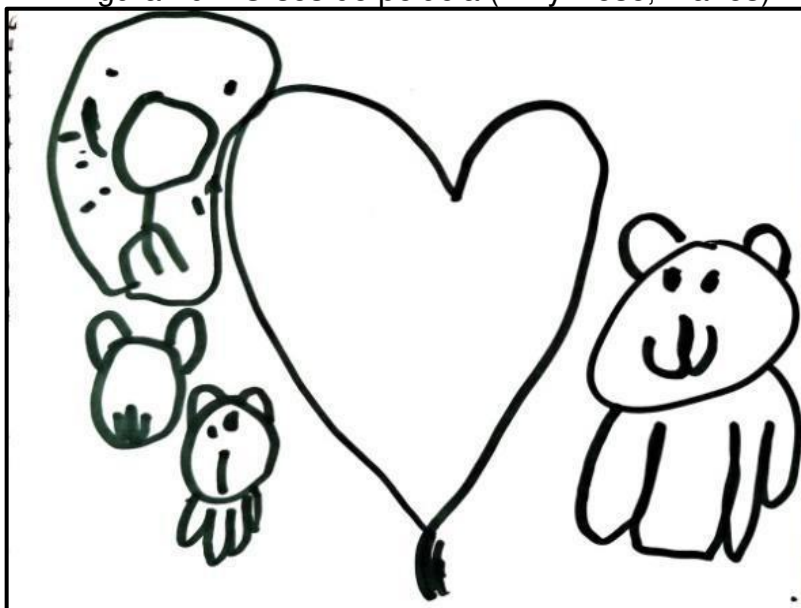
Figura 69 – Camaro que custa “mil reais de dólares” (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

O seu segundo desenho foram dois ursos de pelúcia - ela relata que não gostou deles. Há um cachorro que também tentou desenhar e que “não deu” (palavras da própria criança) (figura 70), talvez porque não calculou direito o espaço na folha, ou esse espaço foi pequeno demais para o que gostaria de representar. Pergunto se são os brinquedos dela, me responde que sim, que tem um cachorro, quatro ursos e um pinguim de pelúcia. O seu preferido é o cachorro. O terceiro desenho é seu “urso de cachorro”, como ela fala (figura 71).

Figura 70 – Ursos de pelúcia (Amy Rose, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 71 – “Urso de cachorro” (Amy Rose, 4 anos).

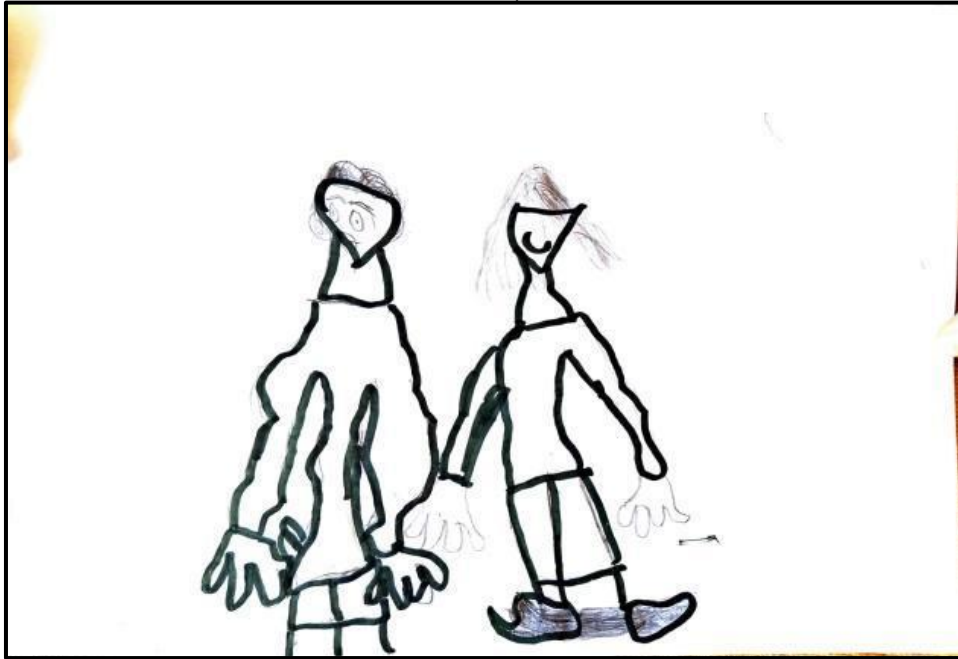


Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No oitavo encontro, Amy Rose desenhou ela mesma usando tênis, e seu melhor amigo, Sonic, novamente (figura 72); comentou que fez seu amigo musculoso. Pergunto por que ela o desenhou dessa forma, se ela o acha forte. Ela respondeu que sim. Sonic faltou a esse encontro por motivos de saúde. Perguntei se ela sente saudades dele; me responde balançando a cabeça para dizer que sim. Através do

desenho ela demonstra mais uma vez a ligação afetiva que tem por essa amizade, e a forma como ela o vê como um menino forte.

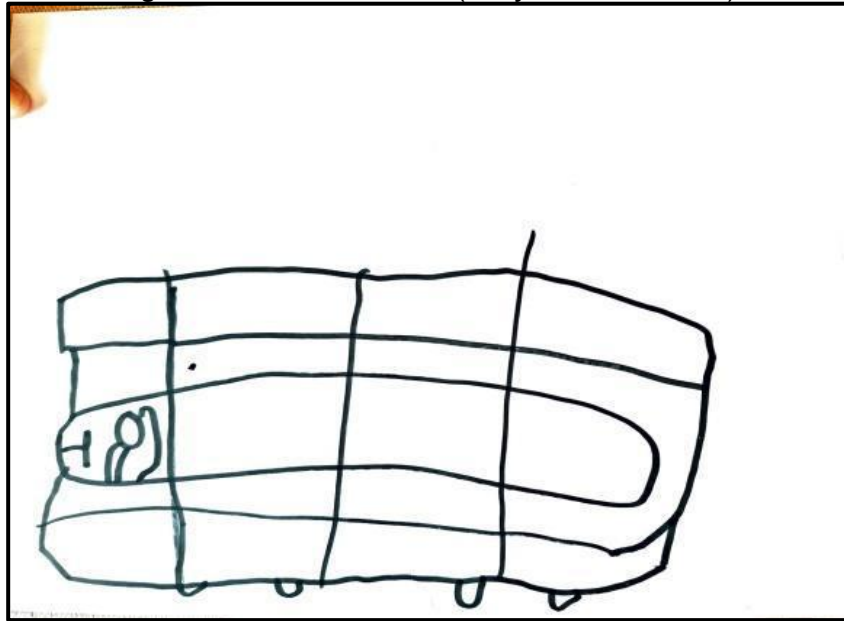
Figura 72 – Sonic musculoso e eu, Amy Rose, de tênis (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Na outra folha, Amy Rose desenha um *motorhome*, de perfil (figura 73). Conta que é um carro gigante. Perguntei se era um carro que também é casa; para saber se ela sabia de que tipo de transporte se tratava. Ela responde que sim. No desenho não dá para saber o que há dentro do carro, apenas um boneco é representado graficamente, que é o condutor do veículo. Então pergunto quem está dentro do carro, se é ela quem dirige. Sua resposta é que a família toda está lá dentro: os dois irmãos, o pai está dirigindo e a mãe está sentada ao lado dele. Em seguida perguntei para onde estão indo, ela diz que é para os Estados Unidos e que irão conhecer muitos lugares durante o percurso. Relata que tem cama, sofá, cozinha, roupa, quarto e banheiro, tudo dentro do *motorhome*. E que a viagem irá acontecer somente quando ela crescer.

Figura 73 – *Motorhome* (Amy Rose, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Com esse relato, podemos constatar como é relevante ouvir a voz da criança, escutar a história que há por trás de seus signos gráficos. Olhando rapidamente para essa figuração, não conseguiríamos ver quanta história há nele; existe uma família e um sonho de uma menina corajosa que idealiza uma aventura. Como nos comenta Staccioli (2014) sobre os traços invisíveis dos desenhos infantis:

Os desenhos das crianças muitas vezes nos surpreendem. Não apenas pelas soluções originais, pouco ortodoxas, que muitos conseguem encontrar, mas, sobretudo, porque mostram tanto as coisas visíveis, quanto as que não se veem. E nós, habituados às representações feitas de objetos, de pessoas, de animais, de plantas, não conseguimos sempre compreender. Nós mesmos teremos dificuldade em representar os pensamentos (Staccioli, 2014, p. 99).

Conversei com a mãe da Amy Rose sobre esse desenho. Tive a curiosidade de saber se realizar uma viagem como a ilustrada por Amy era um plano familiar; porém, ela respondeu que nunca havia conversado sobre isso com a filha, que não sabia de onde ela tinha tirado essa história. É provável que Amy Rose tenha visto sobre *motorhomes* e viagens em algum meio de comunicação; no mundo de hoje as crianças têm uma variedade maior de informações sendo disponibilizadas a todo instante, seja na televisão ou em tablets, smartphones, computadores etc. Segundo Vygotsky (2018, p. 22) “a primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste em que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados

da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa”. De alguma forma ela se apropriou dessas informações.

Amy Rose contou muito sobre sua vida em seus desenhos. Um dos temas favoritos dela é sua paixão pelo mar e admiração pelo pai pescador. Demonstra ser uma amiga muito afetuosa com seu amigo Sonic. A princípio cheguei a pensar que ela desenhava o personagem Azul Babão por influência dele, por estarem juntos; porém ela trazia essa figura até mesmo quando Sonic não estava presente; como Amy diz afirma nunca ter jogado tal jogo, me parece que desenhar o personagem que o amigo gosta possa ser um recurso metafórico para se lembrar de Sonic. A menina do mar também nos revelou seus desejos futuros quando desenhou o *motorhome* e falou sobre o passeio que fará com a família, quando for grande.

4.1.3 Sonic

Figura 74 – Sonic desenhando



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No primeiro encontro, Sonic não se desenhava fisicamente com corpo ou partes do corpo: preferiu se representar por meio dos seus gostos e preferências. Suas produções trazem muitos conteúdos da cultura dos desenhos animados e jogos eletrônicos. No primeiro desenho fez o Goku (figura 75), que é um personagem do desenho animado Dragon Ball, originário do universo do mangá e anime (The Kings of Cartoon, [2024]). É o personagem central dessa série, que tem como características principais a gentileza, a inocência e ter uma fantástica força física e magia para lutar. Goku tem a amizade, a lealdade e a justiça como seus valores mais importantes.

Podemos observar como seu desenho se aproxima da figura original (figura 76): o cabelo, detalhes das mãos, as cores etc.

Figura 75 – Goku (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 76 – Goku, figura original



Fonte: Dragon Ball Wiki ([2024]).

Durante a gravação do áudio, Sonic contou que não tinha pintado o boneco todo, mas fez uma “listrinha vermelha” simbolizando um sangramento; disse que ele

apanhou muito em uma luta. Ele fala que gosta muito desse personagem, porém o seu desenho preferido é o Sonic. Por isso seu pseudônimo aqui na pesquisa, escolhido por ele mesmo, foi esse.

Sonic the Hedgehog (figura 77), o ouriço, traduzindo para o português, é um personagem bastante conhecido no mundo dos desenhos animados e dos videogames. Sua velocidade supersônica é sua marca registrada, além de ter outras habilidades especiais como saltar a grandes alturas e fazer acrobacias. Ele é enérgico, extrovertido, confiante e despreocupado; gosta de fazer piadas durante as batalhas com seus inimigos. Luta pela justiça e faz de tudo para proteger seus amigos contra o mal.

Figura 77 – Figura original do Sonic



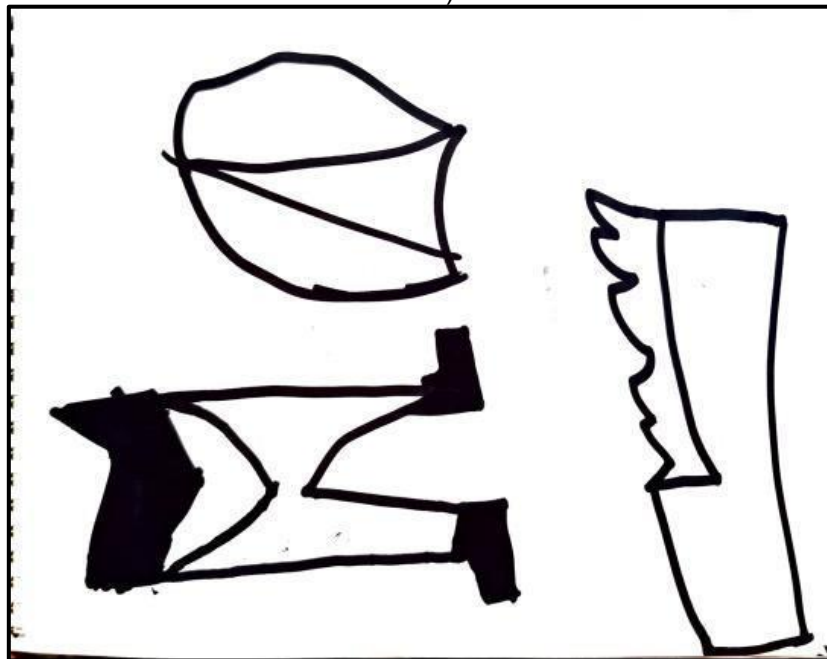
Fonte: Wikipédia ([2024a]).

Identifico que é provável que Sonic utilize sua identificação com seus personagens favoritos para falar de si, sobre o que gostaria de ser, ou o que ele pensa que é, na fantasia imaginária que tem de si. Os personagens são parte de si, fazem parte de sua cultura. Como afirma Barbosa e Gomes (2013, p. 338) no artigo sobre a influência dos super-heróis no universo infantil:

A criança usa o adulto ou o herói como algo a ser alcançado ou enfrentado, transgredindo situações que gostaria de enfrentar ou se aproximar, mas que não pode por ainda ser criança. No entanto, em sua imaginação e com o apoio do desenho animado, ela pode fantasiar diferentes contextos com o seu personagem preferido, transformando-o em uma espécie de combustível para dar vigor às suas brincadeiras.

O segundo desenho foi uma tentativa. Sonic falou que tentou fazer uma pessoa e não concluiu, porque não calculou direito o espaço no papel: faltou desenhar o corpo (tronco) e a cabeça. A figura apresenta apenas um corpo da cintura para baixo. Quando perguntei quem ele tinha tido a intenção de desenhar, ele respondeu que não sabia, mas logo em seguida falou que era seu melhor amigo da creche, Cascão. Desenhando também uma escova para limpar sapatos e um bambolê (figura 78). E comentou que andava de bicicleta.

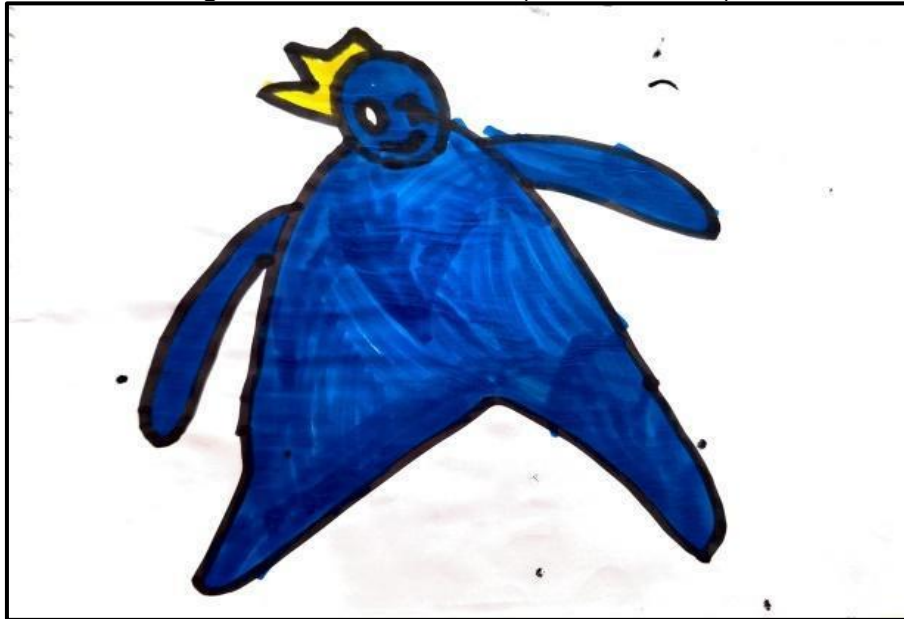
Figura 78 – Metade de um corpo, escova e bambolê (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Seu terceiro desenho desse dia foi o Azul Babão, do jogo Roblox (figura 79). Sonic conta que gosta muito dele, que adora brincar com esse jogo. Eu não conhecia essa plataforma de jogos; algumas vezes pronunciei o nome de forma errada, Sonic me corrigiu. Uma característica marcante do Sonic é que sempre corrige a mim ou aos seus/suas colegas quando pronunciamos qualquer palavra errada perto dele. Além de ser possuidor de um rico vocabulário e de uma boa dicção, é muito observador e perfeccionista com a pronúncia das palavras.

Figura 79 – Azul Babão (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A partir de uma pesquisa na internet averigui que o Azul Babão é um dos personagens do Rainbow Friends, monstros coloridos de um jogo da Roblox. A história do game se passa em um parque de diversão abandonado, onde esses monstros estão presos. A proposta, pelo que parece, é de uma experiência de horror em que um ônibus escolar cheio de crianças é sequestrado e vai parar nesse lugar habitado por esses personagens assustadores. Lá dentro, cada criança deverá completar algumas missões para conseguir vencer o jogo. Durante as provas elas são caçadas por esses monstros (Eloi, 2022).

Durante a gravação do áudio, Sonic me contou que sua mãe não o deixava mais jogar o Roblox porque ele andou tratando a avó de forma rude. Ele me confessou que o motivo pelo qual a tratou dessa forma foi porque sentiu ciúmes. Em uma visita da avó, ela abençoou primeiro seu irmão, deixando Sonic chateado com isso. E continuou seu relato dizendo que somente quando completasse seis anos e depois que fizesse uma cirurgia que precisa fazer, é que poderia voltar a brincar com esse jogo. Sonic realmente vai precisar passar por um procedimento cirúrgico, está aguardando, sua mãe me contou.

Considero esse tipo de jogo inapropriado para crianças tão pequenas como é o caso do Sonic. Penso que as famílias deveriam ter mais atenção quanto a esses conteúdos, procurar conhecer do que se trata, antes de permitir que seu/sua filho/a passe a ter contato. Claramente, esse game do Azul Babão não apresenta conteúdos

educativos, muito pelo contrário, pode influenciar as crianças de forma negativa, pois a temática central dele é o horror e a agressividade. Apesar do filho já ter jogado, vejo que sua mãe tomou conhecimento e o proibiu.

Enquanto converso com Sonic, convido-o a falar sobre as questões que o livro traz. Pergunto se seus/suas amigos/as preferidos/as fazem parte dos desenhos e jogos que ele gosta. A resposta dele é que “não”. E quando o questiono quem é o Sonic, ele responde: Sonic. Eu pergunto o que o faz ser quem ele é. E a resposta é: o meu nome e nada mais. Percebo, a partir disso, que o nome é algo muito significativo para as crianças. Como ainda não têm muitas ferramentas que possam ajudar a elaborar a compreensão de si, do seu eu, elas têm no nome algo que as tornam únicas. Outro fator a considerar é que, nessa idade, na escola se trabalha bastante o nome próprio, as letras, mais que qualquer outro elemento identitário.

No segundo encontro, Sonic fez quatro desenhos. Desenhou seu autorretrato com a farda que usa para vir à creche. Podemos observar que ele utiliza as cores laranja e amarelo do uniforme e insere o que seria a “logo” da prefeitura no lado esquerdo, características visuais que remetem ao fardamento real (figura 80). Disse que não pintou sua pele na cor que era para ser, porque não haver uma cor idêntica entre as canetas hidrográficas. Por isso pintou seu rosto, braços, pernas de laranja. Sempre desenha em várias páginas e, muitas vezes, acaba fazendo desenhos “pela metade”, começa e não termina porque os faz grandes demais para o espaço do papel. Quero deixar claro que o próprio Sonic foi quem falou sobre o fato de não “terminar” o desenho - não foi um julgamento meu.

Figura 80 – Autorretrato (Sonic, 4 anos).



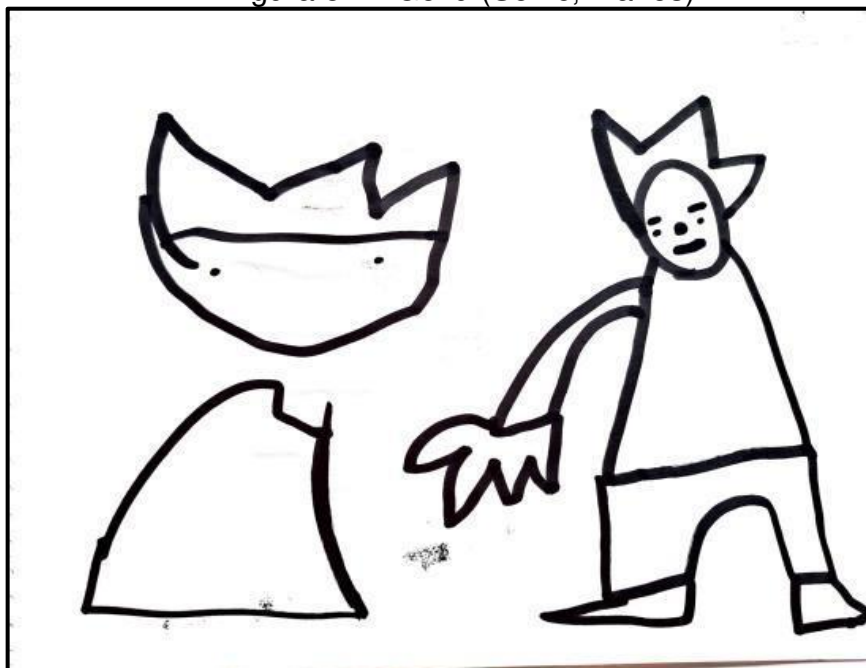
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No segundo desenho ele conta que tentou desenhar o Goku, e não conseguiu porque não coube na folha (figura 81), segundo a narrativa dele; pois faltou espaço para fazer o braço. O terceiro foi um robô com um lobo (figura 82). O robô é o Babobim (pronúncia da criança). O nome original desse personagem é Bumblebee. Pesquisando na internet vi que é um personagem da franquia Transformers³⁴: é um carro que vira Robô. O quarto desenho é a personagem Wandinha³⁵ (figura 83).

³⁴ Transformers é uma franquia cinematográfica de ficção científica baseada na linha de brinquedos homônima criada pela Hasbro. (Wikipédia, [2024n]).

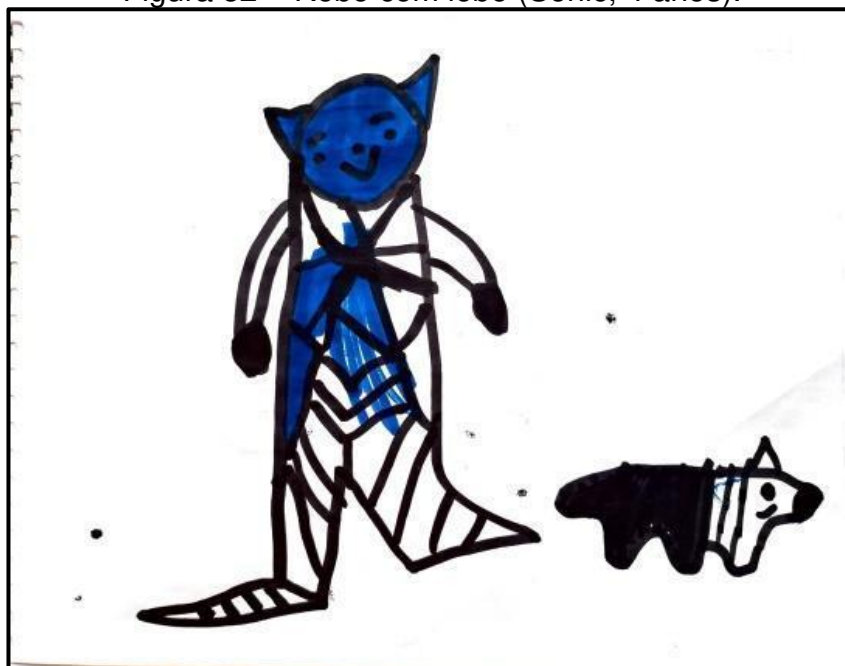
³⁵ Wandinha é uma personagem fictícia membro da Família Addams criada pelo cartunista Charles Addams (Wikipédia, [2024o]).

Figura 81 – Goku (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 82 – Robô com lobo (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 83 – Wandinha (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Durante a conversa, ele contou que seu jogo preferido é o Minecraft, o desenho favorito é o Sonic, e que já viu a série Wandinha. Eu pergunto se o personagem Azul Babão é desse jogo e ele diz que não, que é do Roblox. Pergunto se ele gosta de desenhar, e ele diz que gosta muito, que acabou todo o caderno de desenho que tinha em casa, que estava sem desenhar porque estava sem folha.

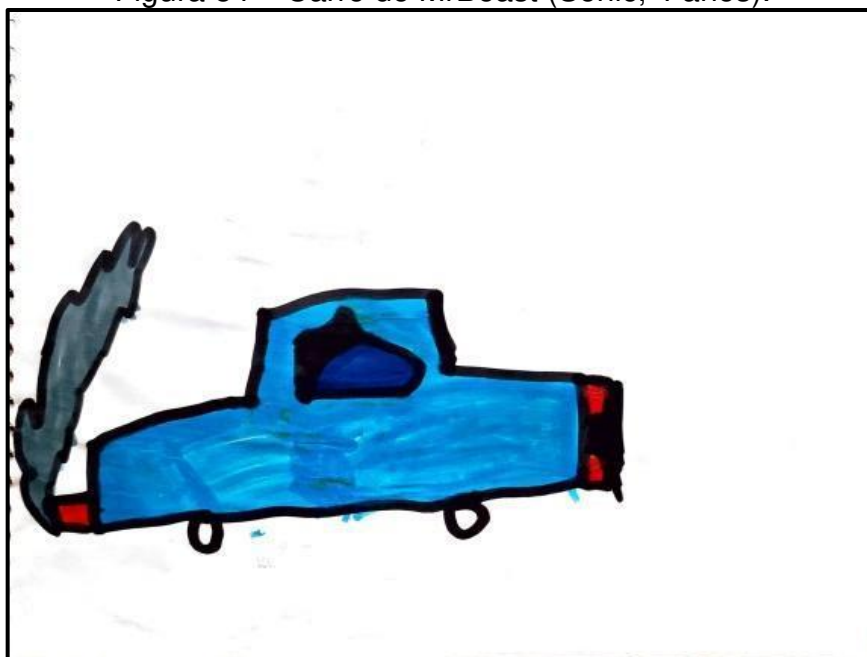
Procurei verificar a classificação indicativa da série Wandinha e descobri que é acima de 16 anos. Também cheguei a assistir, pois muitas crianças da minha turma estavam comentando bastante sobre a personagem. Na festa de *Halloween* que fizemos em outubro de 2023, na creche, muitas meninas vieram fantasiadas de Wandinha. Percebo que não há um cuidado por parte das famílias com relação aos conteúdos midiáticos vistos pelas crianças. Essa série apresenta cenas de violência. Mesmo que de forma sutil, esse tipo de conteúdo pode causar impacto psicológico nas crianças.

No terceiro encontro, Sonic fez oito desenhos. Seu primeiro foi o carro do MrBeast (figura 84). Segundo minha pesquisa no Google, trata-se de um criador de conteúdo para a plataforma de vídeos Youtube; sua temática principal costuma ser desafios envolvendo grandes quantias em dinheiro. Sonic parece ser uma criança que tem muito acesso ao mundo das telas, mídias sociais etc. Ele sempre traz uma fala ou um gesto desses criadores de conteúdo das redes sociais ou dos jogos e desenhos

que consome. Quando pergunto quem é esse personagem, MrBeast, ele diz que não conhece. Só fala que é um desenho.

Penso que a exposição de crianças em tão tenra idade a vídeos de influenciadores como o MrBeast é inapropriada, pois transmitem valores de fama e dinheiro distorcidamente, muito distantes da realidade da grande maioria das pessoas.

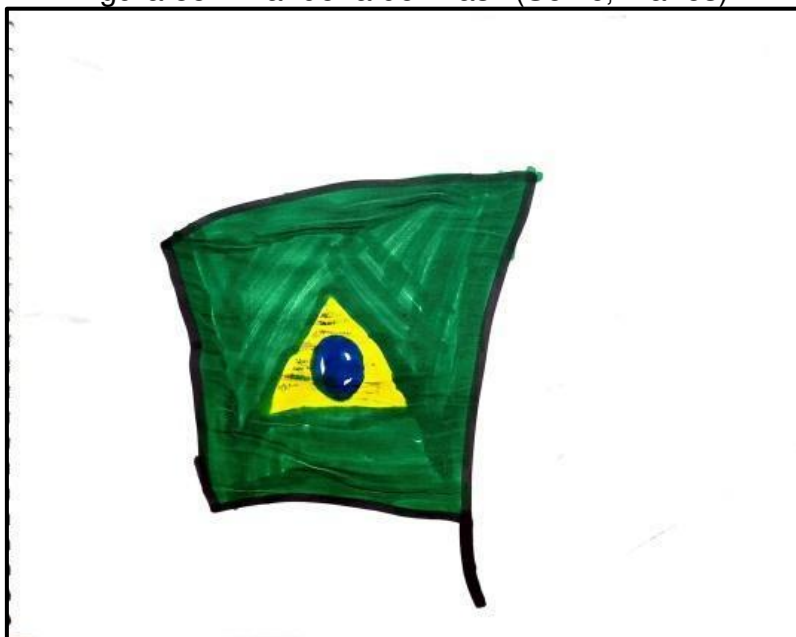
Figura 84 – Carro do MrBeast (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

O segundo desenho foi a bandeira do Brasil (figura 85). Sonic disse que o fez porque no supermercado Atacadão tem uma bandeira do Brasil. É interessante observar como um detalhe como esse, de uma bandeira no supermercado do bairro onde mora, causa um impacto nas crianças, pois não foi só ele que desenhou a bandeira do Brasil. As outras crianças a desenharem em mais de um encontro.

Figura 85 – Bandeira do Brasil (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Seu terceiro desenho é o Grinch, um personagem muito mau de um desenho. Ele diz que viu no Youtube. O quarto desenho é Orange, outro da plataforma Roblox, e Sonic diz que ele tá com fome. Na quinta ilustração, uma abóbora sorrindo, provavelmente influenciado pelas festividades de *Halloween*. Desenho 6 é o Azul Babão. Eu pergunto o que o Azul Babão faz nesse jogo e ele me responde que come as pessoas. Ele diz que não terminou de pintar porque ficou com preguiça, pois fez ele muito grande (figura 86).

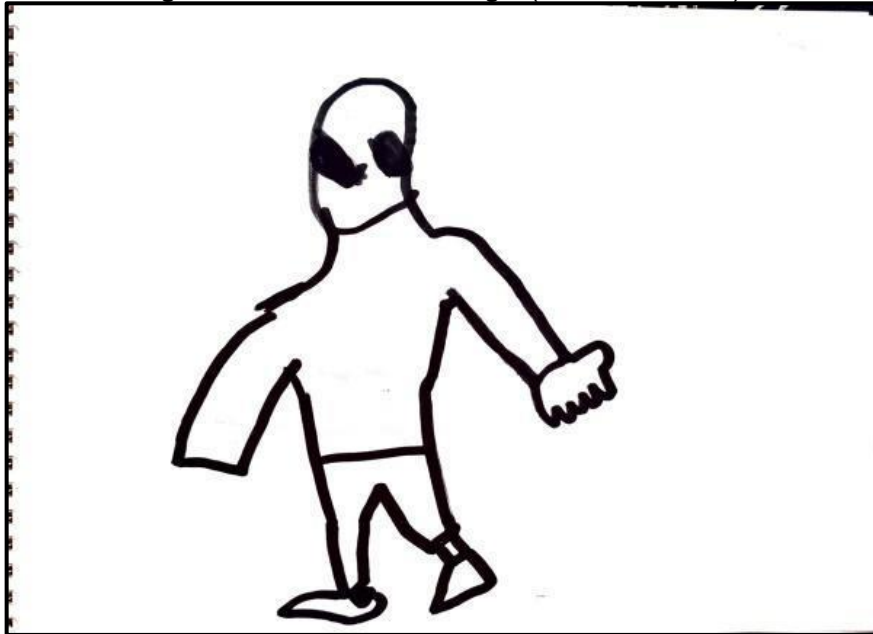
Figura 86 – Na sequência: Grinch, Orange, abóbora sorrindo e Azul Babão (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No desenho 7, ele conta que seguiu instruções de um “cara” através do Youtube. A figura é um mangá (figura 87). Pergunto pela outra mão do boneco. Ele fala quase gritando que esqueceu; como quem diz: como posso ter esquecido?; em seguida fala rindo que o homem que ele desenhou estava coçando a axila e soltou a mão, que o boneco esqueceu a mão na axila. Sonic criou uma pequena história para justificar não ter desenhado a mão do boneco. Quando pergunto quem é, ele afirma que não sabe. Como aponta Derdyk (2020, p. 65), “A criança, ao se tornar o intérprete do seu próprio desenho, demonstra o seu potencial de recriar significações, num jogo contínuo entre o real, o percebido e o imaginário”.

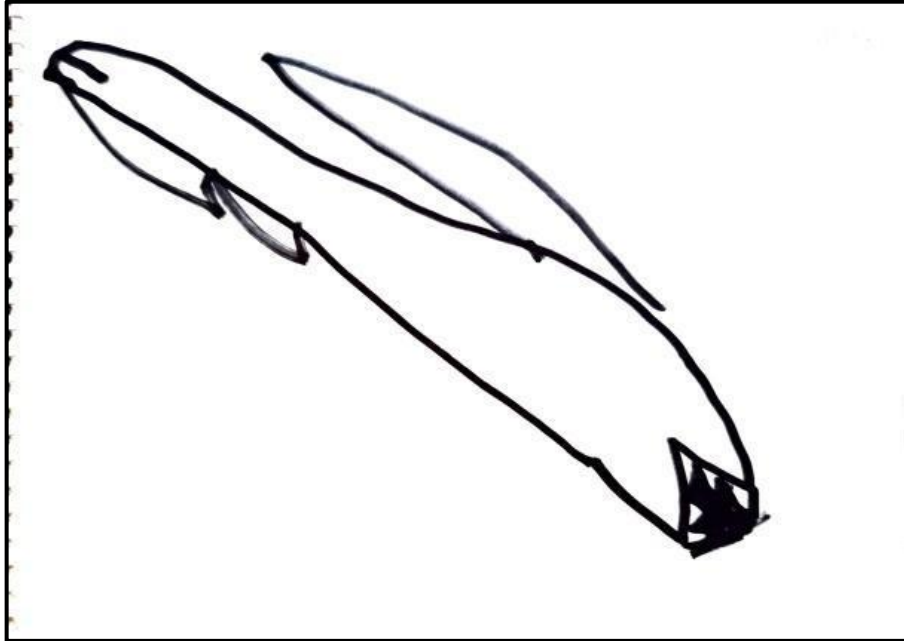
Figura 87 – Boneco mangá (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

E seu último desenho do dia foi um tubarão (figura 88). Conta, entusiasmado, que é um tubarão mutante; que fica na terra e na água. Quando pergunto se esse tubarão existe, ele fala que acha que não, pois todos os tubarões que existem moram na água.

Figura 88 – Tubarão mutante (Sonic, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Pude observar que Sonic aparenta ser uma criança que consome bastante os conteúdos midiáticos. Seus desenhos trazem com abundância os personagens dos jogos e desenhos animados que estão presentes em sua vida diária. Mais uma vez saliento a necessidade de um olhar mais atento por parte da escola e famílias (responsáveis pela criança), no sentido de se apropriar desses conteúdos, para que possamos orientar melhor nossas crianças sobre suas escolhas.

A publicidade percebeu o poder que têm as mídias no universo infantil - aqui estou falando dos filmes, desenhos animados e games, sobre a formação do pensamento e construção de identidades. Dessa forma, ela transforma as crianças em potentes consumidoras. Para Barbosa e Gomes (2013, p. 339), a publicidade cria:

[...] uma grande quantidade de produtos que levam as crianças, cada vez mais, a serem consumistas não só do desenho, mas de tudo o que vem com ele. A publicidade alcançou um patamar tão grande dentro da cultura infantil que passa a se apropriar do desenho animado para expandir uma grande quantidade de mercadorias relacionadas ao desenho, mexendo com os sentimentos e os desejos infantis.

Alguns dos brinquedos favoritos do Sonic são bonecos e jogos de cartas derivados dos seus filmes e desenhos que assiste. Além da questão do consumismo, também existe toda uma cultura por trás de um personagem de um desenho animado ou de um jogo. Há características de personalidade, ideologias e outras coisas mais

que formam um caráter, que ditam comportamentos. Daí a enorme relevância desse tema.

4.1.4 Daniele

Figura 89 – Daniele desenhando.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No primeiro encontro, Daniele usou apenas uma folha de desenho. Ela gosta de fazer formas humanas. Desenhou-se junto com a mãe (figura 90) – que ganhou um cabelo bem grande, volumoso e todo colorido, apesar do cabelo da mãe não ser colorido na vida real. Fez uma pilha de roupas que, segundo ela, são da mãe, e ela pretende doar. Mostrou-se tímida na hora de gravar o áudio. Falou muito pouco, mesmo já estando acostumada comigo. Nas nossas rodas de conversa com a turma toda, ela sempre participa, dá opiniões, faz perguntas, não tem vergonha de se expressar.

Figura 90 – Minha mãe e eu (Daniele, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No segundo encontro, ela desenhou em duas folhas. No desenho 1 representou a tia, que mora perto da sua casa. Em seu grafismo, podemos observar a linha de base, o corpo da figura quadrada. Ela diz que a tia tem o cabelo colorido; que gosta muito da tia; que tem dois primos, filhos dessa mulher. Pergunto por que ela resolveu desenhar a tia, e a resposta: “porque, né, ela tem filhos”. Ela descreve: ela tem o pescoço grande e dois cabelos pretos para combinar com a roupa (figura 91).

Figura 91 – Minha tia (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No desenho 2, ela fala que fez seu autorretrato, o sol e as nuvens chovendo. Visivelmente, representou-se com a farda da escola, enfatizando as cores laranja e amarela e o símbolo da prefeitura; falou que gostava muito da escola e o que mais gostava de fazer na creche era desenhar. Quando ela desenha, a mãe e a tia sempre estão com um cabelo bem grande e colorido. Diferente de quando ela se desenha; nesse caso o cabelo é mais curto e menos volumoso (figura 92).

Figura 92 – Autorretrato (Daniele, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Suponho que ao representar graficamente as mulheres da família com cabelos longos e volumosos, Daniele esteja trazendo uma característica da tradição religiosa evangélica presente em sua vida. Sarmiento (2011, p. 10) nos coloca que “Os desenhos são, de algum modo, formas de exploração do real e processos constitutivos da sua compreensão”.

No terceiro encontro, Daniele fez quatro desenhos. No desenho 1, ela fez a tia (não sei se é a mesma desenhada antes, pois no encontro anterior ela não diz o nome dessa tia). Fala que é a tia, a terra e o dinheiro que a tia está pagando pela terra (figura 93). Neste encontro, ela fala o nome da tia, diz que ela está de calça comprida para ir ao culto, e que ela vai com toda a sua família para a igreja “até a avó vai junto”. Pergunto se gosta de ir à igreja com a família: balança a cabeça que sim e em seguida diz que ama fazer tarefa.

Figura 93 – A tia com seu dinheiro pagando a terra (Daniele, 4 anos)

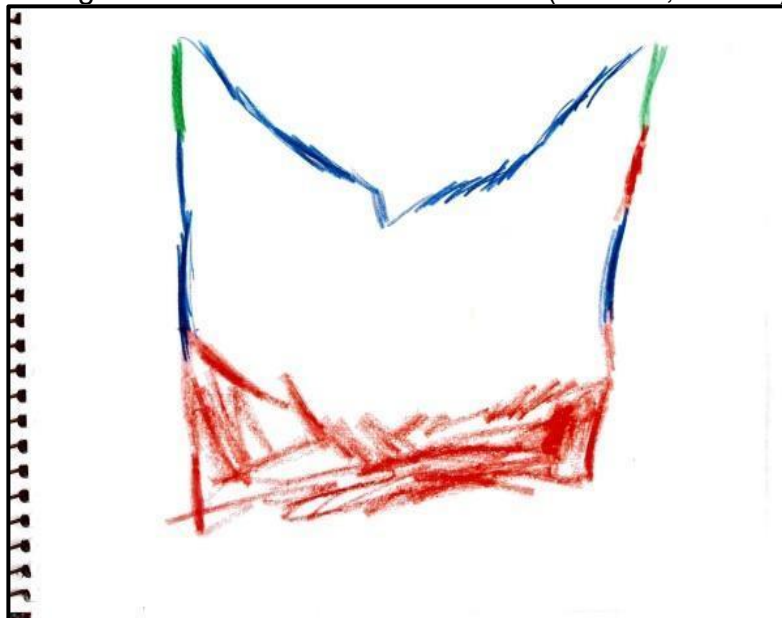


Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No desenho 2, ela fez a bandeira do Fortaleza, clube de futebol da cidade de Fortaleza, no Ceará e fala as cores da bandeira (figura 94). Conta que a prima é torcedora desse clube, e ela torce para o Ceará, outro clube de futebol da cidade de Fortaleza. Conta que o pai ama futebol, que todos os dias ele assiste a partidas, que o time preferido do pai também é o Ceará. Relata que a mãe torcia para o Fortaleza e agora mudou: torce para o Ceará também. No desenho 3, fez a bandeira do Brasil (Figura 95). No desenho 4, fala que é a outra tia (figura 96). Mais uma mulher da família sendo representada com o cabelo bem comprido. Ela a representa com os

braços bem abertos, como se estivesse prestes a dar um abraço em alguém, e com o vestido cheio de corações vermelhos. Diz que gosta dessa tia, que também vai ao culto com eles.

Figura 94 – Bandeira do Fortaleza (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 95 – Bandeira do Brasil (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 96 –Tia (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No oitavo encontro, Daniele criou dois desenhos. No desenho 1, mostra o irmão e ela, que está de gigolé na cabeça (figura 97). Quando pergunto se ela gostou de se desenhar, ela responde que sim. No desenho 2, ela se representa como bailarina (figura 98). Conta que está fazendo aulas de ballet - e que gosta muito de dançar e depois ainda vai para a natação. Pergunto se ela faz aula de natação também, responde que não, que irá fazer depois; revela que deseja muito aprender a nadar. Então ela narra que a mãe sabe nadar porque, quando era criança, a avó pagava aulas de natação para ela.

Figura 97 – Daniele e o irmão (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 98 – Autorretrato (Daniele, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Nos dois desenhos, ela fez apenas os bonecos e nada mais. Mesmo a temática do dia sendo autorretrato, ela traz o irmão, mostrando o valor afetivo por ele. Revela algo que gosta muito de fazer, que é a dança, mas também conta sobre um desejo que ainda irá realizar, que é o sonho de aprender a nadar. Acho bonito ela falar da importância da avó para mãe. E seu desejo agora é que sua mãe também faça o mesmo com ela. Os costumes e tradições familiares parecem ter muita importância para Daniele.

Daniele demonstra ser uma menina muito ligada à família, principalmente à sua mãe. Em seus desenhos, a figura materna quase sempre marca presença. Percebo que ela é uma criança que brinca mais de brincadeiras tradicionais, como o faz de conta, com elementos da natureza - pois tem a sorte de ter um quintal em sua casa, onde se diverte com o irmão. Mostra também uma ligação afetiva com sua família estendida, quando relata sobre suas tias, e que todos vão ao culto juntos.

Considero a temática “Quem sou eu” muito relevante para se trabalhar na escola, independente da faixa etária. Para essa pesquisa foi muito importante começar com esse assunto, já que a proposta era falar de si. As crianças abraçaram a ideia e apresentaram muitos elementos constitutivos de suas histórias pessoais.

Analisando as narrativas orais e gráficas me certifiquei da potência do desenho como meio de acesso ao pensamento infantil. Destaco também sobre a relevância da abordagem autobiográfica; para isso trago a reflexão da Passeggi (2021), que nos afirma que quando narramos e refletimos sobre nossa própria história,

estamos dando sentido às nossas experiências de vida. As narrativas autobiográficas têm um poder (auto)transformador sobre os sujeitos.

No geral, pude perceber que todas as crianças do grupo em questão pertencem a famílias no modelo tradicional; todos vivem com pai, mãe e irmãos mais velhos. Cascão e Daniele mostraram que têm mais o hábito de brincar com os irmãos. Já Sonic e Amy Rose, quando estão em casa, brincam mais sozinhos, provavelmente devido à diferença de idade dos irmãos mais velhos. Apesar de Sonic ter contado que gosta muito de brincar com games e assistir aos desenhos animados que trazem a temática de luta e agressividade presente, ele se mostra uma criança tranquila e amorosa; na sala de aula, nunca chegou a tentar resolver seus conflitos através da agressividade. Percebo que há uma certa preocupação por parte de sua mãe com os conteúdos que ele consome, pois em uma de suas narrativas, ele diz que a mãe o proibiu de jogar determinado jogo porque ele se comportou mal, e que não tem idade para esse jogo ainda.

4.2 Temática 2: Minha família (4º encontro)

4.2.1 Cascão

Na roda de conversa, Cascão nos apresentou a foto da sua família. Falou o nome de todos. Sua família é composta por pai, mãe e três filhos. Ele é o caçula. Interessante que, quando vai falar o nome da mãe, ele diz que pode chamar de “tia Maria”. Estou usando um outro nome para preservar a identidade de sua mãe. Pergunto qual a profissão do pai; ele diz que trabalha com o amigo dele. Pergunto o que eles fazem e responde que tocam na missa - tocam baixo e bateria. E a mãe trabalha em casa, fazendo comida.

Na hora de falar sobre o desenho, ele apresenta a primeira ilustração como sendo o pai, numa folha, sozinho (figura 99). No desenho 2, ele mostra a família e diz que todos estão vestidos de frutas (figura 100). Não disse se usou a fruta preferida de cada um para representá-los. Cascão usou a cor marrom pra representar o abacate, o irmão mais velho. A cor vermelha é a maçã, seu pai; e a mesma cor para se representar, dizendo que é a maçãzinha. Amarelo é a banana, sua mãe. Azul, uva, o outro irmão. E, como de costume, fez as formas humanas com o corpo quadrado e cabeças arredondadas.

Figura 99 – Meu pai sozinho (Cascão, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 100 – Minha família vestida de fruta (Cascão, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Cascão não me explicou por que resolveu usar cores e nomes de frutas para desenhar sua família. Talvez essa família tenha com a alimentação uma relação de encontro, cuidado e afeto. Tenham momentos de convivência ligados pela alimentação. Talvez tenham o costume de comerem juntos à mesa. Cascão já revelou muitas vezes que a mãe cozinha e que gosta da comida dela.

Diante dos desenhos infantis, é preciso ter humildade, e muitas vezes abdicar da necessidade de encontrar uma explicação linear para o que a criança quis comunicar. Corroborando com o pensamento do Sarmiento (2011, p. 19), que nos propõe que:

[...] As crianças não reproduzem linearmente as formas percebidas que emanam desses contextos de socialização, interpretam-nas, ressignificam-nas e atribuem-lhes formas plásticas próprias que advêm do seu olhar particular sobre o mundo. O estudo dessas formas compósitas e híbridas é necessária para interpretar os desenhos como objectos simbólicos.

Dar nomes de frutas a cada membro da sua família pode ser que seja uma forma simbólica de caracterizá-los, de dar uma identidade singular a cada um.

Outro detalhe interessante que vejo nesse desenho da família do Cascão é o fato dele pintar da mesma cor, vermelho, ele e o pai, e usar a mesma fruta para os dois. Durante o ano letivo de 2023, quase sempre, quem vinha deixar e buscar ele na creche era seu pai. E eu sempre achei muito encantador a forma como ele tratava seu filho, com muito carinho. Todas as vezes, esse pai o deixava com um abraço e um beijo, e repetia a mesma ação na saída, quando vinha pegá-lo. Quando vejo Cascão dizendo que ele é a maçãzinha e o pai a maçã vejo a ligação afetiva de carinho e amor entre os dois.

4.2.2 Amy Rose

Amy Rose, sempre muito simpática, mostra a foto da família na praia, em frente a uma jangada, que não é a do pai. Conta que mora com seus pais e dois irmãos, e diz o nome de todos. Fala que o pai é pescador e a mãe trabalha fazendo pastel. A mãe dela tem uma venda de lanches. Amy Rose faz, em seu desenho da família, uma reprodução da fotografia que trouxe.

Nesse dia, ela fez três desenhos. O primeiro desenho é da família dela (figura 101), o qual desenhou muito parecido com a fotografia. Na segunda ilustração, ela trouxe novamente o tema dos personagens de jogos. Mais uma vez eu percebo que, quando Sonic está presente, ela é influenciada por sua amizade, e acaba desenhando algum dos personagens que Sonic desenha ou costuma falar. No segundo desenho, Amy Rose conta que fez um menino que morreu e virou Huggy Wugg (figura 102), e que está com uma faca e uma espada na mão. Pergunto de qual

jogo é esse personagem e ela responde que é do Roblox. Pesquisando na internet, vi que ele faz parte de um game de terror chamado Poppy Playtime. Seu desenho se aproxima muito da figura original (figura 103).

Essa pesquisa tem colaborado para que eu entre mais em contato com o universo das crianças da era digital; e confesso que isso tem me deixado perplexa e preocupada com os impactos que esses conteúdos poderão causar nas crianças e adolescentes. Fazendo uma pesquisa na internet, verifiquei que a música inspirada nesse jogo traz frases assustadoras de terror: “dentes que te deixaram ensanguentados” e “abraçar até morrer” (Canguru News, 2022). O personagem já virou bicho de pelúcia e está sendo comercializado com muita popularidade aqui no Brasil.

Figura 101 – Minha família (Amy Rose, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 102 – Menino que morreu e virou Huggy Wuggy (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 103 – Figura original do Huggy Wuggy.



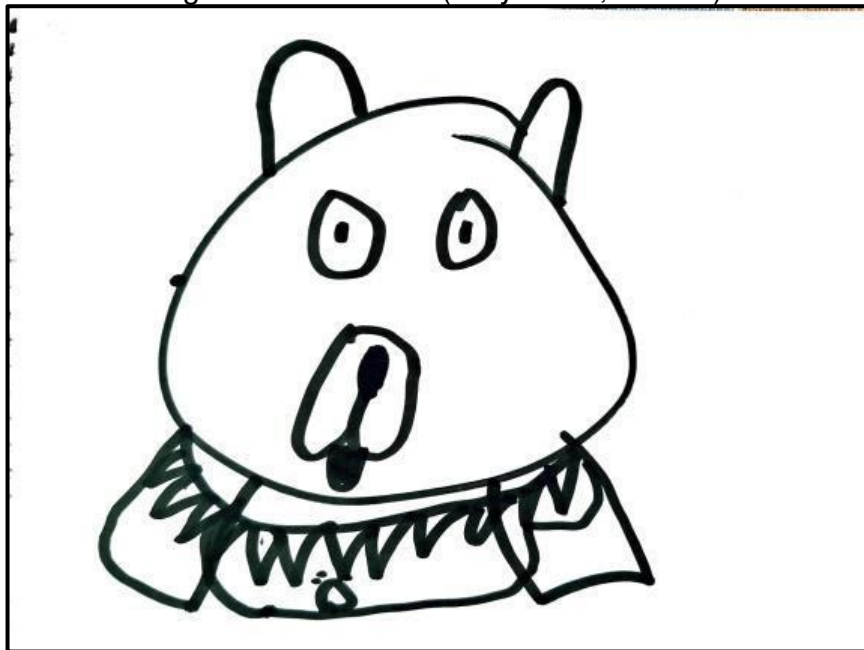
Fonte: Canguru News (2022).

Pergunto se ela gosta do jogo, se já jogou, onde viu. Amy Rose responde que não conhece, nunca viu o jogo, que não sabe jogar. Observo que ela desenha

esses bonecos por causa da amizade, por influência do Sonic. Em nenhuma das nossas conversas ela chegou a contar se tem um dos irmãos que jogue esses jogos.

Em seu terceiro desenho, ela traz o Pitbull, a mesma figura que havia na jangada da foto com a família (figura 104). Talvez ela tenha o desejo de ter um cachorro. Essa jangada não era a do pai, não era de nenhum conhecido, porém o cachorro desenhado chamou sua atenção.

Figura 104 – Pitbull (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Amy Rose aparenta ser uma criança feliz e muito amada por sua família. Ela não falou muito sobre seus irmãos. A amizade é algo muito valioso para ela, e seu afeto pelo amigo Sonic se manifesta com bastante frequência em suas produções.

4.2.3 Sonic

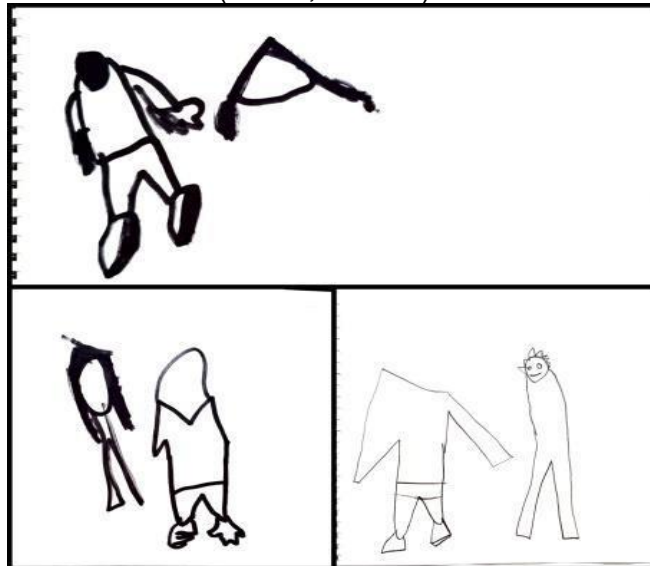
Nesse encontro, Sonic mostra uma foto da família passeando no shopping. A família é formada pelo pai, mãe e dois filhos, ambos meninos. Pergunto pela profissão do pai ele responde que o pai “trabalha no trabalho mesmo”, não sabe explicar o que o pai faz. E a mãe, ele diz que não trabalha em nada, logo em seguida fala que ela faz costuras. Conversei com a mãe dele e ela me disse que não sabe costurar, que a avó do Sonic é que trabalha costurando. Ela, a mãe, trabalha em casa

cuidando dos filhos e da casa. Talvez, Sonic entendeu que ao dizer que a mãe não faz nada isso a diminuísse; e então resolveu criar uma profissão para ela.

Importante observar aqui a primeira revelação da criança, de que sua mãe não faz nada; essa é uma percepção da sociedade machista-patriarcal, que olha para o trabalho doméstico e de cuidado dos filhos como uma coisa menor, sem valor econômico, portanto, que não é considerado trabalho. A criança está reproduzindo um valor que aprendeu com a família ou com o meio onde vive. Outra percepção sobre as falas do Sonic nessa conversa é o porquê dele não saber dizer em que o pai trabalha. Os adultos subestimam as crianças, deixam de conversar muitos assuntos, por achar que não é assunto para elas, que não vão entender.

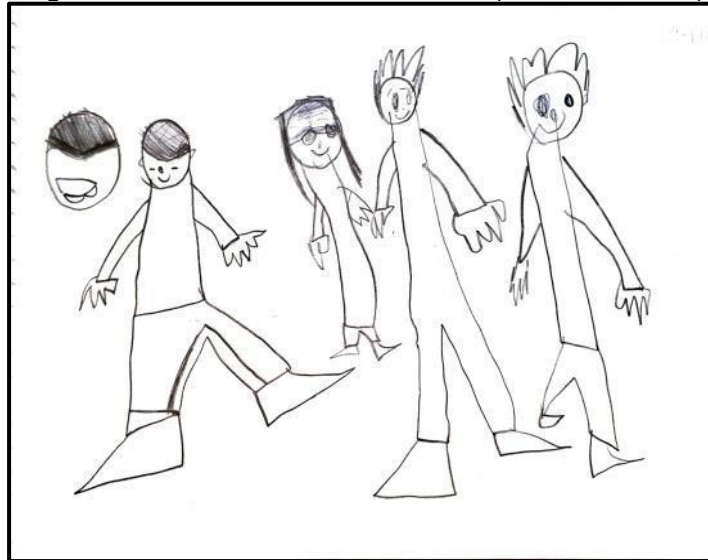
Nos três primeiros desenhos Sonic, fala que não conseguiu fazer o que queria (figura 105): diz que fez grande demais, que ficou torto. Então, pergunto se ele precisava de uma folha maior para desenhar; ele diz que sim. Sonic conta que depois de algumas tentativas malsucedidas, por fim conseguiu; no quarto desenho, ele representa toda sua família (figura 106). Apresenta cada um e salienta que seu irmão tem 12 anos.

Figura 105 – Tentativas de desenho da família
(Sonic, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 106 – Desenho da família (Sonic, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Sonic aparenta ser uma criança muito bem cuidada e amada por sua família. Não comenta muito sobre seu irmão. Ele tem uma forte ligação de amizade com Amy Rose: sempre estão brincando juntos na sala de aula. Durante as sessões de desenho, ele procurava sentar ao lado dela, e conversavam bastante enquanto desenhavam. Mostra-se um menino comunicativo, possuidor de um rico vocabulário, inteligente e meigo.

4.2.4 Daniele

Daniele mostra a foto da família, formada pelo pai, mãe, irmão e ela. Ela diz o nome de todos. Na foto, eles estavam no shopping. Daniele diz que tinham ido comprar um ventilador, pois o deles estava travando, e que tomou sorvete.

Nesse dia, Daniele não quis gravar áudio falando sobre seus desenhos. Ela fez três representações. Primeiro, desenhou a família (figura 107). Deixou dois bonecos incompletos, na figura que acredito que seja seu irmão, pois tem o cabelo curto e é um dos bonecos menores; ele está representado pela cor preta e está sem pernas. Um dos bonecos grandes deve ser sua mãe, pois ela fez algo que parece um vestido, e o outro boneco grande tem cabelo pequeno. O que talvez seja sua mãe também está incompleto, pois não tem cabelo, braços, olhos e boca. Nas outras duas folhas, também rabiscou bonecos faltando alguma parte do corpo (figuras 108 e 109).

Figura 107 – Minha família (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 108 - Desenho sem identificação (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 109 - Desenho sem identificação (Daniele, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Nessa temática, todas as crianças desenharam suas famílias e falaram um pouco sobre elas. Mas não deixaram de fazer outros desenhos, e o tema dos personagens midiáticos dessa vez não veio pelas mãos do Sonic, e sim de Amy Rose, que desenhou uma figura de um game.

Em uma percepção geral, considero que todas as crianças demonstram ter uma família que honra seu dever de cuidadora, que ama e educa seu/sua filho/a com atenção e carinho. Levando em consideração a significância do papel da família na vida de um ser humano, compactuo com as autoras Silva, Nunes, Betti e Rios (2008, p. 222), que assim definem:

Dentre todos os diferentes ambientes sociais em que o indivíduo se encontra inserido ao longo do seu desenvolvimento, o ambiente familiar é visto como poderoso agente primário de socialização, que influencia não só a formação da personalidade, como também as motivações, além de ser responsável em transmitir valores, crenças e normas de uma cultura. (p. 222)

As autoras traduzem a relevância do papel da família na formação pessoal de um sujeito. Um ambiente familiar saudável é fundamental para que a criança possa crescer e desenvolver todo seu potencial.

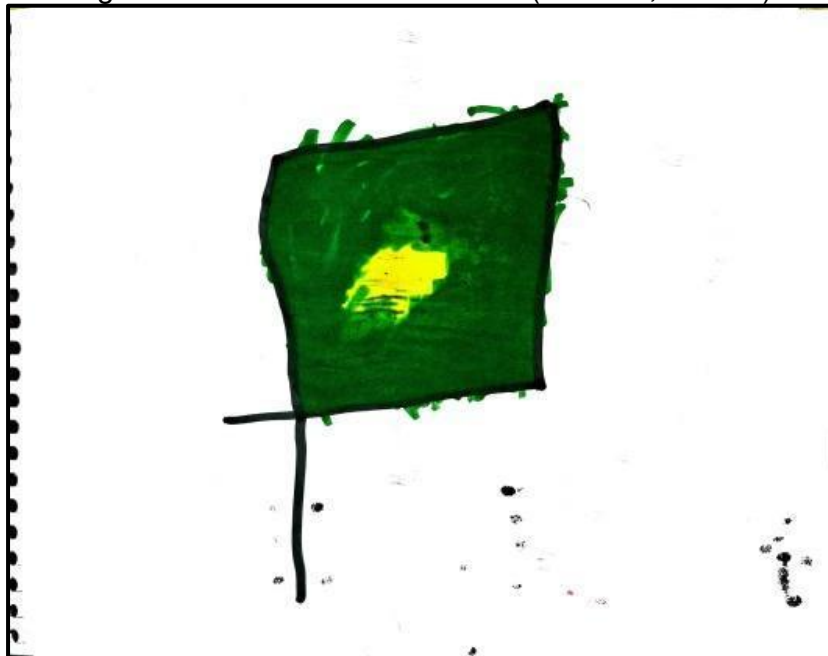
4.3 Temática 3: Brinquedos e brincadeiras preferidos (5º e 6º encontro)

4.3.1 Cascão

No quinto encontro, falamos sobre as brincadeiras preferidas. A do Cascão é jogar futebol com os irmãos no quintal de casa. Conta que tem dois quintais; um com pedras; o outro, plano. Às vezes, o pai também joga junto com os filhos. Cascão comentou enquanto desenhava com os amigos que a família estava sem carro, pois estava no conserto. E que, por isso, eles estavam indo para o supermercado caminhando, e a mãe tinha vindo deixá-lo na escola caminhando.

Nesse dia, Cascão fez quatro desenhos. Duas bandeiras do Brasil (figuras 110 e 111) e dois planetas Terra (figuras 112 e 113). Não desenhou sua brincadeira preferida e não falou dela quando fomos gravar o áudio. Posso depreender que essas duas bandeiras são referências à sua brincadeira favorita; quando ele desenha bandeiras, sempre está falando de futebol. Em um dos desenhos do planeta Terra, o que coloriu, ele fala o nome de alguns países.

Figura 110 – Bandeira do Brasil (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 111 – Bandeira do Brasil (Cascão, 4 anos)



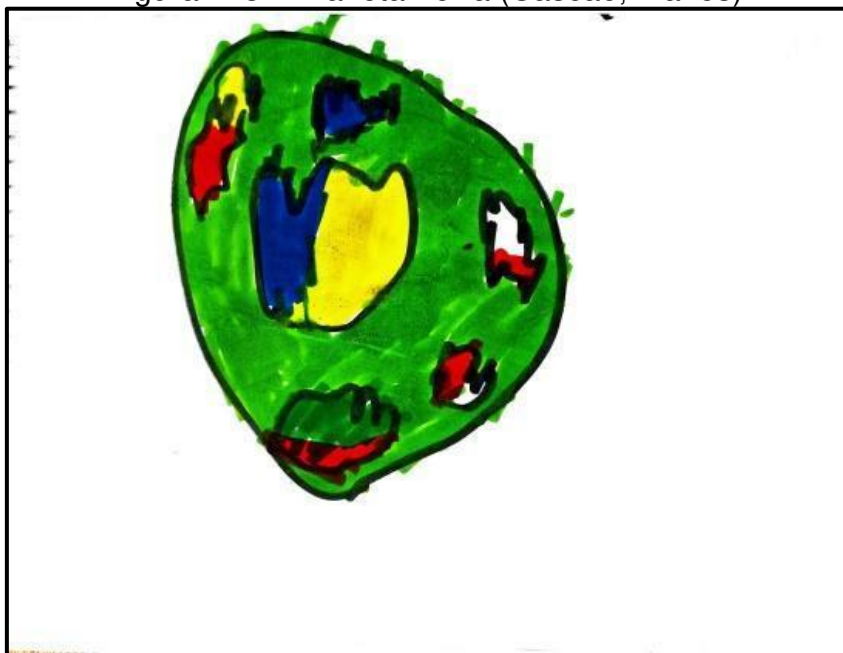
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 112 – Planeta Terra (Cascão, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 113 – Planeta Terra (Cascão, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No sexto encontro, no qual conversamos sobre o brinquedo preferido, Cascão trouxe uma bola, pois com ela ele pode brincar de futebol. Na roda de conversa, quando foi apresentar seu brinquedo, ele também citou algumas regras do jogo de futebol, mostrando que conhece como funciona. Na hora de gravar o áudio conversou muito pouco: apenas disse que tinha feito duas bandeiras do Brasil (figuras 114 e 115), e uma delas tem estrelas, segundo ele. Provavelmente a bandeira representa sua brincadeira e brinquedo, pois ela representa a seleção brasileira de futebol.

Figura 114 – Bandeira do Brasil (Cascão, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 115 – Bandeira do Brasil (Cascão, 4 anos).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 116 – Cascão desenhando



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Cascão traz em seus traçados muitos elementos de sua vida. Podemos perceber que vem de uma família predominantemente masculina, que gosta muito de futebol e seus integrantes costumam brincar juntos, ter momentos ricos de convivência em família. Para uma criança tímida como ele, o desenho possibilita uma ponte de acesso a suas histórias. O ateliê de desenho foi muito importante para que Cascão desenvolvesse mais sua comunicação. Hoje o vejo como uma criança bem mais comunicativa que antes. Como afirma Goldberg (2016, p. 24):

[...] o desenho, que nasce nos primeiros rabiscos de uma criança, se jamais interrompido, contribui fortemente para uma série de aprendizados cognitivos, afetivos, culturais e sociais, além de ser uma fonte de comunicação única, singular e rica em informações sobre a criança e seu mundo.

Através do desenho, pude conhecer mais sobre o Cascão, sobre sua história, seus costumes, sua brincadeira predileta, hábitos familiares. Percebo que nosso vínculo ficou mais forte e ele passou a se sentir mais confiante e á vontade para dialogar comigo e com a turma nos momentos de roda de conversa coletiva.

4.3.2 Amy Rose

No quinto encontro, conta que sua brincadeira favorita é brincar de esconde-esconde com os amigos no parque de areia da creche. Nesse dia, ela fez cinco desenhos. Sobre o primeiro, diz que é “uma cara segurando outra cara”, e a brincadeira de esconde-esconde (figura 117); diz que Sonic está contando e ela e Cascão escondidos. Cascão não aparece no desenho - ela diz que ele tá escondido. No segundo, fez “a bandeira do Brasil que tem no supermercado Atacadão” (figura 118). O terceiro desenho é um cachorro fantasiado de flor (figura 119). Pergunto o nome dos cachorros de pelúcia dela. Um é Beethoven e o outro não tem nome. Diz que só tem “cachorro de urso” (cachorro de pelúcia). A quarta ilustração traz o cachorro de pelúcia dela (figura 120). Sobre a última figura, ela conta que é um cachorro bravo (figura 121).

Figura 117 – Brincadeira de esconde-esconde (Amy Rose, 4 anos)



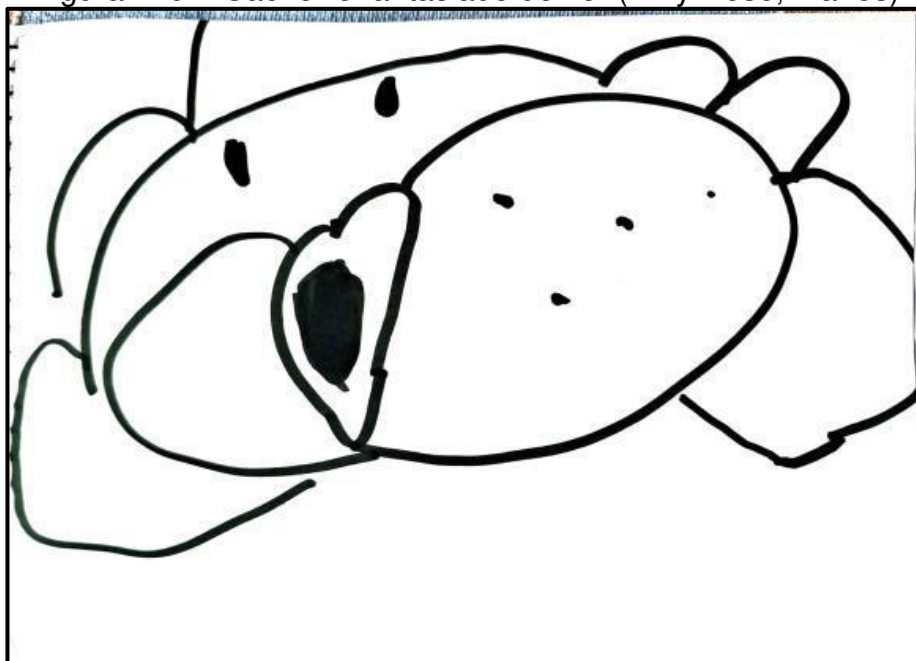
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 118 – Bandeira do Brasil (Amy Rose, 4 anos)



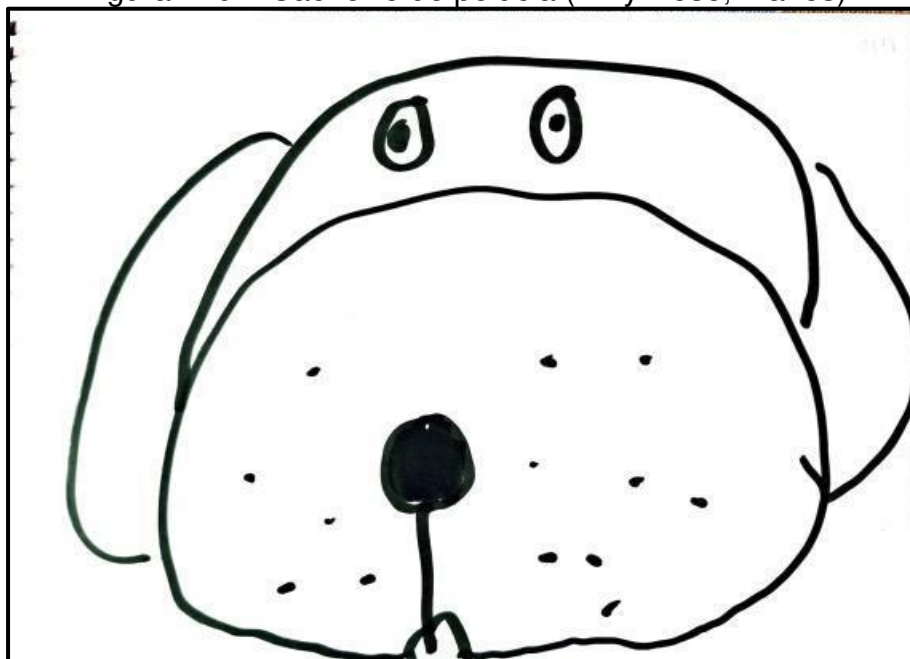
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 119 – Cachorro fantasiado de flor (Amy Rose, 4 anos)



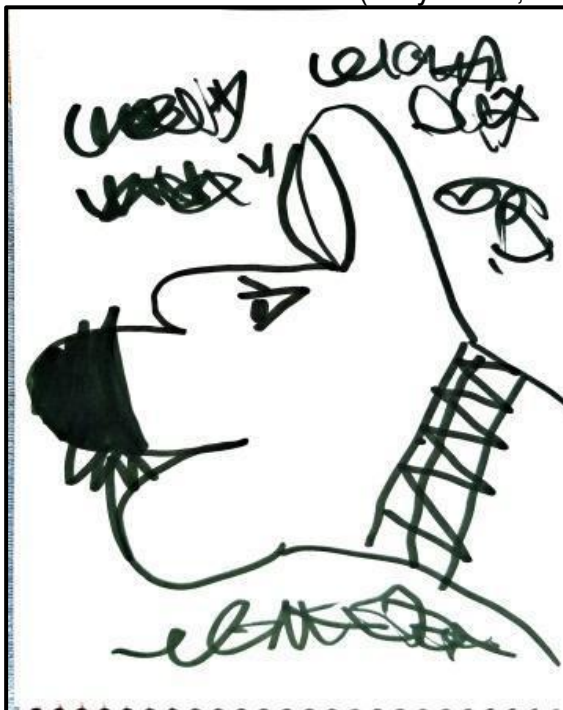
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 120 – Cachorro de pelúcia (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 121 – Cachorro bravo (Amy Rose, 4 anos)



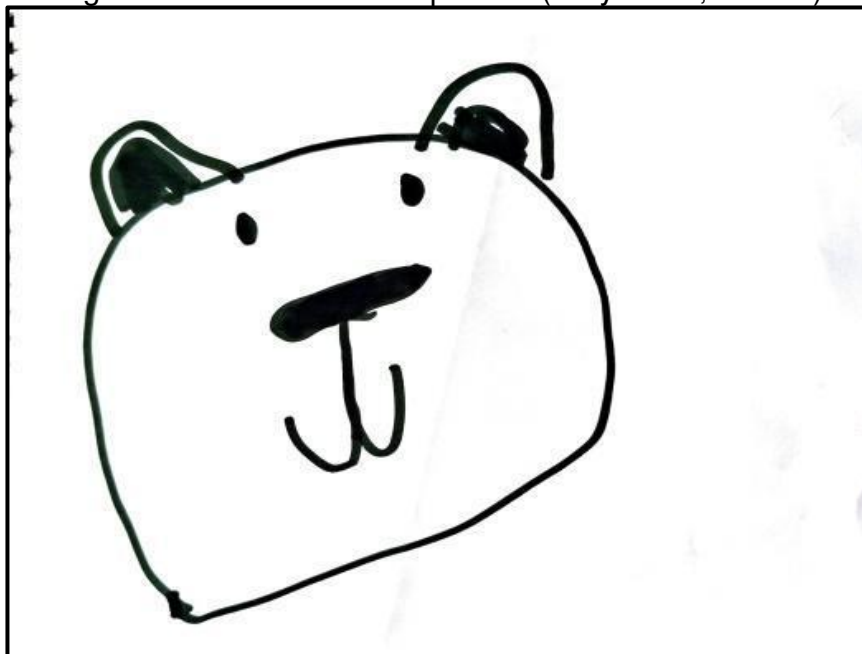
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Nesse desenho do “cachorro bravo”, é importante observar que Amy Rose utiliza uma “grafia” que parece imitar o latido do cachorro. Como ela descreveu o animal de forma a dizer que ele estava bravo, é provável que esteja tentando fazer uma representação do som do latido. De acordo com Castell (2012) a criança costuma

utilizar esse recurso de onomatopeia quando já está na fase da alfabetização. De fato ela já está entrando nesta fase de sua vida escolar.

No sexto encontro, Amy Rose diz que seu brinquedo favorito é um cachorro de pelúcia: o nome dele é Beethoven. Relata que sua vizinha tem um cachorro de verdade, que tem esse mesmo nome. Fala que brinca sozinha com seus brinquedos, pois seu irmão não brinca com ela - ele gosta de jogar no celular. Ela fez cinco desenhos nesse dia. No desenho 1, fez o cachorro de pelúcia. Revela que esse cachorro pertencia ao irmão, mas que ele deu pra ela (figura 122). Diz que brinca com o pai às vezes.

Figura 122 – Cachorro de pelúcia (Amy Rose, 4 anos)

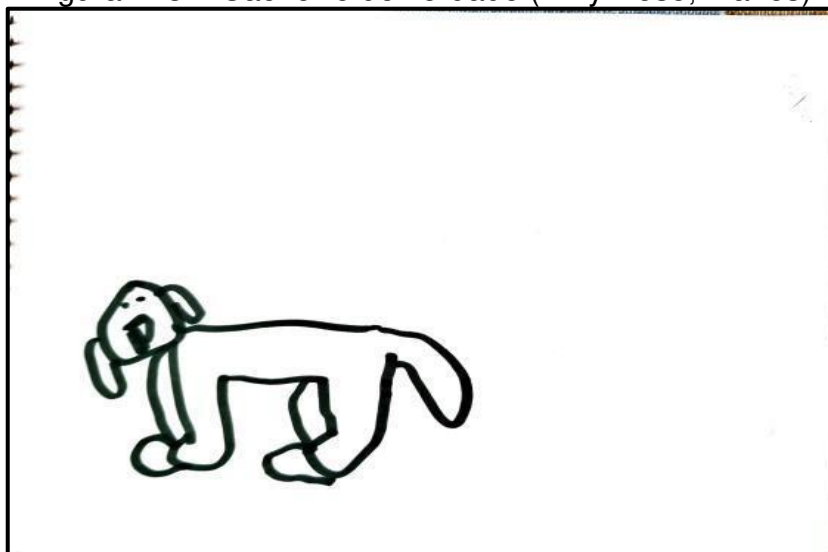


Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Sobre o 2, fala que é um cachorro de verdade (figura 123). No desenho 3, fez o “Homem-Aranha”³⁶ pegando um vampiro (figura 124). Quando pergunto se ela já viu o filme do Homem Aranha, ela diz que é filme de gente grande, e que ela ainda não assistiu. No desenho 4, faz o Azul Babão forte (figura 125) e sobre o desenho 5, diz que é “uma cama-carro em forma de rato” (figura 126), e que há um menino dormindo nela. Pergunto se ele vai viajar nessa cama-carro, ela diz que sim, e que esse carro anda sozinho, sem precisar de condutor, e que não tem volante.

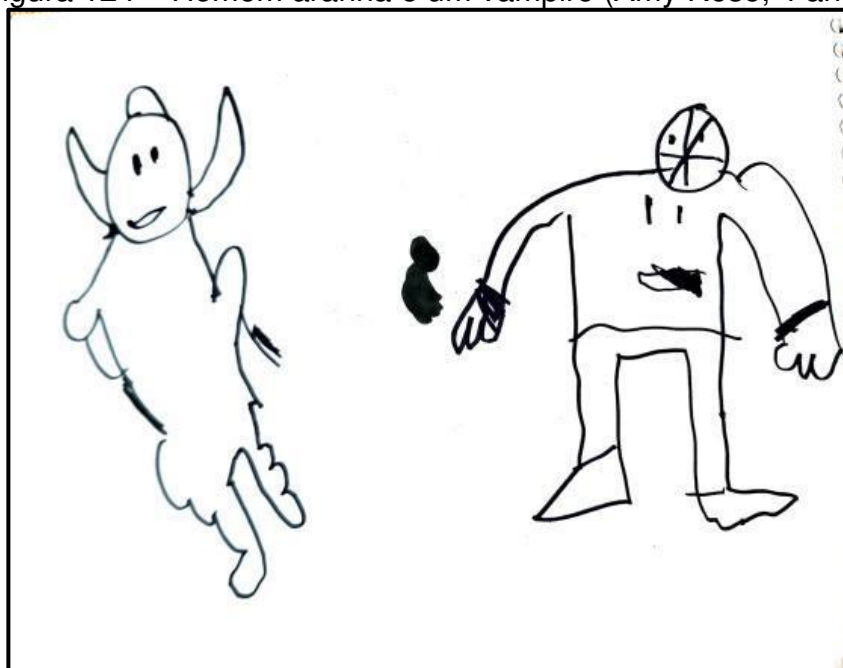
³⁶ O Homem Aranha é um super-herói das revistas em quadrinhos publicadas pela Marvel Comics (Wikipédia, [2024p]).

Figura 123 – Cachorro de verdade (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 124 – Homem aranha e um vampiro (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 125 – Azul Babão (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 126 – Cama-carro em forma de rato (Amy Rose, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Amy Rose desenhou seu brinquedo e sua brincadeira preferidos, como foi sugerido. Ficou evidente que ela gosta bastante de desenhar cachorros, apesar de não ter um de verdade - tem apenas de pelúcia. Mais uma vez ela desenhcou personagens de desenhos, mas disse que não assiste e não conhece. Achei bastante

criativo seu último desenho, a “cama-carro em forma de rato”. Amy se mostra uma garota muito criativa, seus desenhos geralmente me surpreendem. A capacidade de imaginar é uma característica humana importante, pois graças a ela criamos uma nova realidade, construímos e inventamos. Para Derdyk (2020, p. 80)

A capacidade de imaginar é de suma importância para o conhecimento, incluindo o científico. Imaginar é projetar, é antever, é a mobilização interior orientada para determinada finalidade antes mesmo de existir a situação concreta. A imaginação possui uma natureza visionária, detectando a intencionalidade contida na ação humana.

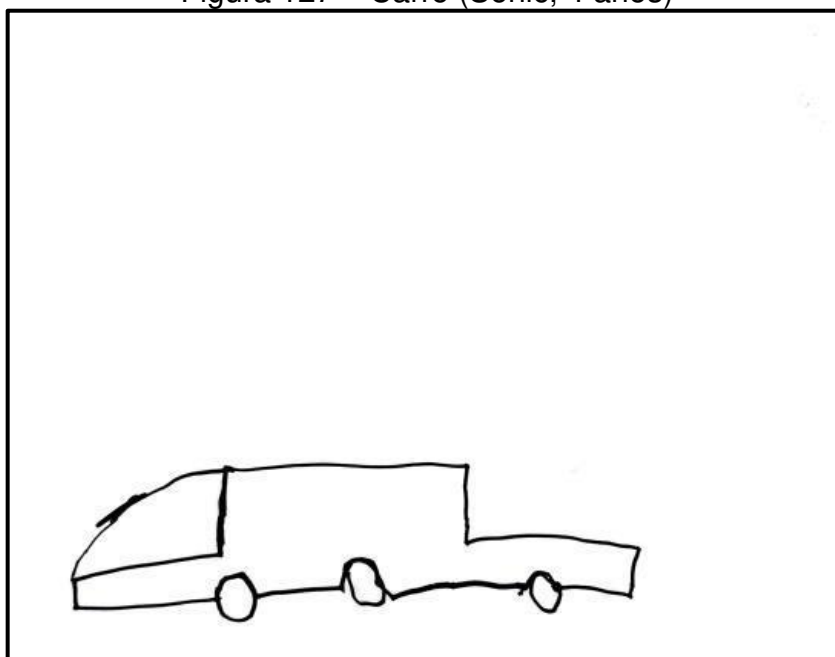
O desenho infantil nos dá essa possibilidade de desenvolver a capacidade imaginativa na criança; habilidade necessária para muitos outros processos psíquicos.

4.3.3 Sonic

Sonic não veio no quinto encontro, mas veio no sexto, e na roda de conversa ele conta que seu brinquedo preferido é jogo da memória. Ele nos mostrou seu jogo; disse que é dos Vingadores e do Pokémon. Contou que brinca com a família, os pais e o irmão. Diz que seu irmão, que tem 10 anos, gosta mais de ficar no tablet, jogando Free Fire. Contou também que possui um celular. Percebo, por suas narrativas, que Sonic e seu irmão brincam muito com jogos eletrônicos.

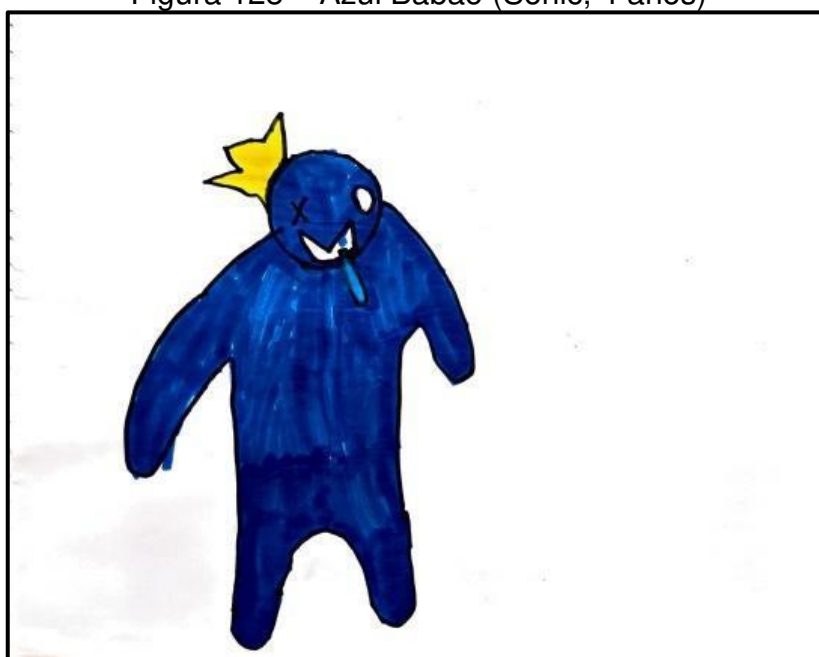
No desenho, ele fez um carro (figura 127); o Azul babão (figura 128); e a bandeira da Argentina (figura 129). Pergunto por que ele gosta tanto de desenhar esse personagem - ele diz “é porque ele é do jogo Roblox”; que ele gosta muito de jogar esse jogo, porque tem vários desafios e “tem vários modos, tem até de nadar, de virar tubarão, golfinho e tudo mais”. E que desenhou a bandeira da Argentina porque foi ela que fez um gol e não o Brasil. E que simplesmente gosta da Argentina.

Figura 127 – Carro (Sonic, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 128 – Azul Babão (Sonic, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 129 – Bandeira da Argentina (Sonic, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Pude inferir, mais uma vez, a partir das produções do Sonic, que a cultura dos desenhos animados e games é bem presente no seu dia a dia. Até mesmo seu brinquedo predileto, o jogo da memória dos Vingadores e do Pokémon, é um subproduto derivado dos filmes que assiste. O Azul Babão continua aparecendo com frequência em suas narrativas gráficas. A história de terror e mistério desse personagem chama a atenção do Sonic e instiga sua fantasia imaginativa.

Ressalto a importância de se acompanhar, e não proibir, os conteúdos das mídias que as crianças consomem. Compreendo que esse universo contribui para que a criança desenvolva a imaginação e a fantasia. Sou de acordo com a ideia sustentada por Boynard (2005), sobre a influência da televisão, de que:

[...] a relação das crianças com a televisão constitui-se um espaço para o desabrochar do lúdico, que por sua vez servirá bem para as interações, descobertas, investigações que a televisão como maior fonte moderna de informação permite mais democraticamente alcançar, e servirá também, através da brincadeira que é para a criança, que esta elabore angústias de perda, de morte, de solidão quando ingressa no mundo da fantasia. Muito além de confundir ficção e realidade, auxilia a criança no desenvolvimento intelectual e emocional (Boynard, 2005, p. 289).

A autora menciona a TV, porém penso que podemos aplicar a mesma reflexão ao mundo dos games também. Devemos levar em consideração que a forma como o mundo moderno vem se estruturando contribui fortemente para que crianças

e adolescentes passem mais tempo em frente às telas que interagindo com seus pais ou irmãos. Então, é importante reconhecer suas contribuições, e aceitar que não temos como isolar as crianças dessas ferramentas. Destaco que o tempo de exposição e o acompanhamento dos conteúdos que essas mídias ensinam devem ser mediados pela família e pela escola.

4.3.4 Daniele

No quinto encontro, na nossa conversa inicial, Daniele diz que gosta de brincar de “mãe e pai”, com as bonecas e o irmão. Tem um quintal na casa dela, mas é pequeno; já morou em outra casa, onde tinha um quintal maior. Contou que a mãe trabalha vendendo jornais e o pai fica em casa cuidando deles e fazendo a comida. Fez dois desenhos nesse dia. No primeiro, fez o quintal dela (figura 130); disse que “é grande e pequeno”. Perguntei o que havia no seu quintal e ela relatou que tem brinquedos, tem coisas velhas, mas que ela e o irmão brincam mesmo assim lá, e que brincam com as coisas da natureza. Tem areia e algumas plantas também; e tem uma bandeira do Brasil. Disse que brinca de pega-pega e esconde-esconde no quintal. O segundo desenho é a bandeira do Brasil (figura 131), a que fica no seu quintal.

Figura 130 – O Quintal (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 131 – Bandeira do Brasil (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Como é importante a escuta atenta da narrativa da criança, pois olhando para o desenho da Daniele eu não conseguiria extrair tanta informação sobre sua vida e o que pretendia representar. Provavelmente veria apenas algumas formas geométricas e rabiscos, ao invés do seu quintal e seus brinquedos. Como aponta Sarmiento (2011, p. 19):

[...] Poder acompanhar o acto de elaboração do desenho ou captar as opiniões expressas pelas crianças sobre as suas próprias produções plásticas pode contribuir para uma maior compreensão dos significados atribuídos e fazer convergir dois registos simbólicos, aliás nem sempre coincidentes. O desenho e a sua fala são co-constitutivos de um modo de expressão infantil cujas regras não são as mesmas da expressão adulta.

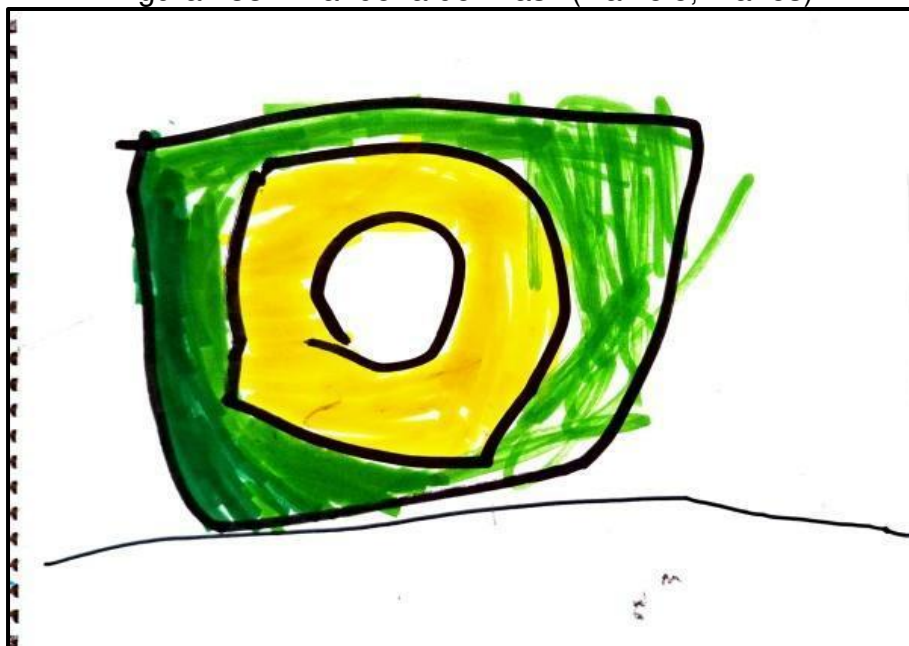
No sexto encontro, Daniele nos contou que seu brinquedo preferido é a boneca Barbie e que o cabelo dela é loiro. Diz que sua boneca tem roupas, quarto, cozinha etc. A mãe dela comprou a boneca no Dia das Crianças. Desenhou a boneca dela, que brinca “em um corredor de chuva” (figura 132). Falou que sua Barbie tem trabalhadores e um cachecol. No segundo desenho ela fez a bandeira do Brasil (figura 133). Pergunto se ela gosta do país em que vive: responde que sim, e relata que o país é muito grande e dá para passear.

Figura 132 – Boneca no corredor de chuva (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 133 – Bandeira do Brasil (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Considero essa temática “brinquedos e brincadeiras preferidos” um terreno muito fértil para se acessar o universo infantil. Ao falar sobre eles, as crianças sentem-se à vontade e confiantes para se expressar. Foi possível encontrar informações significativas de suas histórias, sua cultura, seu cotidiano, saber do que e como brincam. Algumas crianças têm uma interação maior com seus pais e irmãos em casa,

brincam juntos; enquanto uma delas fica evidente que passa mais tempo interagindo com as tecnologias. Porém, quero ressaltar que o fato de que, apesar de assistir a muitos desenhos que exibem cenas de violência e jogar jogos que também trazem esse tema, essa criança não apresenta traços de violência ou agressividade; muito pelo contrário, se mostra um menino afetuoso e muito amoroso com seus amigos na sala de aula.

4.4 Temática 4: Minha escola (7º encontro)

Nesse dia apenas Cascão e Daniele vieram. Pensei em adiar, mas uma vez que o tempo para a realização desta pesquisa era muito pequeno, não seria possível outra data. Foi um dia com novos desafios, pois começou a chover na hora em que começamos nossa roda de conversa. Tivemos que parar e transferir tudo para o pátio coberto e enfrentar o barulho, que é mais intenso nesse outro espaço.

Nesse encontro a creche estava toda enfeitada, pois decidimos fazer uma festa de *Halloween* para as crianças. Por meio dos desenhos e filmes, elas conhecem e absorvem muitos conhecimentos de outras culturas. O *Halloween* é muito falado entre as turmas. Por isso, decidimos realizar a festa. Então, lançamos a proposta de virem todos fantasiados e as toparam, animadas.

Desenhei junto com as crianças nesse encontro; e também contei para elas, narrando a partir de meu desenho, o que mais gosto na creche – que é o parque de areia. Amo muito o momento do parque, pois gosto de ver a alegria das crianças ao se conectarem com a natureza, quando pisam na areia com os pés descalços, quando fazem comidinhas com areia, pedrinhas e folhas ou quando criam suas brincadeiras com seus amigos, livremente. Meu desenho é esse logo abaixo (figura 134).

Figura 134 – Parque de areia (Josy)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

4.4.1 Cascão

Perguntei para as crianças o que mais gostavam na escola. Cascão falou que era a explicação da professora, de aprender muitas letras e de brincar. Nesse dia, ele fez três desenhos: no desenho 1, ele descreve um quadrado que é a sala de aula – nele, está a professora com os alunos (figura 135). Nessa representação, a gente pode observar claramente a professora próximo à lousa branca, as crianças sentadas no chão, como costumamos ficar nas nossas rodas de conversa e, ao lado, ele desenhou o parque (de onde dá para ver nossa sala, pois as paredes são todas muito baixas). Ele fala que gosta de brincar de cachorrinho no parque.

Figura 135 – Professora na aula com os alunos (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

No segundo desenho, ele fez um circo e um palhaço (figura 136), e conta que o palhaço estava demorando muito a se apresentar. Pergunto o que mais ele gosta no circo, e responde que são as brincadeiras. No terceiro desenho, ele fez o parque da creche (figura 137). Usou as cores reais da casinha, e ele descreve que pintou a casa de cinza, os pneus coloridos, que lá tem areia, e tem um pula-pula. Falou que gosta muito de brincar na casinha do parque.

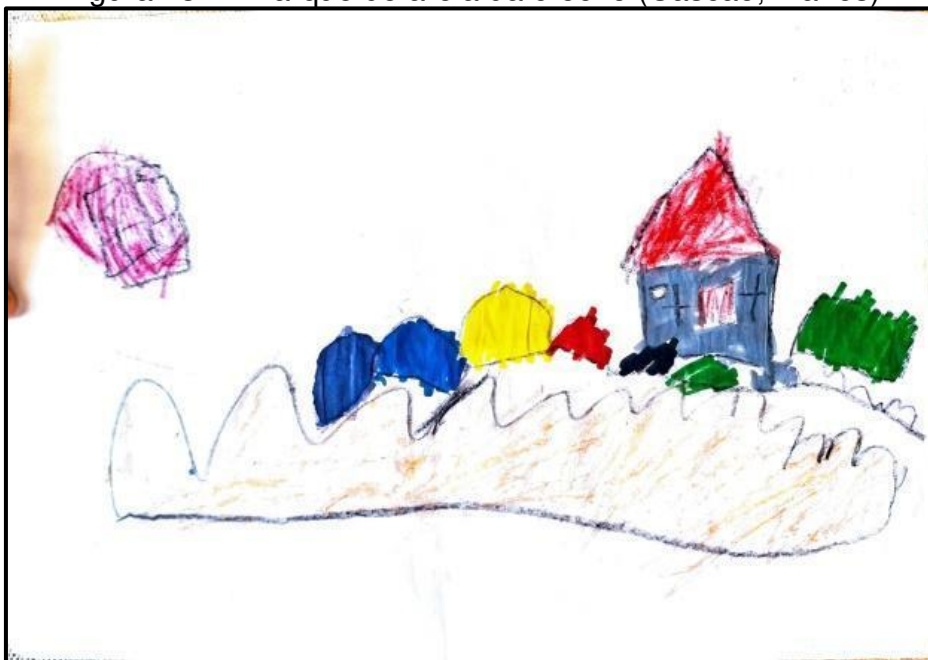
Cascão demonstrou que gosta da escola, da professora, do que aprende nesse ambiente, da interação com a turma. Nota-se que ele considera a escola parte importante e prazerosa da sua rotina diária. Enquanto professora, considero muito gratificante saber que ele tem uma visão positiva da creche que estuda; isso reflete diretamente o meu trabalho pedagógico, que estou conseguindo atingir meu objetivo, que é transmitir conhecimento e educar de forma que a criança tenha prazer ao aprender.

Figura 136 – Circo (Cascão, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 137 – Parque de areia da creche (Cascão, 4 anos)



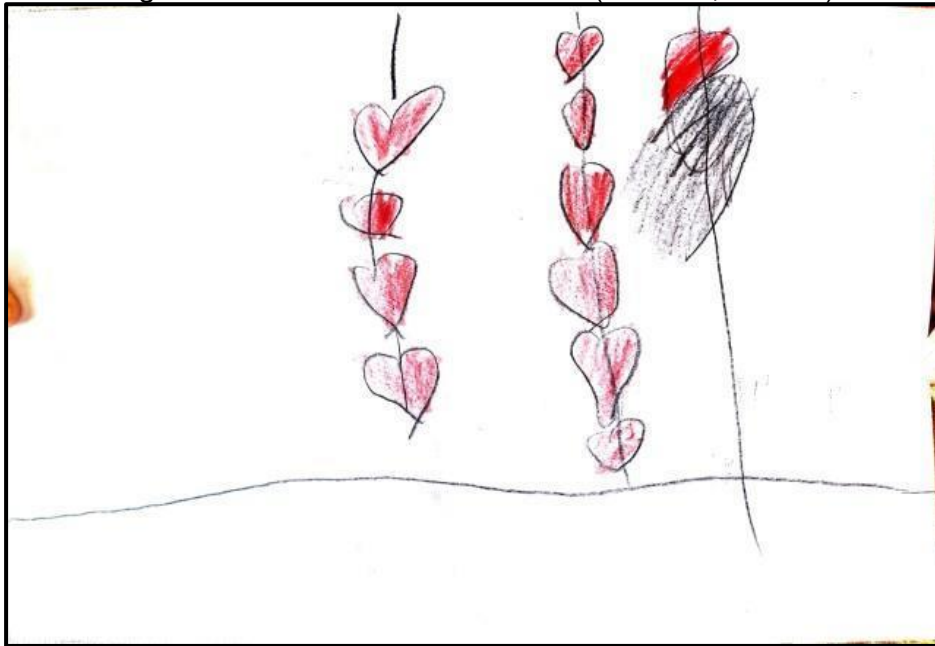
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

4.4.2 Daniele

Durante nossa conversa inicial, ela narrou que o que mais gostava na escola era brincar e desenhar. No seu primeiro desenho, Daniele fez uma linha de base e três linhas com corações na vertical. Ela diz que esses corações são a festa

de *Halloween* (figura 138). Perguntei se era a decoração da festa: ela balança a cabeça que sim. E pergunto se ela gosta dessa festa, ao que ela responde com um olhar triste: “Minha mãe não deixa eu dançar, então eu não vou”. A família de Danielle frequenta uma igreja evangélica cuja doutrina não é permite dançar nesse tipo de festa. Perguntei se a mãe dela explicou por que ela não poderia dançar na festa: respondeu que é porque ela é da igreja.

Figura 138 – Festa de *Halloween* (Daniele, 4 anos)

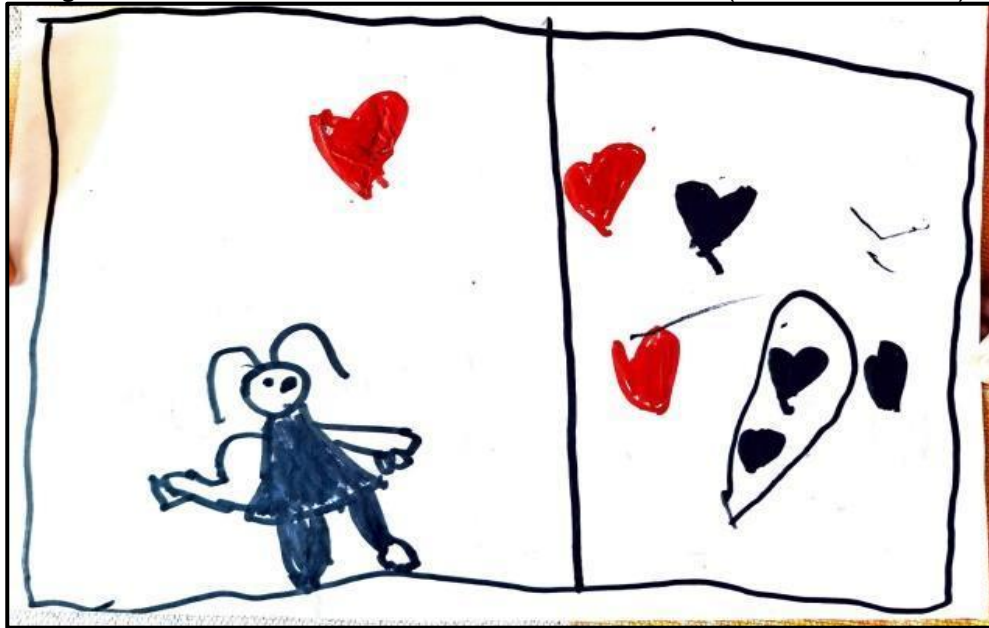


Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Sempre que fazemos alguma festa na creche, comunicamos às famílias e as deixamos livres para levar ou não a criança no dia, pois respeitamos a liberdade de crença e seus costumes.

No segundo desenho Daniele fez um quadrado com uma linha dividindo-o ao meio. Em um dos lados, desenhou a mãe com um coração vermelho; e no outro lado fez vários corações em preto e vermelho, que ela disse ser a festa de *Halloween* (figura 139).

Figura 139 – Minha mãe e a festa de *Halloween* (Daniele, 4 anos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Uma representação muito significativa sobre seu sentimento com relação a essa proibição imposta pela família. Temos no desenho uma oportunidade da criança expressar como se sente em relação aos costumes e tradições nas quais está inserida. Como bem pontua Staccioli (2014, p. 100):

A linguagem gráfico-artística representa para a criança o que a escritura narrativa ou poética representa para o adulto. Com a diferença que se trata de uma linguagem que não precisa ser apreendida “antes”. Mesmo porque, ninguém sabe como se desenhavam os pensamentos ou as reflexões em torno de uma experiência, ou que cores têm as emoções e as percepções...

A tristeza que transparecia ao falar que não poderia ir à festa e que não poderia dançar me cortou o coração – uma bailarina que não pode escolher o que quer dançar. Nesse segundo desenho, mostra a mãe e a proibição na linha que separa a festa e a mãe. A genitora é uma figura forte e querida para Daniele: ela demonstra que a ama, com um coração no lado do quadrado que tem a mãe; mas a linha mostra um conflito, na minha percepção, entre o que ela queria fazer, que era ir à festa e dançar, e a obediência à mãe.

4.5 Encerramento

O intuito desse momento de encerramento foi somente agradecer e me despedir com carinho desse grupo de crianças participantes da pesquisa. A intenção foi de criar uma experiência de pintura livre, e um momento para convivermos e conversarmos com tranquilidade sobre como foi para elas ter experienciado o ateliê de desenho e contar suas histórias. Logo abaixo, trarei as pinturas realizadas no dia, para apreciação (figuras 134, 135, 136 e 137). Não foram gravados áudios nesse encontro. Abaixo trago alguns registros desse dia.

Figura 140 – Pinturas das crianças. Na sequência: Cascão, Amy Rose e Daniele.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Figura 141 – Amy Rose pintando no encontro de encerramento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Figura 142 – Daniele pintando no encontro de encerramento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Figura 143 – Cascão pintando no encontro de encerramento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

A sensação que surge com esse encerramento é a de que consegui atingir os objetivos propostos desta pesquisa. Considero muito acertadas as escolhas das temáticas: todos foram temas muito relevantes e tiveram uma boa aceitação pelo grupo. As crianças produziram um número significativo de desenhos, e tanto trouxeram narrativas gráficas oriundas das propostas, como surgiram temas novos pertencentes a seus universos culturais.

O desenho se apresentou como uma porta de acesso para adentrar nos mundos particulares das crianças. Goldberg (2016, p. 29) ilustra com propriedade que, através das narrativas de vida conjugadas com o desenho, a criança “[...] produz suas subjetividades e singularidades, elementos essenciais para a formação humana e para a constituição de si”.

Com as narrativas orais e gráficas, as crianças nos revelam informações valiosas sobre suas histórias; os contextos onde vivem; como moram (tipo de moradia); como é formada sua família; como é a interação entre elas; em que culturas infantis estão imersas. Contaram sobre seus desejos; sonhos; elaboraram invenções desenhadas; enfim, um mundo rico e criativo. Saí desses encontros com uma visão ampliada sobre cada uma delas. Para constatação de todas essas informações, me amparei na abordagem (auto)biográfica, adotada aqui nesta pesquisa; pela qual pude

comprovar a grande potência do desenho e suas narrativas na formação pessoal desses sujeitos em desenvolvimento.

Por meio da abordagem (auto)biográfica, as crianças têm a oportunidade de desenvolver sua autonomia e autoria da própria história de vida; como pontua Sarmiento (2018, p. 127) “a investigação com narrativas biográficas vem apresentar-se como contracorrente, reafirmando o valor dos sujeitos biográficos como co-construtores, e não só objeto, de conhecimento científico”. Saliento que as crianças participaram de forma ativa, como sujeitos que contam sobre si mesmos. Ao narrar-se processos mentais fundamentais são ativados, como memória e reflexão, que contribuem para o desenvolvimento, formação pessoal e construção da nossa identidade.

Enquanto professora da Educação Infantil, pude perceber a grande relevância desta pesquisa, pois a partir das narrativas (auto)biográficas pude conhecer um pouco mais sobre os contextos sociais e culturais em que as crianças, desse grupo de pesquisa, estão inseridas; com isso é possível desenvolver um trabalho pedagógico contextualizado com suas realidades. Para uma aprendizagem ser significativa, o conteúdo precisa fazer sentido para quem aprende – tem que partir de seus ambientes sociais. Pensando a um nível macro, dessa forma, a escola estará contribuindo para a construção de um projeto social que atenda às necessidades reais de cada grupo, em seus múltiplos e diversos contextos.

5 “PODE UMA MULHER ENRIQUECER A NATUREZA COM A SUA INCOMPLETUDE?”³⁷ - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta dissertação falando de partida e despedida. As despedidas podem indicar um fechamento de ciclo, término de uma jornada, finalização de algo. Chegou o momento de me despedir desta pesquisa, pois ela tem um prazo para acabar, segundo os protocolos acadêmicos; mas quero dizer que minhas investigações sobre o desenho infantil e suas narrativas (auto)biográficas seguirão o seu curso, de outras formas, nas minhas explorações diárias, junto com as crianças na sala de aula. E quem sabe elas tenham uma continuidade acadêmica em um possível doutorado.

Antes de seguir rumo às conclusões finais, farei um breve resumo de todo o percurso que fiz até aqui, nesta pesquisa. Comecei este trabalho contando parte da minha história de vida, especialmente no que tange à minha relação pessoal com o desenho, da presença/ausência dele da infância à vida adulta. Assim como o “Pequeno Príncipe” conta na frase que eu trago no texto da introdução, eu fui encorajada a abandonar o meu desenho. Com exceção da minha querida mãe, que procurou me estimular a desenhar quando criança, a escola e a cultura formal tentaram me convencer que a aprendizagem da língua escrita era mais importante que a linguagem visual, que a racionalidade fica em primeiro lugar, em detrimento das nossas emoções e das linguagens artísticas.

Contando a minha história, descobri-me pesquisadora; e, para tal, adotei uma postura teórico-metodológica que enfatiza a narrativa (auto)biográfica como forma de dar autonomia ao sujeito pesquisado, bem como contribuir para sua formação pessoal na construção da própria identidade. Essa abordagem, conjugada com o desenho, mostrou-se como uma porta de entrada para o universo da criança, uma forma de acessar seu mundo e suas narrativas.

Importante lembrarmos o objetivo geral desta pesquisa que era “investigar como a linguagem do desenho pode contribuir para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil a fim de identificar como elas

³⁷ A frase que dá nome às considerações finais foi retirada do livro “Poesia completa” do Manoel de Barros. (Barros, 2010, p. 322). Na frase original consta “Homem” ao invés de “Mulher”, porém tomo a liberdade poética de modificar, Homem por Mulher, por essa dissertação ser escrita por uma mulher.

contam suas histórias de vida”. Para atingir esse objetivo, precisei seguir algumas etapas, que representam a trajetória percorrida até os resultados. Cada etapa desse processo se constituiu nos meus objetivos específicos.

No primeiro deles, eu procurei conhecer e compreender como se desenvolve a linguagem do desenho das crianças na Educação Infantil e suas contribuições para a constituição de si. Isso aconteceu por meio de um levantamento bibliográfico, no qual pesquisei e estudei sobre alguns dos principais autores que se debruçaram sobre o tema; dentre eles Lowenfeld e Brittain (1997); Derdyk (2020); Meredieu (2000); Goldberg (2016, 2017 e 2019), Iavelberg (2013) entre outros.

Seguindo o percurso, o segundo passo - que é meu segundo objetivo específico - foi desenvolver estratégias e/ou situações que oportunizaram as narrativas de si das crianças através do desenho, conjugadas com a oralidade. Para isso o ateliê de desenho foi construído e, em cada encontro, tivemos temas geradores como partida, para termos um guia sobre aonde queríamos chegar.

Finalmente, o último objetivo específico foi identificar os elementos (auto)biográficos que emergiram das linguagens orais e gráficas, a partir do ato de desenhar, e que revelou aspectos das histórias de vida das crianças da Educação Infantil. A seguir, conto como foram estruturados os capítulos deste trabalho.

No capítulo dois, eu exponho a fundamentação teórica, que subdividi em três partes. No subitem 2.1, apresento uma reflexão sobre a importância da arte na educação e na vida. Apesar de fazerem parte do currículo escolar, as linguagens artísticas acabam sendo tratadas como conteúdos menos importantes a serem trabalhados com os educandos. Porém, pude constatar que por meio das linguagens artísticas encontramos formas de significar e dar sentido à nossa existência.

Partindo para o subitem 2.2, faço uma investigação a cerca do desenho infantil, seu desenvolvimento gráfico e sobre a relevância dessa forma de expressão para as crianças pequenas em especial: elas que ainda não desenvolveram o sistema de aprendizagem da língua escrita e que têm no desenho uma forma de comunicar suas ideias e se posicionar diante do mundo e de mostrar suas percepções e a forma como elaboram suas experiências de vida.

Seguindo para o subitem 2.3, dialogo sobre a abordagem (auto)biográfica, aprofundando-me através dos estudos de importantes autoras como Goldberg (2016), Passeggi (2014, 2021) e Delory-Momberger (2008). Gostaria de revelar que essa metodologia mostrou sua potência e significância desde o momento em que eu tive

que escrever meu memorial de vida para tentar a seleção do mestrado Profartes/UFC; pois senti na pele o grande poder (auto)transformador de tecer um olhar para nossa própria história. Posso dizer com propriedade que narrar sobre minha trajetória me fez dar uma importância maior à mulher que sou hoje e ao caminho que percorri até aqui. E com as crianças participantes dessa pesquisa, pude observar mudanças significativas de comportamento, como foi o caso do Cascão, que se mostrava tímido e calado antes da pesquisa de campo, e que passou a ser mais desinibido e seguro ao se expressar.

O assunto abordado no capítulo 3 foi sobre a metodologia e a pesquisa de campo. Aprofundei as discussões em torno da abordagem (auto)biográfica, e especifiquei quais instrumentos foram utilizados para construção dos dados deste trabalho, que foram os desenhos e narrativas orais das crianças, o Diário de Itinerância (Barbier, 2002) e registros fotográficos. Neste capítulo, detalho como e onde foi montado o ateliê de desenho, como foram os encontros e as temáticas trabalhadas. Exponho os desafios enfrentados por uma professora da Educação Infantil, no caso eu, que trabalha em uma escola pública pertencente à Rede Municipal de Fortaleza-CE, na construção desse espaço de expressão.

O ateliê não aconteceu como planejei inicialmente. O espaço que havia sido acordado com a coordenadora da creche, infelizmente, não pode mais ser utilizado. Então, tive que improvisar um espaço temporário. Por esse motivo a cada encontro eu perdia muito tempo no processo de organizar o ambiente para os encontros acontecerem. Meu desejo era que essa ideia pudesse se fixar como um espaço para as outras turmas poderem usufruir posteriormente com a mesma intenção, ou seja, um local pensado exclusivamente para as crianças poderem desenhar. Apesar das dificuldades de espaço, excesso de barulho e tempo corrido, acredito que meus objetivos foram atingidos.

Com relação ao número de sujeitos participantes da pesquisa, o meu desejo seria poder realizar os encontros com toda a turma, mas por várias questões que já relatei aqui, tive que escolher um número reduzido de seis crianças. Foi feito um convite a cada uma – e quero deixar claro que a liberdade de escolha da criança foi respeitada - e em seguida pedi o consentimento dos responsáveis (pais e mães). Para isso, foi assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um Termo do Uso da Imagem. Também tive a intenção de construir um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as crianças, porém infelizmente não foi

possível fazê-lo: a questão do tempo foi um fator que me impediu; trabalhar 40h e pesquisar sem nenhuma licença ou redução de carga horária é um ato de ousadia, é uma corrida contra o tempo para conseguir dar conta de todas as responsabilidades assumidas.

Durante a pesquisa de campo, as crianças produziram um volume grande de desenhos e não tive condições de analisar todos no curto espaço de tempo de um mestrado. Por isso, tive que selecionar um número menor ainda de participantes. O grupo seguiu o mesmo até o último encontro, porém as produções analisadas foram de apenas quatro crianças. As crianças que mais trouxeram narrativas (auto)biográficas e se mostraram assíduas aos encontros foram as analisadas. Quero deixar uma crítica sobre o número de alunos/as por turma que são matriculados/as nas salas de educação infantil. O fato é que são 20 crianças para apenas um professor/a atender, tornando-se uma tarefa muito difícil desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade. Dessa forma, fica impossível ofertar uma escuta atenta e sensível para ouvir as histórias das crianças, promover uma educação de qualidade bem como acolher esse público em toda sua complexidade.

Caminhando para o capítulo 4, trago as narrativas orais e gráficas das crianças e minhas análises e percepções sobre as mesmas. Os encontros foram muito ricos. As crianças acolheram com empatia cada tema gerador que propus. Fizeram desenhos relacionados, mas também surgiram muitos outros temas que elas trouxeram durante os momentos de desenho. Pude observar que as crianças conversavam o tempo todo enquanto desenhavam, contavam situações triviais do seu dia a dia, desde partidas de futebol a revelações de conflitos internos como foi o caso de Daniele, que falou com tristeza que não poderia dançar na festa de *Halloween* porque sua religião não permitia.

Ficou evidente para mim que a conexão emocional presente entre as crianças foi um fator de influência, pois alguns desenhos se repetiam, mesmo elas não conhecendo a figura desenhada. Foi o caso da Amy Rose que repetiu o desenho do Azul Babão algumas vezes, mesmo dizendo que não conhecia o jogo ao qual esse personagem pertence. Ela e Sonic cultivam uma amizade profundamente afetuosa e forte e o contato através dos pares também influencia na construção imaginária infantil. Acredito que por isso ela repetia o mesmo desenho até quando seu amigo não estava presente; pois, na verdade, esse era um dos personagens favoritos do Sonic, quem de fato conhecia o jogo Roblox e o desenho em questão.

A bandeira do Brasil também foi outra figura que se repetiu bastante, em mais de um encontro, e por quase todos os participantes. Isso devido ao fato de haver um supermercado no bairro que tem uma grande bandeira hasteada logo na entrada. Elas disseram que achavam a bandeira bonita. Porém, uma das crianças desenhou muitas bandeiras do Brasil: em suas narrativas, percebi que o futebol era muito presente, o pai brincava de bola no quintal com os filhos, e iam ao estádio de futebol - evidenciando um aspecto importante de sua relação com a família.

A partir de uma escuta sensível, pude proporcionar essa abertura para que elas se sentissem à vontade para falar de si. Eu me senti mais próxima de seus mundos, de suas realidades. Percebi que duas das crianças do grupo brincam mais sozinhas quando estão em suas residências (Amy Rose e Sonic), enquanto que as outras duas têm o hábito de brincar com seus irmãos (Cascão e Daniele). Sonic se destacou por ser a criança que mais consome as mídias em seus momentos lúdicos em casa. Ele mostrou em suas ilustrações que assiste a muitos filmes e desenhos animados; gosta de ver vídeos do Youtube e aprecia jogos de videogame. Foi importante saber que há uma preocupação por parte de sua mãe com relação a esses conteúdos, pois ele relata que está proibido de jogar determinado jogo.

Penso que foi extremamente significativo e surpreendente entrar em contato com a infinidade de personagens de jogos e desenhos animados que eu nunca tinha tido a curiosidade de procurar conhecer, mas que foi preciso mergulhar e pesquisar para entender do que se tratavam essas representações que foram tão presentes nos desenhos das crianças. Confesso que já tinha escutado, vez ou outra, nas conversas diárias entre as crianças, porém não tinha buscado me familiarizar com essa cultura. Fiquei impactada com alguns conteúdos que estão sendo consumidos pelas crianças, porém pude notar que, também, existem desenhos que trazem conteúdos educativos, que transmitem valores e ensinamentos relevantes e construtivos para os pequenos.

Entendo que a escola e as famílias não podem deixar de voltar um olhar cuidadoso sobre os conteúdos midiáticos que inundam a infância moderna, principalmente das crianças que moram nas cidades grandes. Essas crianças não têm o hábito de brincar na rua, pelo perigo que representa a rua na cidade grande; especialmente em Fortaleza em função do domínio e controle das facções nas periferias. Por isso, acabam passando muitas horas do seu dia na companhia das telas.

Acredito que podem aprender muito também, não quero apenas condenar a TV, os games e a internet. Não temos como privar as crianças nascidas na era digital dessas interações. Devo ressaltar que a criança não é um sujeito passivo em relação à cultura: ela consegue fazer uma distinção entre a realidade e a fantasia; no entanto, é um ser humano em desenvolvimento - ainda não tem suficiente material psíquico para discernir entre conteúdos educativos e formativos de outros inadequados para sua idade.

A escola necessita conhecer e se apropriar dos conteúdos que são ofertados através das mídias, e ter um olhar sensível sobre essa relação da criança com seus heróis midiáticos, pois através dessa interação são passados valores, informações que influenciam na construção da personalidade, na cultura e em todo o repertório lúdico infantil, podendo refletir até mesmo na formação do caráter dessas crianças.

Como destaca Derdyk (2020, p. 80), o desenho “estimula a exploração do universo imaginário”. A linguagem do desenho é de suma importância para a criança e para a vida em geral, basta observarmos como ele está presente em todas as atividades humanas, na ciência, na arte, na poesia, etc. E para a criança em especial, pois constitui uma das suas principais formas de expressão, especialmente nessa faixa etária em questão. Através dele podemos estimular a capacidade criadora, a imaginação e a fantasia. De acordo com Vigotski (2018) quanto mais diversas e ricas forem as experiências vividas, mais material teremos para constituição da capacidade criadora e imaginativa. Por isso, é fundamental cuidarmos dos repertórios que as crianças estão acumulando a partir de suas experiências. Os desenhos animados e os jogos constituem experiências que vão compor o material do mundo da fantasia e imaginação infantil.

Com relação aos encontros no ateliê de desenho, farei agora um breve resumo sobre as percepções gerais que foram observadas a cada dia durante as interações do grupo com os desenhos e entre eles. Nos três primeiros encontros, propus a temática “Quem sou eu” - nesses encontros as crianças desenharam seu autorretrato, alguns usando a farda da escola; trouxeram também outros temas que não faziam parte do livro: contaram sobre seus afetos, amigos, personagens de desenho animado, jogos de vídeo game, falaram de situações familiares etc. Quando interrogadas sobre quem elas eram, a resposta de imediato era: eu sou [nome]!. O nome é muito enfatizado na Educação Infantil, trabalha-se bastante o nome próprio e

as letras; talvez por isso elas o considerem como um dos principais elementos de representação de si.

Seguindo o curso, levei a temática “Minha família”, quando todas levaram fotos, apresentaram suas famílias e depois fizeram desenhos das mesmas. Constatei não só através de suas narrativas orais e gráficas, como ao longo do ano letivo, na minha interação diária com essas famílias, que são pessoas responsáveis, anorasas e cientes da importância do seu papel na vida dos filhos. Apesar de não ter sido um critério de escolha dos participantes, todas as crianças do grupo pertencem a famílias com pai, mãe e irmãos.

“Brinquedos e brincadeiras preferidos” foi a temática seguinte. Tal tema releva muito do universo das crianças, das suas culturas. As crianças levaram seus brinquedos preferidos, contaram sobre o que mais gostavam de brincar e se sentiram muito à vontade para falar sobre esse assunto. Notei que algumas têm o hábito de brincar com o pai e irmão em casa; outras brincam mais sozinhas (essas, é provável que não tenham uma interação maior com os irmãos devido a diferença de idade). O que mais me deixou feliz foi a constatação de que todas brincam, tanto em casa, quanto na escola. A brincadeira é parte importante na formação e desenvolvimento infantil, pois é através dela que a criança elabora e reflete sobre o mundo que a cerca.

Em “Minha escola” conversei com o grupo sobre a importância da educação e qual a percepção que eles tinham da escola deles. Foi revelado que as crianças têm uma imagem positiva da escola e do processo de aprendizagem, pois todos disseram que gostava de aprender coisas na escola, de brincar e desenhar. A escola também é um ambiente onde a criança pode se deparar com questões que geram conflitos, pois vão de encontro com a cultura da própria família algumas vezes. Foi o caso da menina bailarina, que falou de sua tristeza de não poder dançar na festa de *Halloween* por questões religiosas. No entanto, considero esses conflitos saudáveis, desde que cada ponto de vista seja respeitado. Na escola as crianças entram em contato com outras culturas, com o diferente, e aprendem a conviver com a diversidade de pessoas e perspectivas distintas.

Através dos desenhos constatee que se pode acessar elementos sociais e culturais das crianças, como aspectos da cultura cearense – a pesca/pescador com sua jangada, os times locais de futebol, os acessos das crianças ao shopping, a cultura midiática dos games e desenhos animados, aspectos religiosos, como no etc. O desenho se mostrou uma via de acesso muito potente para que eu pudesse

conhecer essas realidades às quais pertencem as crianças participantes desta pesquisa.

Por fim, encerro minhas impressões e análises sobre as narrativas (auto)biográficas das crianças da Educação Infantil e sobre a experiência vivida durante essa pesquisa. Confesso que foi muito gratificante poder voltar esse olhar especial e mais atento para os desenhos desses pequenos sujeitos em desenvolvimento - que só foi possível por estar com um grupo menor de crianças. Conhecer sobre suas vidas me expandiu os horizontes sobre a possibilidade transformadora e a potência da abordagem (auto)biográfica, aliada ao desenho infantil. Por meio dela, as crianças são as protagonistas da sua própria história ao se contar; com isso realizam uma autorreflexão que as ajuda na constituição de si.

Partindo do meu olhar, enquanto professora da Educação Infantil, com essa pesquisa pude compreender sobre a necessidade e importância pedagógica de se conhecer a história e os contextos sociais e culturais nos quais estão inseridos os educandos, para que a escola possa promover aprendizagens significativas e contextualizadas com a realidade do seu público. Uma educação de qualidade deve ser uma educação que faça sentido para aquele que aprende. Isso acaba refletindo a nível macro, na sociedade em geral, pois a partir desse conhecimento se poderá pensar em um projeto social que atenda às necessidades reais de cada grupo social, em seus múltiplos e diversos contextos.

Comecei essa dissertação falando de mim, e como já mencionei antes, a abordagem (auto)biográfica contribuiu significativamente no processo de autorreflexão sobre minha trajetória de vida. Portanto, gostaria de dizer que essa abordagem deveria ser trabalhada não só com as crianças, mas também com os profissionais da área, por sua relevância e poder (auto)transformador.

Quero terminar esse texto respondendo a pergunta que fiz aos meus alunos/as nesta pesquisa.

Quem é você?

Eu sou Josy, filha de dona Antônia e seu Assis, lá de Potiretama-CE; sou servidora pública municipal; pedagoga, com especialização em psicopedagogia; professora da Educação Infantil; praticante de yoga e apaixonada por dança. E, agora, sou mestra em Arte Educação. Isso é o que sou até aqui.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, A. A. Por uma pedagogia da infância através da arte. *In*: BENEVIDES; CAMPOS; OLIVEIRA (org.), **Infância, arte e produção cultural**. Estância Velha/RS: Z Multi Editora, 2021.
- ALVES, R. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas, SP: Versus, 2011.
- AMARAL, P. **O que é um motorhome?**. 2022. Disponível em: <https://canaltech.com.br/veiculos/o-que-e-um-motorhome-209811/>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- ASIHVIF, A. Carta da ASIHVIF. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 177-179, 2016.
- BARBIER, René. **A pesquisa-Ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília, DF: Plano editora, 2002. (Série pesquisa em educação, v. 3).
- BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães. GOMES, Cleomar Ferreira. **Os Super-heróis em ação**: podem os desenhos animados sugerirem uma orientação estética lúdico-agressiva? *Revista Eletrônica de Educação*, Universidade Federal de São Carlos, Brasil. 2013.
- BARROS, M. de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BIZZOCCHI, A. Atma, o sopro da vida. **DIÁRIO DE UM LINGUISTA**: um blog sobre língua e outros assuntos. 2022. Disponível em: <https://diariodeumlinguista.wordpress.com/2022/08/08/atma-o-sopro-da-vida/>). Acesso em: 04 maio 2024.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], n. 19, 2002.
- BOYNARD, A. L. S. Desenho animado e formação moral: Influências sobre crianças dos 4 aos 8 anos de idade. *In*: ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, **Anais [...]**, Covilhã, v. 4, 2005, p. 283-290.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério

da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BUNTING, P. **Quem sou eu?**. São Paulo: Brinque-Book, 2021.

CANGURU NEWS. **Huggy Wuggy: game com personagem assustador exige atenção dos pais**. 2022. Disponível em: <https://cangurunews.com.br/huggy-wuggy-game-com-personagem-assustador-exige-atencao-dos-pais/>. Acesso em: 05 maio 2024.

CARVALHO, R. S. Entre as culturas da infância e a rotina escolar: em busca do sentido do tempo na educação infantil. **Revista Teias**, [S. l.], v. 16. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, 2015.

CASTELL, C. P. **Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado**. Rio de Janeiro: FUEG, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. v. 27, n.01, p. 333-346, abr. 2011.

DENTRO DA HISTÓRIA. **12 Curiosidades sobre a Peppa Pig**. 2021. Disponível em: <https://www.dentrodahistoria.com.br/blog/entretenimento-e-diversao/curiosidades-peppa-pig/>. Acesso em: 04 maio 2024.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Panda educação, 2020.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DRAGON BALL WIKI. **Goku**. [2024]. Disponível em: <https://dragonball.fandom.com/wiki/Goku>. Acesso em 14 abr. 2024.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que arte-educação?** Papyrus Editora, 2012.

ELOI, A. **Como jogar Rainbow Friends**. Jovem Nerd. 2022. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/noticias/games/rainbow-friends-como-jogar-roblox>. Acesso em: 22 abr. 2024.

FERNANDES, N. **Yoga terapia: O caminho da saúde física e mental**. São Paulo: Ground, 1994.

FIAUX, G. Cascão: tudo sobre o personagem da Turma da Mônica. **Legião dos Heróis**. [2024]. Disponível em: <https://www.legiaodosherois.com.br/2023/cascao-tudo-sobre-turma-da-monica.html>. Acesso em 17 abr. 2024.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Proposta Curricular para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza**. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROTA, A. M. M. C.; GOLDBERG, L. G.; ANDRADE, A. C. S. **Contribuições da prática do “desenho escuta” para a pesquisa (auto)biográfica com crianças**. Seminário de grupos de pesquisa sobre crianças e infâncias. Natal RN. Pesquisa, direitos humanos e justiça social, 2021.

GOGONI, R. **O que é e como jogar Roblox**. Tecnoblog. 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-e-como-jogar-roblox/>. Acesso em: 09 jul. 2024.

GOLDBERG, L. G. **Autobiografismo**: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional. Tese - (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em educação, Fortaleza, 2016.

GOLDBERG, L. G. Da potência narrativa do desenho infantil para a pesquisa (auto)biográfica com crianças. **Revista @mbienteeducação**, [S. l.], v. 12, p. 141-163, 2019.

GOLDBERG, L. G.; FROTA, A. M. M. C. O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo. **Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 32, p. 172- 179, 2017.

IAVELBERG, R. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

INTERNET MATTERS. **Os pais guiam a Roblox e como seus filhos podem brincar com segurança**. 2021. Disponível em: <https://www.internetmatters.org/pt/hub/esafety-news/parents-guide-to-roblox-and-how-your-kids-can-play-it-safely/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MEREDIEU, F. de. **O desenho infantil**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (org); DESLANDES, S. F.; NETO CRUZ, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MODO BRINCAR. **Descubra o que é Pokémon e por que a série se tornou um fenômeno**. 2024. Disponível em: <https://modobrinCAR.rihappy.com.br/o-que-e-pokemon/>. Acesso em 24 jan. 2024.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil e Arte**: sentidos e práticas possíveis. universidade federal de santa catarina. centro de Ciências da Educação. 2011.

PASSEGGI, M. da C. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. *In*: PASSEGGI, M. C.; LANI-BAYLE, M.; FURLANETTO, E. C.; ROCHA, S. M. (org.). **Pesquisa (auto) biográfica em educação**: infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares. Natal, RN: EDUFRN, 2018.

PASSEGGI, M. C. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021.

PEREIRA, C. N.; VALCÁRCEL, R. **Emocionário**: diga o que você sente. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Faro editorial, 2020.

SARMENTO, M. J. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. *In*: MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (org.) **Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância**. Campinas: Autores Associados, pp: 27-60, 2011.

SARMENTO, T. Narrativas (auto) biográficas de crianças alguns pontos em análise. *In*: PASSEGGI, M. C.; LANI-BAYLE, M.; FURLANETTO, E. C.; ROCHA, S. M. (org.). **Pesquisa (auto) biográfica em educação**: infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares. Natal, RN: EDUFRN, 2018.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores associados, 2013.

SIQUEIRA, I. B.; WIGGERS, I. D.; SOUZA, V. P. O Brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil. **Revista Brasileira Ciências Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 313-326, abr./jun. 2012.

SONIC ZONA WEEK. **Amy Rose**. [2024]. Disponível em: https://sonic.fandom.com/pt/wiki/Amy_Rose. Acesso em: 17 abr. 2024.

STACCIOII, G. Os traços invisíveis nos desenhos das crianças. *In*: GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. (org.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

STACCIOII, G. As di-versões visíveis das imagens infantis. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 21-37, maio/ago, 2011.

THE KINGS OF CARTOON. **Goku**. [2024]. Disponível em: <https://tkoc.fandom.com/pt-br/wiki/Goku>. Acesso em 18 abr. 2024.

TERRA. **Huggy Wuggy e muito mais**: como proteger seu filho dos perigos da internet. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/criancas/huggy-wuggy-e-muito-mais-como-proteger-seu-filho-dos-perigos-da-internet,40478a7dea745094ef8dd99ab57b2896pox4iji5.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

VIGOTSKI, S. L. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância. Ensaio de Psicologia**. Lisboa: Dinalivro, 2012.

WIKIPÉDIA. **Uber**. [2024]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Uber>. Acesso em 17 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Sonic the Hedgehog (personagem)**. [2024a]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sonic_the_Hedgehog_\(personagem\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sonic_the_Hedgehog_(personagem)). Acesso em 17 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **YouTube**. [2024b]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>. Acesso em: 17 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Minecraft**. [2024c]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Minecraft>. Acesso em: 18 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Roblox**. [2024d]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roblox>. Acesso em: 18 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Anime**. [2024e]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anime>. Acesso em: 18 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **WhatsApp**. [2024f]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>. Acesso em: 18 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Peppa Pig**. [2024g]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Peppa_Pig. Acesso em: 18 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Atacadão**. [2024h]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Atacadao>. Acesso em: 18 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Vingadores**. [2024i]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vingadores>. Acesso em: 19 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Free Fire**. [2024j]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Free_Fire. Acesso em: 19 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Barbie**. [2024k]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barbie>. Acesso em: 19 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Castelão**. [2024l]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelão>. Acesso em: 19 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Bia Bedran**. [2024m]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bia_Bedran. Acesso em: 19 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Transformers**. [2024n]. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Transformers>. Acesso em: 19 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Wednesday Addams**. [2024o]. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Wednesday_Addams. Acesso em: 19 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. **Homem-Aranha**. [2024p]. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem-Aranhas>. Acesso em: 19 abr. 2024.

ZAMBELLE, J. A.; METZNER, A. C. O uso do espelho na educação infantil: um importante recurso para o desenvolvimento do esquema corporal da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, SP, v. 5, n. 1, p. 226-239, 2018.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), enquanto responsável pela criança, a participar da pesquisa de mestrado: “RESPEITE A MINHA ARTE”: DESENHO INFANTIL E (AUTO)BIOGRAFIA NO ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Sua participação será autorizando sua criança a participar dessa pesquisa. Tanto sua autorização como a participação da criança não é obrigatória. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Nesse estudo pretendo compreender como a linguagem do desenho pode contribuir para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil a fim de identificar como elas contam suas histórias de vida.

O motivo que me leva a estudar esse assunto é a preocupação da comunidade escolar, em geral, de supervalorizar a linguagem escrita em detrimento das linguagens artísticas, em especial o desenho infantil. Através do desenho, a criança tem a oportunidade de criar algo puramente seu, quando trabalhamos a partir de uma abordagem onde o incentivo é de que ela seja protagonista e não uma reprodutora de uma cópia. A arte tem a potência de fazer com que possamos entender e lidar melhor com nossas próprias emoções. Através das suas linguagens podemos nos expressar e elaborar sobre nós mesmos. Em especial o desenho infantil, pois é uma forma de expressão própria da criança.

Para este estudo adotarei o(s) seguinte(s) procedimento(s): Organizarei um espaço voltado para esses momentos, um ateliê de desenho e arte. Promoverei situações que oportunizem as narrativas de si das crianças através do desenho conjugadas com a oralidade, partindo de temas geradores (minha família, quem sou eu, qual a minha cor, como me sinto (sobre emoções)? Etc. Como suporte levarei filmes, livros infantis, imagens, etc. Utilizarei os seguintes materiais para análise do que será produzido e narrado pelas crianças: gravação das narrativas orais; os desenhos produzidos; registros fotográficos, observação participante e diário de itinerância para anotações e observações minhas.

Para a criança participar deste estudo, você enquanto responsável da criança, deverá autorizar e assinar este termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para permitir a participação da criança ou recusar.

Você, enquanto responsável pela criança, poderá retirar o consentimento ou interromper a participação da mesma a qualquer momento. A participação da criança é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. A criança não será identificada em nenhuma publicação. Este estudo não apresenta risco nenhum à criança.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome da criança ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável, no caso você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Em qualquer etapa do estudo, você poderá nos procurar para o esclarecimento de dúvidas ou para retirar o consentimento de utilização dos dados coletados; através do contato da pesquisadora no telefone (85)988464615, ou através do e-mail: josyholand@gmail.com.

Declaro que concordo em participar desse estudo e autorizo a participação da criança a qual sou responsável. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante e representante legal da
criança que participará da pesquisa

Josenaide Holanda Bezerra – (Pesquisadora)

Prof^ª Dr^ª Luciane Germano Goldberg – (Orientadora)

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, _____, CPF _____,

RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, e das imagens e depoimentos das crianças alunos/as matriculados/as no Centro de Educação Infantil Professor Martins de Aguiar (Fortaleza, CE), especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo a pesquisadora Josenaide Holanda Bezerra, da pesquisa “RESPEITE A MINHA ARTE”: DESENHO INFANTIL E (AUTO)BIOGRAFIA NO ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL a realizar registros fotográficos que se façam necessários e/ou a colher depoimentos em gravações de áudios sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, desenhos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor das pesquisadoras da pesquisa, acima especificadas, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Nº 8.069/ 1990).

Fortaleza, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora responsável pela pesquisa

Responsável pela criança

ANEXO A – DECLARAÇÃO DA ESCOLA AUTORIZANDO A PESQUISA

**EM PROFESSOR MARTINZ DE AGUIAR/
CEI. PROFESSOR MARTINZ DE AGUIAR**

DISTRITO DE EDUCAÇÃO III
RUA: Bernardo Porto, 470- Ellery
E-MAIL: pmartinzdeaguiar2014@gmail.com
Celular institucional: (85)998198383
INEP: 23074140

E. M. Prof. Martinz de Aguiar

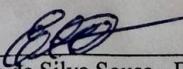
End. Rua Bernardo Porto, 470
Bairro Ellery - CNPJ. 25.990.082/0001-90
INEP. 23074140
Recredenciamento: nº 206/2021

Fortaleza, 25 de julho de 2023

DECLARAÇÃO

Eu, Elivando da Silva Sousa, diretor desta Unidade Escolar aceito e autorizo a realização da pesquisa intitulada **"Respeite a minha arte": Desenho infantil e (auto)biografia no ensino de artes na educação infantil** a ser realizada pela pesquisadora Josenaide Holanda Bezerra professora do CEI. Professor Martinz de Aguiar com número de matrícula: 7089503.

Atenciosamente,



(Elivando da Silva Sousa - Diretor Escolar)

Elivando da Silva Sousa
Diretor Escolar
Mat. 70708-03
CPF. 620.570.063-87

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICA

Pelo presente TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICA que entre si celebram, de um lado a Secretaria Municipal da Educação, pessoa jurídica de direito público, inscrita no CNPJ nº 04.919.081/0001-89, localizada à Av. Desembargador Moreira, 2875, Dionísio Torres, Fortaleza - CE, representada pela Secretária, **Antonia Dalila Saldanha de Freitas**, brasileira, casada, portador da Cédula de Identidade nº 205903390 SSP CE, e CPF/MF nº 510.472.503-06, residente e domiciliado nesta capital, aqui denominada SME; e de outro lado a aluna **Josenaide Holanda Bezerra**, aluna da Universidade Federal do Ceará – **UFC**, do curso de () graduação ou () pós-graduação sendo () especialização; (X) mestrado; () doutorado, do **Curso de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes do Instituto de Cultura e Arte**, devidamente autorizado pela Instituição de Estudo, consoante os termos do processo administrativo nº P306690/2023, a qual pretende pesquisar, com a finalidade de elaborar o trabalho intitulado **RESPEITE A MINHA ARTE”: DESENHO INFANTIL E (AUTO)BIOGRAFIA NO ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, com início previsto para **setembro de 2023** e finalização em **dezembro de 2023**, conforme as cláusulas e condições que seguem.

CLÁUSULA PRIMEIRA. A Secretaria Municipal da Educação autoriza a aluna realizar o trabalho acadêmico, **na EM Professor Martins de Aguiar**, conforme termo da Faculdade/Universidade.

CLÁUSULA SEGUNDA. A produção/reprodução/veiculação de fotos e/ou vídeos do contexto escolar somente poderá ser realizada mediante termo de autorização assinado pelo envolvido e, no caso de criança e adolescente, pelo responsável legal.

CLÁUSULA TERCEIRA. O aluno deve apresentar ao (a) professor(a) regente seus planejamentos das atividades a serem desenvolvidas com a(s) criança(s) durante o seu trabalho acadêmico.

CLÁUSULA QUARTA. Os trabalhos desenvolvidos nas instituições municipais de ensino devem ser entregues no protocolo da SME para conhecimento dos resultados e estudos elaborados, objetivando o aprimoramento das ações pedagógicas, se for o caso.

CLÁUSULA QUINTA. A SME não fornecerá nenhum material, sendo da responsabilidade do aluno adquiri-lo por conta própria.

CLÁUSULA SEXTA. A autorização para ingressar na instituição é exclusiva para os alunos, sendo vedado o acesso a terceiros.

CLÁUSULA SÉTIMA. O aluno deve respeitar todas as normas da instituição de ensino e as diretrizes da direção da unidade.

SUBCLÁUSULA ÚNICA. O aluno deverá estar vestido adequadamente, e usar de



Fortaleza
PREFEITURA

Educação

tratamento respeitoso com os funcionários e alunos das unidades escolares.

CLÁUSULA OITAVA. O descumprimento de qualquer cláusula deste instrumento por parte do aluno acarretará a rescisão imediata deste termo de autorização de pesquisa acadêmica, sem a necessidade de comunicação prévia.

CLÁUSULA NONA. É competente para dirimir qualquer litígio resultante deste Termo o foro de Fortaleza, com prévia renúncia de ambas as partes a qualquer outro foro, por mais privilegiado que seja. E, por estarem assim, justos e compromissados, lavram, datam e assinam o presente instrumento, em 02 (duas) vias de igual teor e forma, para que surta seus devidos e legais efeitos.

Antonia Dalila Saldanha de Freitas
CPF: 510.472.503-06

Josenaide Holanda Bezerra
CPF: 875.557.943-49

Fortaleza-CE, 18 de setembro de 2023.



Este documento é cópia do original e assinado digitalmente sob o número C5FOFPLJ
Para conferir o original, acesse o site <https://assineja.sepog.fortaleza.ce.gov.br/validar/documento>, informe o malote 2647489 e código C5FOFPLJ

ASSINADO POR:

Assinado por: ANTONIA DALILA SALDANHA DE FREITAS:51047250306 em 19/09/2023